

EDGARD COUTINHA

*Memória
do Fanzine
Brasileiro*

EGGON

EDGARD GUIMARÃES

Memória do Fanzine Brasileiro

TEGLO
EDGARD GUIMARÃES
organizador



R. Capitão Gomes, 168
Brazópolis – MG – 37530-000

Edição Independente
Impressão Digital

2013 / 2019

APRESENTAÇÃO

No final de 2001, Worney Almeida de Souza me pediu para fazer um livro sobre fanzines para ser publicado dentro de uma coleção sobre as Histórias em Quadrinhos no Brasil, que seria editada pela Opera Graphica. Propus ao Henrique Magalhães que fizesse metade do livro, a parte histórica e conceitual, assuntos sobre os quais ele já tinha muito texto publicado; e eu faria uma segunda parte colhendo depoimentos dos editores mais destacados. Escrevi a vários editores e recebi dezenas de depoimentos. A coleção da Opera Graphica teria mais de uma dezena de volumes e o sobre fanzines seria o último. Como nem o primeiro volume foi publicado, não me animei a organizar todo o material que recebi. A parte que coube ao Henrique estava toda pronta e ele acabou publicando o material pela sua própria editora, a Marca de Fantasia.

Esta coleção de depoimentos de editores de fanzines teria ficado inédita em minhas mãos, não fosse a fatalidade que acometeu Márcio Costa em 15 de maio de 2006. Márcio foi um dos editores que prontamente me atendeu quando comecei a coletar depoimentos de fanzineiros em finais de 2001. O falecimento de Márcio, grande editor e amigo, participante ativo e incentivador de minhas iniciativas, exigiu que eu lhe prestasse uma homenagem no **QI**. Assim, recuperei seu depoimento e o publiquei no **QI** 80, de maio/junho de 2006, na ocasião sem o sobretítulo *Memória do Fanzine Brasileiro*.

Apesar desse pontapé inicial, não consegui dar seguimento à publicação dos demais depoimentos. Quase dois anos depois, o falecimento de Oscar Kern, em 12 de janeiro de 2008, novamente exigiu de mim nova homenagem e publiquei seu depoimento no **QI** 91, de março/abril de 2008. Dessa vez com o sobretítulo *Memória do Fanzine Brasileiro*, o que denunciava minha intenção de fazer uma seção regular.

No entanto, mais dois anos se passaram e somente com a reformulação do **QI** a partir do número 101 é que me organizei para publicar os depoimentos restantes. O terceiro depoimento saiu no **QI** 102, de março/abril de 2010 e daí em diante cada número do **QI** trouxe a seção enfocando um editor diferente.

Como se depreende do escrito acima, os depoimentos dos editores abrangem suas atividades até o ano de 2002, quando me enviaram seus textos. Muitos desses editores estavam em atividade na época e muitos estão até hoje. Assim, na ocasião da publicação dos depoimentos no **QI**, eu acrescentei informações atualizadas, principalmente em relação às suas novas edições.

Agora que estes depoimentos estão sendo reunidos em livro, haverá alguma desatualização, pois felizmente há vários dos editores enfocados ainda em atividade. Qualquer biografia de autor em atividade sempre ficará desatualizada. Ainda bem.

Uma questão sobre a qual se possa ter dúvida é qual o critério adotado para a escolha dos editores enfocados. Na época, final de 2001, enviei uma carta-convite a todos os editores de fanzine com os quais eu mantinha contato. Daí já se vê que alguns editores nem foram convidados, pois na época eu já havia perdido o contato com eles. Assim mesmo, mandei convite para 52 editores de fanzines. Desses, 28 responderam topando participar do livro, mas apenas os 23 aqui enfocados enviaram de fato seus depoimentos. Portanto, o critério foi esse: aqueles que se deram ao trabalho de participar. Há, por certo, muitos nomes de mais alta relevância na arte de fazer fanzines que não estão presentes neste livro, infelizmente. No entanto, os 23 editores, cujos depoimentos estão aqui reunidos, compõem uma amostra das mais significativas daqueles que começaram suas lides no mundo das publicações amadoras de fanzines desde os meados da década de 1960.

Cabe, ainda, uma última observação. O mundo dos fanzines não se restringe às publicações dedicadas às Histórias em Quadrinhos. Há uma enorme quantidade de fanzines de outros temas, com destaque para os de música e ficção científica. Os depoimentos colhidos, no entanto, foram somente de editores de fanzines de Quadrinhos, pois o projeto original, como mencionado no primeiro parágrafo, era de uma coleção dedicada à História em Quadrinhos no Brasil.

Edgard Guimarães

ÍNDICE

Folha de Rosto – 3

Apresentação – 5

Índice – 7

MÁRCIO COSTA

Depoimento publicado em **QI 80** (mai/jun/2006) – 9

OSCAR KERN

Depoimento publicado em **QI 91** (mar/abr/2008)– 13

LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO

Depoimento publicado em **QI 102** (mar/abr/2010) – 17

ALVIMAR PIRES DOS ANJOS

Depoimento publicado em **QI 103** (mai/jun/2010) – 21

EMIR LIMA RIBEIRO

Depoimento publicado em **QI 104** (jul/ago/2010) – 25

DIAMANTINO DA SILVA

Depoimento publicado em **QI 105** (set/out/2010) – 29

JOSÉ MAGNAGO

Depoimento publicado em **QI 106** (nov/dez/2010) – 33

ROBERTO GUEDES

Depoimento publicado em **QI 107** (jan/fev/2011) – 37

VALDIR DÂMASO

Depoimento publicado em **QI 108** (mar/abr/2011) – 41

MARCELO MARAT

Depoimento publicado em **QI 109** (mai/jun/2011) – 47

PAULO RICARDO

Depoimento publicado em **QI 110** (jul/ago/2011) – 51

JOACY JAMYS

Depoimento publicado em **QI 111** (set/out/2011) – 55

WALLACE VIANNA

Depoimento publicado em **QI 112** (nov/dez/2011) – 59

CLÁUDIO S. DILLI

Depoimento publicado em **QI 113** (jan/fev/2012) – 63

DENILSON ROSA DOS REIS

Depoimento publicado em **QI 114** (mar/abr/2012) – 67

JOSÉ VALCIR

Depoimento publicado em **QI 115** (mai/jun/2012) – 71

EDSON RONTANI

Depoimento publicado em **QI 116** (jul/ago/2012) – 75

AIMAR AGUIAR

Depoimento publicado em **QI 117** (set/out/2012) – 79

CLAUDIO RUBIN

Depoimento publicado em **QI 118** (nov/dez/2012) – 83

GUTEMBERG CRUZ

Depoimento publicado em **QI 119** (jan/fev/2013) – 87

HENRIQUE MAGALHÃES

Depoimento publicado em **QI 120** (mar/abr/2013) – 95

GONÇALO SILVA JÚNIOR

Depoimento publicado em **QI 121** (mai/jun/2013) – 103

FLÁVIO CALAZANS

Depoimento publicado em **QI 122** (jul/ago/2013) – 115

Apêndice – 121

Edgard Guimarães – 123

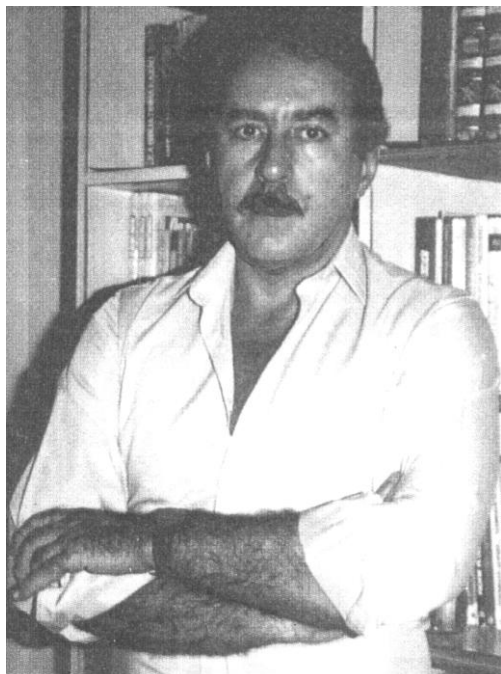
Depoimento do Editor

MÁRCIO COSTA

Eu tinha feito muitos contatos na época em que colaborava na feitura do fanzine do Gibi Clube do Rio de Janeiro, e tomei gosto pela pesquisa de material antigo e pela aventura que é fazer um fanzine.

Fiquei conhecendo muitos fanzineiros, leitores, então eles deram força quando o Gibi Clube fechou e eu decidi lançar um fanzine meu para continuar a ter o prazer de fazer. Tinha virado um hobby, por assim dizer.

Comecei em 1987, lançando o **Superfan** em formato pequeno, 30x21,5cm, mas com uma novidade, que eram as capas desdobráveis, mais uma página dupla no meio. As capas e essa página interna se abriam como posters, ficou bacana. A diferença em relação ao zine do Gibi Clube é que o **Superfan** não abordava apenas quadrinhos antigos, mas também cinema. Os filmes de antigamente, os de aventuras, terror, seriados, faroestes, épicos, todos aqueles que fizeram a cabeça da geração dos anos 40 e 50. Os inesquecíveis, os que tinham astros imortais, trilhas sonoras vigorosas, momentos mágicos que se incorporaram ao patrimônio emocional e ao imaginário de milhões de pessoas pelo mundo.



Com a divulgação feita por outros zineiros, que já conheciam meu trabalho do zine antigo, eu toquei o barco, e lá pelo número três senti que o **Superfan** tinha pegado. Antes que perguntem, aliás, o nome Superfan reflete o meu próprio posicionamento diante dos quadrinhos e dos grandes filmes: um 'fan', capaz de reler ou rever filmes por vezes incontáveis. E no logotipo, fiz

uma brincadeira visual reproduzindo aquele logo clássico do Superman, com as letras em perspectiva. Aproveitei também um simpático bonequinho que eu havia criado para um artigo do zine do Gibi Clube, um garotinho alegre, vestido com partes de roupas diversas de heróis de quadrinhos: o calção do Fantasma, a camisa com o ‘S’ de Superman, um boné com as orelhas do Mickey. Na mão, uma daquelas espadas com que os garotos de antigamente adoravam brincar. Embaixo do braço, um maço de gibis. Tornou-se a figura-símbolo do zine.

Entre 1987 e agosto de 1989, lancei 8 números do **Superfan**, mostrando Errol Flynn, Alex Raymond, o Zorro de Guy Williams, Frazetta, Mickey, os seriados do Batman, entre dezenas de outros assuntos, as coisas mais variadas. Choviam cartas. Alguns queriam que eu participasse desse ou daquele evento, mas isso eu evitava, porque fazia o zine só por hobby, não tinha maiores pretensões.

Essa despreensão se refletia no jeito absolutamente descontraído do zine. No fundo, eu não fazia o **Superfan** para os leitores, mas para mim mesmo. Eu queria me divertir com aquilo, então o **Superfan** era meio insólito, surpreendente até para mim. Não se chorava o passado que se foi, a infância querida, ou o que fosse, porque eu nunca fui saudosista. Tinha um texto bem-humorado, brincalhão, tremendamente iconoclasta. Acho que foi isso que fez com que se formasse certa quantidade de leitores fiéis e o zine tivesse seus fãs, ele próprio. Os leitores – algumas dezenas, do Brasil inteiro – curtiam tremendamente aquelas brincadeiras todas, as respostas malucas às cartas, as brigas internas da equipe (eu sozinho, com os mais variados e absurdos pseudônimos). Ao mesmo tempo, os leitores percebiam que, por trás das brincadeiras e da descontração, havia muita – muita – pesquisa. Eu trabalhava duro para conseguir fotos raras, informações detalhadas sobre todos os assuntos abordados. Posso garantir que a pesquisa era séria, e o hobby era muito trabalhoso.

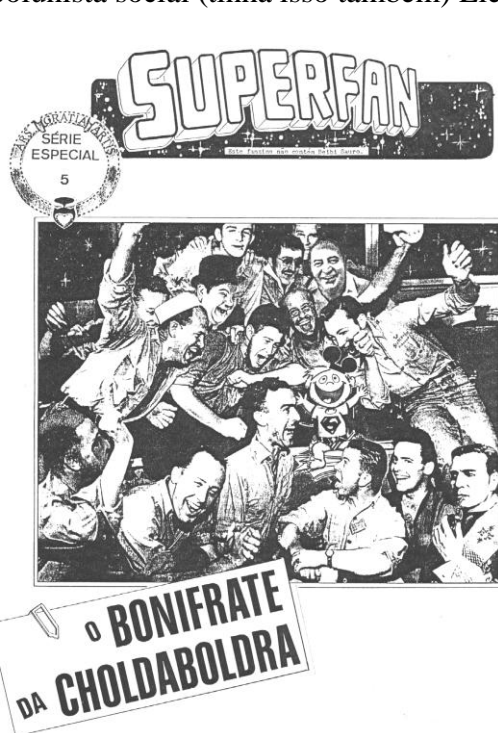
Em maio de 1990 decidi mudar tudo, e recomecei do número 1, com uma **Série Especial** em formato A3 (42x30cm), inédito até então em zines, talvez até hoje ainda. Suprimi a seção de cartas, mas tive que voltar a ela no número seguinte, porque os leitores sentiram falta da seção de cartas mais maluca que já existiu.

Ao contrário do que muitos pensam, aliás, raras cartas eram inventadas, mas parecia assim porque eu aproveitava coisas que eram ditas verbalmente, e respondia geralmente de maneira disparatada.

Essa **Série Especial** quase sempre dedicava cada número a um determinado assunto: teve sobre Bela Lugosi e Boris Karloff, os grandes épicos do cinema, o faroeste, James Bond, os quadrinistas clássicos como Hogarth,

Carl Barks, John Stanley, Hal Foster, e por aí vai. Teve até um sobre os grandes filmes de piratas, os de Errol Flynn, Douglas Fairbanks, Burt Lancaster, e um número especialmente dedicado ao ano de 1958 – muito antes que um livro fosse lançado sobre esse assunto – onde mostrei do ‘Hércules’ Steve Reeves ao histórico Falcão Negro, dos anos 50, o maior herói juvenil que a TV brasileira já teve.

Assim surgiu o **Superfan**, descompromissado, gaiato, brincalhão, absolutamente louco, mas com muito trabalho de pesquisa por trás, por mais 11 números nessa **Série Especial**. No conjunto, publiquei inúmeras raridades, como uma foto do Capitão Maximilian de Borg, o homem que inspirou Ian Fleming na criação de James Bond, foto essa que não existe em nenhuma enciclopédia ou livro sobre 007. Furo mundial. Entrevistei Edmundo Rodrigues – desenhista de Jerônimo –, Flavio Colin – das Aventuras do Anjo. Publiquei – pela primeira vez – foto e biografia do célebre capista brasileiro Lutz, do **Globo Juvenil** e tantas outras publicações. A correspondência era intensa, os leitores mandavam abraços para os meus pseudônimos: Magnésio Papacarpa, Pascácio P. Polenta, Eplipantério Pamplona, entre outros, como o inesquecível colunista social (tinha isso também) Eleutério Faisão.



Superfan – Série Especial nº 5 (dez/1992) e nº 10 (mar/1996).

Fatos engraçados? Inúmeros. Uma vez recebi uma carta de Lisboa – como o zine foi parar lá não sei – endereçada ao ‘Senhor Superfan’. Outra vez, logo no início – essa é até meio trágica – um leitor mandou uma carta dizendo que tinha conversado com Flash Gordon, e que seres alienígenas iriam invadir a Terra em breve, mas ele já tinha falado com o Superman e o Batman e não sei quem, e por aí seguiu. Tenho esse nome anotado até hoje, creio que muito zineiro antigo deve conhecer e talvez outros tenham recebido cópias desta carta. Teve outra de uma senhora muito educada, de Minas Gerais, eu acho, que disse que adorou o zine, mas não ia se estender muito nos comentários porque tinha medo de ser esculhambada na seção de cartas – aquelas brincadeiras malucas que eu fazia com os leitores. Eu a tranquilizei.

E o fato mais curioso de todos, que foi publicar uma matéria sobre Bob Nelson, o lendário cowboy brasileiro dos anos 40 e 50, e, semanas depois, receber inesperadamente em minha casa a visita do próprio! Um amigo tinha mostrado o zine para ele, ele adorou, anotou o endereço e veio me visitar. Simplesmente chegou e tocou o interfone: ‘Márcio? É o Bob Nelson.’ Subiu, autografou meus discos, cantou ‘Oh, Suzana’, ‘Rancheiro Alegre’, entre muitos de seus clássicos, com todos aqueles io-le-rís que fizeram sua fama. Ouvi Bob Nelson ao vivo, em audição particular. Naquele dia eu senti que valia a pena ser zineiro.

De resto, a produção e a distribuição eram amadoras, típicas de zines, originais datilografados, cópias xerocadas mandadas por correio, divulgação feita pelos colegas. O último número da **Série Especial**, o 11, foi lançado em dezembro de 1997, com o título ‘E O Vento Levou’. Tinham sido dez anos de trabalho, 19 número no total. Era suficiente. Fiz uma carta de despedida aos leitores e disse adeus. Parei porque acho que tudo tem seu tempo, e o meu tempo de zineiro estava esgotado. Me vi montado a cavalo, caminhando em direção ao crepúsculo, como todo bom cowboy de antigamente. Mas o querido **Superfan** deixou boas lembranças e trouxe bons amigos que preservo até hoje.

Nasci em 1951, sou brasileiro, arquiteto, publicitário e escritor. Meu primeiro emprego, aos 17 anos, foi no Departamento de Arte da Rio Gráfica, em quadrinhos e ilustração, ao final dos anos 60. Tive também alguns trabalhos publicados pela Ebal, de Adolfo Aizen. Joguei pelada com Nilton Santos.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Márcio publicou ainda, em dois volumes, todas as HQs de Spirit, em inglês, da série ‘Outer Space’, as últimas do personagem produzidas por Will Eisner e Wallace Wood em 1952.

Márcio Costa faleceu no dia 15 de maio de 2006, no Rio de Janeiro.

Memória do Fanzine Brasileiro

Depoimento do Editor

OSCAR KERN

Foi em uma das revistas da Ebal, nas *Notícias em Quadrinhos*, que li, pela primeira vez, a palavra “fanzine”.

A revista informava o lançamento de **Boletim Ficção**, do Intercâmbio Ciência Ficção Alex Raymond, editado por Edson Rontani.

O boletim era composto, basicamente, de ofertas e procura de antigas revistas de histórias em quadrinhos.

A Ebal informava, naquela revista, que a publicação editada por Rontani era comum nos Estados Unidos, conhecida como “fanzine”, e que publicava também artigos e até mesmo HQs.

Então, eu me resolvi. Eu tinha algo a dizer sobre HQs, e não tinha onde dizer.



Caricaturas de Oscar Kern feitas por Edgar Vasques em 1988 e por Umberto Losso em 2000.

Em janeiro de 1970, surgiu **Historieta** n° 1, mimeografada. Em fevereiro de 1970, o n° 2, ambas em formato ofício.

(Estes dois números trouxeram as matérias *Inflação de Super-Heróis*, *Turma Titã*, *Tintin*, *Um Ano sem Brucutu e sem Ferdinando*, *Publicações que Contam a História das Histórias em Quadrinhos*, *Quadrinho Brasileiro: Existe?*, além de anúncios de venda de revistas, pequenas notas etc.)

Houve uma parada, e então **Historieta** ressurgiu, ainda em formato ofício, mas então impressa em off-set.

(Este novo nº 1 saiu pela Editora Dibral, de Passo Fundo (RS), em fins de 1971, com as matérias da 1ª série reescritas.)



Historieta nºs 1 e 2 (1ª série) e nº 1 (2ª série).

Nova parada e novo número 1, agora meio ofício, e apresentando histórias de Altair Gelatti.

(Esta terceira série, ainda pela Editora Dibral, teve a mudança de formato sugerida por Adolfo Aizen. Foi lançada em princípio de 1972. Apesar de ter toda sua tiragem vendida, a Dibral desistiu de continuar editando a revista.)

Outra parada e outro número 1. Formato ofício, mas posição horizontal, novamente mimeografado.

(Esta quarta série saiu em 1977.)

Depois, outra parada.

Então, em outubro de 1978, o primeiro número de **Historieta** nos moldes atuais (5ª série). Tiragem: 3000 exemplares.



Historieta nº 1 (3ª série), nº 1 (4ª série) e nº 1 (5ª série).

Razão para a tiragem elevada: na época, não existia nenhuma revista de histórias em quadrinhos nacionais.

Mas...

Eu não imaginava que uma editora paranaense, chamada Grafipar, efetuou um lançamento que sacudiu a nação: uma revista de HQs eróticas, nacionais.

Pobre **Historieta**: sobrou nas bancas...

Do nº 1 ao nº 8, **Historieta** foi impressa em off-set. Mas, a partir do nº 9, cai na realidade: tiragens baixas e cópias tipo xerox.

Enquanto editava **Historieta**, editei também o fanzine **Projeto Spirit**, destinado a incentivar a troca de cópias de histórias do Spirit. Parou no terceiro número.



Projeto Spirit nº 1, Confraria dos Dinossauros nº 1 e Novo Globo Juvenil.

Atualmente, além de **Historieta**, edito o fanzinhão (mesmo formato da **Biriba Semanal**) **Confraria dos Dinossauros**, 35 exemplares, voltado à publicação de material antigo e à obtenção dos finais das HQs deixadas sem conclusão quando a **Biriba Semanal** encerrou em seu número 79.

Distribuição: quando ficou evidente que a distribuição nas bancas não levava a nada de positivo, comecei a procurar endereços de leitores, principalmente nas revistas da Ebal. Então, apareceu o Raul Veiga, lá dos Estados Unidos, com seu fanzine em português, **O Lobinho**. Ele me forneceu uma lista com nomes de 2000 leitores de todo o Brasil, e assim teve início minha rede de... 35 leitores...

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Na década de 1970, Oscar Kern trabalhou como roteirista para a Editora Abril, escrevendo principalmente histórias de Zé Carioca.

Como roteirista, teve suas próprias criações, sendo que as mais notáveis foram as séries *O Homem Justo* e *A Brigada das Selvas*, ambas com desenhos de Ailton Elias. Também com Elias, criou *A História dos Quadrinhos*, publicada em capítulos em **Historieta**.

Arriscou-se como autor único em pelo menos duas séries de tiras, *Drogadilhos*, usando colagem em vez de desenhos, e *Os Micróbios*, onde era bem fácil desenhar um micróbio.

Como editor independente, além das publicações mencionadas, lançou um volume com HQs de Spirit, a coleção fac-similada dos 79 números de **Biriba Semanal** e, juntamente com Jorge Barwinkel, o belíssimo livro **Novo O Globo Juvenil**.



The Spirit, Historieta n° 19, Historieta da Press e Brigada das Selvas n° 1.

Continuou editando **Historieta** (5ª série), cujo número 19 saiu em 2003. O n° 20 estava em produção.

Na década de 1980, conseguiu colocar duas revistas em bancas através de editoras profissionais. A Editora Press lançou em 1986 uma edição única de **Historieta** e a editora Evictor lançou o n° 1 de **Brigada das Selvas**. Infelizmente as duas revistas não tiveram continuidade.

Ultimamente, Kern mantinha-se ativo participando de grupos de discussão sobre quadrinhos na internet e nos encontros de quadrinhistas e editores realizados regularmente na capital gaúcha.

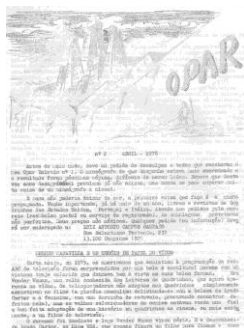
Oscar Christiano Kern, nascido em Taquara (RS) em 1º de setembro de 1935, faleceu em Porto Alegre (RS), em 12 de janeiro de 2008.

Memória do Fanzine Brasileiro

Depoimento do Editor

LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO

Se minha memória não me trair, foi em março de 1978 que preparei o nº 1 do **Opar Boletim**, um fanzine feito naquela monstruosa e horrorosa máquina a que chamávamos mimeógrafo a álcool. Tudo muito primitivo, reprodução extremamente sofrível, nada de ilustração. Um pesadelo, uma decepção. Mas era o mimeógrafo a álcool o que havia a nossa disposição na época. A xerox ainda estava engatinhando por aqui. Naqueles dias eu importava material americano e europeu de quadrinhos para revender, e fazia catálogos dessas publicações (também no mimeógrafo). Decidi criar então um fanzine que seria enviado gratuitamente aos colecionadores que recebiam os meus catálogos. O fanzine e o catálogo eram enviados juntos.



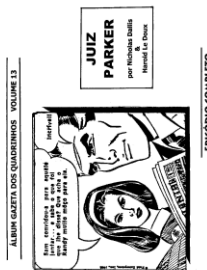
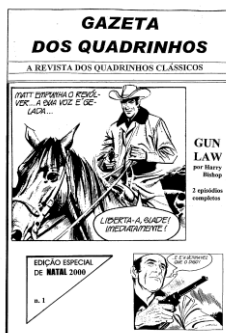
Opar Boletim n°s 2 (abr/1978) e 15 (out/1980) e edições especiais de julho e novembro de 1979.

Assim nasceu o **Opar Boletim**. O nome Opar foi obviamente tirada da cidade perdida criada por Edgar Rice Burroughs em **Tarzan**. Eu procurava colocar no fanzine comentários e notícias sobre as histórias em quadrinhos. Fiz também uma tentativa de apresentar uma história de todos os westerns que apareceram nos quadrinhos. Uma tentativa que se prolongou por quase todos os números do fanzine, mas que não chegou ao seu final, pois o fanzine morreu bem antes do final da história. O **Opar Boletim** circulou até o nº 15 (outubro de 1980), quando começou a ser apresentado em xerox. Mas tudo terminou aí. Por que não continuei? Não sei, não me lembro.

Este último número, no entanto, não foi a minha primeira tentativa de fazer o **Opar Boletim** em xerox. Em julho de 1979 eu fizera um número especial comentando a revista **Tarzan** nos Estados Unidos e no Brasil. Reprodução em xerox, mas muito falha ainda. Em novembro do mesmo ano, outra edição especial, dessa vez abordando as garotas das selvas (Sheena, Tiger Girl, Nyoka etc.). Também em xerox. E também reproduções com as mesmas falhas.

Após outubro de 1980, não mais pensei em fazer fanzine. Engano meu.

Vinte anos mais tarde, em novembro de 2000, retornei aos fanzines com a **Gazeta dos Quadrinhos**. Só que agora o terrível mimeógrafo, pesadelo de duas décadas atrás, estava totalmente esquecido, morto e enterrado. As máquinas de xerox já se mostravam quase tão perfeitas como uma impressora, portanto os recursos eram infinitamente superiores. A **Gazeta dos Quadrinhos** surgiu como uma tentativa de republicar, de forma correta e integral, as velhas tiras diárias e páginas dominicais, material que já estava esquecido entre os editores profissionais no Brasil. A **Gazeta dos Quadrinhos** circula duas ou três vezes por mês sempre com histórias seriadas. A **Gazeta dos Quadrinhos Mensal**, iniciada em janeiro de 2001, por sua vez, só traz episódios completos em cada número. E a **Gazeta dos Quadrinhos Especial**, que circula de vez em quando, também só apresentou histórias completas.



Gazeta dos Quadrinhos n° 1 (nov/2000), Gazeta dos Quadrinhos Mensal n° 1 (jan/2001), Gazeta dos Quadrinhos Especial n° 1 (dez/2000) e Álbum Gazeta dos Quadrinhos n° 13 (dez/2005).

Minha inspiração para criar a **Gazeta dos Quadrinhos** foi um excelente tabloide semanal americano chamado **The Menomonee Falls Gazette**, só que este era totalmente profissional.

Até o momento dessas linhas, as três séries da **Gazeta** continuam circulando sem sinais de enfraquecimento. No entanto, só o futuro poderá dizer até quando a **Gazeta** sobreviverá. De qualquer forma, será meu último fanzine.

De todos esses fanzines que fiz há cerca de 30 anos, não tenho mais nenhum exemplar, nem mesmo para meu próprio arquivo. A única exceção foi um **Opar Boletim Especial** de que eu tinha um exemplar perdido e esquecido no fundo de um baú.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

A **Gazeta dos Quadrinhos** circulou até o nº 200 (novembro de 2008), a **Gazeta dos Quadrinhos Mensal**, até o nº 100 (abril de 2009) e a **Gazeta dos Quadrinhos Especial** teve seu oitavo e último número publicado no inverno de 2004. A principal razão para o fim dessas séries é que Luiz Antônio Sampaio já havia publicado quase tudo que possuía de quadrinhos clássicos disponível em português. Chegou a publicar alguma coisa em espanhol e italiano, pela importância ou raridade do material, mas isso já fugia um pouco dos objetivos dos fanzines. Assim como fugia também a publicação de HQs em inglês, o que não falta no arquivo de Sampaio, e que daria para produzir várias centenas de edições. Durante o ano de 2005, Luiz Antônio ainda lançou 13 edições de uma nova série da **Gazeta**, intitulada **Álbum Gazeta dos Quadrinhos**.

Antes de começar a publicar as séries da **Gazeta**, Luiz Antônio Sampaio editou dois livros independentes memoráveis sobre Tarzan, ambos com impressão em xerografia. O primeiro, **Tarzan – O Mito Desenhado**, é um estudo detalhado sobre as adaptações de Tarzan para os quadrinhos, desde as pranchas dominicais feitas por Foster em 1929, as várias tiras diárias para jornais, até as várias séries de revistas publicadas por várias editoras. Tudo fartamente documentado e ilustrado. O segundo, **Tarzan Portfolio**, como o nome diz, é uma seleção de ilustrações de Tarzan feitas pelos maiores artistas que passaram pelo personagem, desde Foster, passando por Hogarth, Jesse Marsh, Russ Manning, Joe Kubert, Bob Lewis, entre outros.



Tarzan – O Mito Desenhado (nov/1998) e **Tarzan Portfolio** (dez/1998).

Entre o início da década de 1980 e o início da de 1990, durante cerca de 10 anos, Luiz Antônio Sampaio colaborou com textos sobre quadrinhos para as revistas da Editora D-Arte. Estreou a coluna *Quadrinhos pelo Mundo*, inicialmente de 1 página, no nº 16 da revista **Calafrio**. A coluna saiu em todos os números da revista até seu cancelamento no nº 52, num total de 47 páginas. A revista **Calafrio** (e um número de **Calafrio Especial**) também publicou outros artigos mais elaborados de Sampaio, com número de páginas variando entre duas e seis, especialmente biografias de autores, num total de 41 páginas, e artigos sobre editoras, personagens etc., num total de 50 páginas. Na outra revista da Editora D-Arte, **Mestres do Terror**, Sampaio começou a publicar a coluna *As Grandes Obras em Quadrinhos* no nº 24, inicialmente com 1 página, mas chegando a ter até 4 páginas, em praticamente todos os números até o cancelamento da revista no nº 62. Foram no total 225 páginas de informações sobre quadrinhos. Algumas vezes Sampaio foi incentivado a reunir todas essas páginas, já compostas, num fanzine especial, mas julgou que havia muitas falhas nos textos e seria muito trabalhoso revisá-los.



Página inicial da coluna *Quadrinhos pelo Mundo* e capa do catálogo da exposição **Linguagem e Evolução das Histórias em Quadrinhos**.

Segundo informações veiculadas por João Antônio Bühner de Almeida, Luiz Antônio Sampaio, juntamente com Rolf de Luna Fonseca, organizou em Campinas, em abril de 1970, a exposição *Linguagem e Evolução das Histórias em Quadrinhos*. Esta exposição contou com palestras de Álvaro de Moya e Décio Pignatari, exibiu originais de Burne Hogarth e Lee Falk, além de reproduções de revistas, álbuns e livros, e aconteceu antes do famoso *I Congresso Internacional de Histórias em Quadrinhos* realizado no MASP em novembro de 1970.

Sampaio também publicou centenas de edições de HQs clássicas em inglês para colecionadores norte-americanos e alguns brasileiros interessados. Connie, Patsy e Tailspin Tommy foram alguns dos personagens enfocados.

Depoimento do Editor

ALVIMAR PIRES DOS ANJOS

Nasci em Lins em 9 de abril de 1952. Transferi-me para Campinas em 1957. Minhas primeiras incursões literárias datam da época do ginásio e a primeira publicação que registrou meus escritos foi o jornalzinho **O Bicão**, da



Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em setembro de 1971. Minha primeira HQ, escrita em 1969 e parcialmente finalizada tinha o personagem Atlanis como protagonista.

A incursão seguinte foi motivada pelo surgimento da revista **O Judoka** da Ebal em 1969. A HQ que fiz desse personagem pode ser considerada minha primeira totalmente completa. Não foi publicada pela Ebal devido ao cancelamento da revista.

Em 1974/75 desenvolvi *Kaapora*, uma série baseada em pesquisas de enigmas do Brasil Central. Efetuei viagens diversas a Goiás, Mato Grosso, coletando dados para as histórias, contudo somente em 1978 é que apresentei o projeto à Ebal. Esse material, analisado por Naumin e Adolfo Aizen, foi muito elogiado, porém o saudoso Adolfo Aizen exigiu-me dez álbuns prontos para início de publicação, o que de certo modo desanimou-me, uma vez que não me dava garantia nenhuma, caso mudasse de idéia.

Em 1979, trabalhando na agência de propaganda Unart, seu proprietário propôs-me sociedade no lançamento de revista de quadrinhos, logo por mim batizada de **Factus**. Abandonando o barco, contudo, fiquei sozinho na empreitada. O primeiro número saiu em 1980, teve uma tiragem de 12500 exemplares, sendo distribuída em Campinas, São Paulo, Grande ABC, Santos e Rio de Janeiro. A Copião S/C Ltda, gráfica que produziu a revista, agiu de má fé, providenciando tiragem extra, matando assim a galinha dos ovos de ouro. Vendeu direto a jornalheiros, fazendo distribuição paralela, o que não impediu que falisse dois anos depois, quando denúncia de jornalista esclareceu o caso.

Em 1981, o editor Oscar Christiano Kern enviou-me seus primeiros números de **Historieta**. Como já estava propenso a continuar com tiragens menores de mil exemplares, no ano seguinte aprontei o segundo número da revista, distribuída em bancas apenas em Campinas, além de ser vendida pelo correio para colecionadores que aderiram à assinatura de 4 números. Então **Historieta** 5 serviu de ânimo para o lançamento de **Factus** 2. Acho que por ser vendida em bancas até o número 3, somente a partir do nº 4 é que **Factus** pode ser considerada uma publicação independente, um fanzine como se diz. Acho que o correto seria dizer “quadrinho independente”, pois fanzine se aplicaria a edições de fãs de algo existente, como fanzine do Perry Rhodan, do Batman, do Homem-Aranha etc. Acho o termo fanzine um pouco depreciativo, pejorativo, como se fôssemos amadores pretensiosos, quando o que nos breca é o colonialismo cultural e a estratégia de venda a preço de banana dos originais gringos. Nada de fanzine, publicação independente é que seria o termo correto.

O nº 2 de **Factus**, impresso em off-set, ainda na picareta Copião, provou que 500 exemplares seriam suficientes para continuação como publicação independente. Assim, os números 3 (1984) e 4 (1987) fixaram-se nessa tiragem. Todos os números estocados, além de venda por correio a assinantes e compradores avulsos, também foram expostos em livrarias: Pontes em Campinas e Muito Prazer em São Paulo. Uma boa surpresa foi, indo a São Paulo, constatar que toda a quantidade deixada com o Emílio Lucindo Valadares esgotara-se, prova do interesse do leitor por edições com bom acabamento gráfico. Também na Pontes a venda resultou satisfatória.

Mas como minhas atividades principais (a confecção de livros para clientes, inclusive a revisão literária) tomavam-me muito tempo, decidi em 1987 editar o último número da assinatura e encerrar minha atividade como editor independente, já que não havia lucro, apenas recuperação parcial do investido.



Factus nº 1 (1980), nº 2 (1982) e nº 5 (2000).

Assim, preparei uma saída à francesa: distribuí um aviso junto com o nº 4 propondo um cadastro de remessa automática para os interessados. Ficava no ar a ideia de que continuaria, quando em verdade encerrava-se ali a trajetória de **Factus**. O somatório da experiência toda foi ter botado o dedo na ferida em assuntos antes escamoteados pela classe artística/aficionados. Assuntos como o uso de modelos/fotos encenadas por artistas como Milton Cannif, Alex Raymond e outros. **Factus** também abordou assuntos como patrulhamento artístico, a inspiração óbvia de HQs com temáticas elementais, como saci-pererê, Aquaman, Thor, Miudinho, Príncipe Valente etc., algo inédito no Brasil. Deu também oportunidade a vários artistas, amadores e profissionais, recebeu cartas de novatos, hoje editores como Rodinério Rosa, e até de escritores como a Sônia Luyten. Chegou a diversos países como Austrália, USA, Cuba etc. **Factus**, até o número 4, teve entre 24 e 34 páginas, no formato aproximado de 22x30 cm, impresso em off-set.

Uma consequência da publicação de **Factus** 3 é que na exposição de 3 originais da HQ *Pimenta em Terra Alheia*, em Jundiaí, conheci Igayara, da Editora Morumbi (do grupo Abril), que me convidou a desenhar uma HQ para a revista **Ação Policial**. A HQ *Franco Atiradores* foi feita, comprada, elogiada pela redatora Áurea Lopes, mas não foi publicada pois a revista acabou no nº 2.

Em 1989, uma saudade monstruosa dos anos 1960 fez-me desaguar no papel todo o encanto constituído pelo período que vai de 1957 a 1969.

Também nos anos 1980, incentivei o surgimento de fanzines (esses, sim, fanzines, pois motivados pela arte de expoentes como Watson Portela). Providenciei a impressão de **Arte-Final** do Rosevaldo Alves da Silva, de Santo André, em 1983/84. Posteriormente, revisei, diagramei, ilustrei e providenciei impressão também para o **Musart**, do mesmo editor, em 1987/89.

Paralelo a tudo isso, revisei obras como **Reconciliação**, de Raul Olavo Ribeiro; **Ânsia de Vencer** e **Estigma de uma Ambição**, de José de Alencar da Silva; **Quando Santa Ernestina era Vila**, de João de Almeida Rollo.

Nos anos 1990, publiquei prancha intitulada *Por quê?! na edição Eco Lógico* de Edgard Guimarães, que contou com participantes de todo o país. Também colaborei, para o mesmo editor, com uma página para **Psiu Mudo** e roteiro em parceria com Roberto Causo para a edição **Deus**.

Na área de ilustração/exposição, em 1980, nas dependências do Museu de Arte Contemporânea de Campinas, expus 20 páginas de **Factus** 1, além de mais outras cinco a integrarem o número 2. Em agosto de 1984, participei da *Iª Expo HQ de Jundiaí*, organizada pelo ilustrador/roteirista Gedeone Malagola. Em 1984, participei da *IV Exposição de Quadrinhos e Ilustrações* no Masp.

Também em 1984, participei com ilustração para o livro **Nós, Palhaços**, de Cândido Coelho Neto.

Na década de 1990, debutei nacionalmente nas revistas **Mephisto** e **Guerreiros de Jobah** da Editora Icea, de Campinas, com HQ própria (*Pimenta em Terra Alheia*) e roteiros para outros artistas (*O Enigma de Linfah* e *Prisioneiros de Retrus*). Também escrevi o artigo *Análise sobre a obra de Alexander Raymond*.

Em 1998, saiu a edição do livro esboçado em 1989: **Mazinho, Aventuras de um Diabrete nos Anos 60**, com 285 páginas, 55 com ilustrações. Essa obra surgiu da necessidade do registro de uma época dourada, influenciada pelos oito anos de conquistas futebolísticas (1958 a 1966), além da influência da tevê e das revistas quadrinísticas que com ela competiam na ocasião. Também o contexto político é ali abordado, como o golpe militar de 1964, o surgimento do Esquadrão da Morte etc. Como acidentei-me em 1976, este trabalho é uma maneira de resgatar a aura mágica que impregnou-me parcela da existência e que, sem esse registro, perderia-se no tempo como se jamais houvesse transcorrido.



Mazinho (1998) e **Gilvath** n^{os} 1, 2 e 3.

Em meados de 1995, pesquisando em meu arquivo, deparei-me com cartas diversas elogiando de tal maneira **Factus 4** que deu-me vontade de fazer o arremate: soltar um **Factus 5** publicando minha HQ do Judoka, roteiro de Júlio e Reinaldo. Essa edição saiu em 2000, uma edição para o 3^o milênio.

Atualmente, além de projetos para livros, tenho desenvolvido roteiros de ficção científica da série **Gilvath** em parceria gráfica com Mozart Couto, artista mineiro, série prevista para seis álbuns. Já foram publicados, a partir de 2000, 5 álbuns com os títulos *O Dilema de Gilvath*, *Degredo em Fichus*, *Terror em Schirinlac*, *Casirah*, *a Voragem do Abismo* e *Confronto em Sarath*. Álbuns independentes, com cerca de 60 páginas, capa colorida, formato 21,5x31,5cm. O primeiro número de **Gilvath** foi divulgado, junto com outras publicações, em matéria de página inteira na edição de 3 de janeiro de 2001 de **O Estado de S. Paulo**, com reprodução colorida da capa.

Memória do Fanzine Brasileiro

Depoimento do Editor

EMIR LIMA RIBEIRO

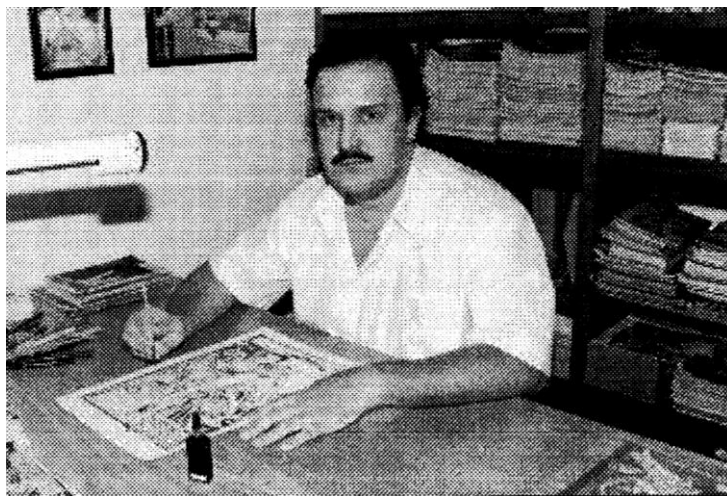
Nome completo: Emir Lima Ribeiro, nascido em João Pessoa, PB, em 7 de abril de 1959.

Na verdade eu não comecei fazendo fanzines, mas sim Revistas, visto que eram periódicas, saíam em bancas e eram impressas em off-set. O fanzine em xerox foi uma via mais barata de editar, visto que os preços de impressão subiam constantemente e as vendas das revistas quase sempre não cobriam tais gastos com os números subsequentes.

Fiquei sabendo da existência de outros fanzines através do nosso falecido amigo José Jefferson Barbosa de Aquino, de quem li uma carta publicada numa das revistas da EBAL (**Superman**) e lhe escrevi para saber mais a respeito. Daí, tive contato com outros zines.

A distribuição dos meus fanzines sempre foi pelo correio, no esquema que você bem conhece (envio sem receber pagamento antecipado). Em bancas eu nunca coloquei meus fanzines.

O propósito dos meus zines sempre foi divulgar meu próprio trabalho, visto que sou criador de personagens, histórias e desenhos. As dificuldades sempre foram mais monetárias. E deixei de publicar os meus zines justamente



por estar ruim das finanças. Senão, ainda estaria com eles por aí.

Não lembro de nenhum outro fanzine que tenha me influenciado, pois a minha linha pessoal de fazer fanzine sempre foi muito definida, quase como uma diretriz.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Emir Ribeiro publicou Histórias em Quadrinhos nos jornais **A União**, **O Norte** e **O Correio da Paraíba**, todos de João Pessoa.

Publicou em várias editoras nacionais e estrangeiras, como Grafipar (Curitiba, PR), Press e Maciota (São Paulo, SP), Nova Sampa (São Paulo, SP), ICEA (Campinas, SP), Metal Pesado (São Paulo, SP), Escala (São Paulo, SP), Marvel Comics Group, DC Comics Group, Malibu Comics, Chaos Comics, Fleeer, Now Comics, Continuity Comics, estas últimas todas dos EUA.

Emir faz trabalhos para outras mídias como TV, Teatro, Música, Cinema, Publicidade, logotipos para empresas etc. Já participou de várias exposições, com destaque para a Bienal Internacional de HQ do Rio de Janeiro e a Exposição de Quadrinhos de Jundiáí. Regularmente ministra cursos, palestras e workshops sobre Histórias em Quadrinhos.

Revistas de HQ publicadas por Emir Ribeiro:

- **10-Abafó/Welta** nº 1 em 1978, nºs 2 a 6 em 1979, nº 7 em 1981, nº 8 em 1983.
- **Itabira** nº 1 em 1981, nº 2 em 1983.
- **O Cangaceiro** nº 1 em 1981.



10-Abafó nº 1, Itabira nº 1, História da Paraíba e Velta 2009.

Álbuns e livros de HQ publicados por Emir Ribeiro:

- **10 Anos de Velta** em 1983.
- **20 Anos de Velta** em 1993.
- **25 Anos de Velta** em 1998.
- **História da Paraíba** em 2003.
- **Velta 2007 – Nova Identidade Paraibana** em 2007.
- **35 Anos de Velta – Tomo 1** em 2008.

- **35 Anos de Velta – Tomo 2** em 2008.
- **Velta 2009** em 2009.
- **O Desconhecido Homem de Preto** em 2009.
- **Velta 2010** em 2010.



O Desconhecido Homem de Preto, Velta 2010, Zat nº 23 e Velta – 25 Anos de Aventura.

Fanzines de HQ publicados por Emir Ribeiro:

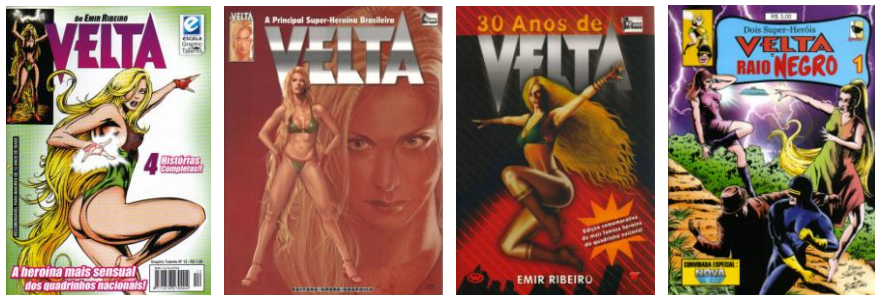
- **Minizine** (1ª série) nºs 1 e 2, em 1982.
- **Minizine** (2ª série) nºs 1 a 13, de 1983 a 1989.
- **Zat** nºs 1 a 30, de 1994 a 2000.
- **Zat Extra** nºs 1 a 3, em 1995 e 1996.
- **Molhadas & Fogosas** nºs 1 a 15, de 1996 a 2000.
- **Molhadas & Fogosas Extra** nºs 1 e 2, em 1999 e 2000.

Livros e fanzines de contos publicados por Emir Ribeiro:

- **Zat Contos** nºs 1 a 9, de 1997 a 2000.
- **Velta – 25 Anos de Aventuras** em 1998.
- **As Aventuras de Velta** (livro de bolso) em 2003.
- **Nova** (livro de bolso) em 2005.

Filmes em VHS produzidos por Emir Ribeiro:

- **O Desconhecido Homem de Preto** em 1989.
- **A Volta do Homem de Preto** em 1993.



Velta em formatinho, Velta contra o Devorador, 30 Anos de Velta e Velta e Raio Negro.

Edições de Emir Ribeiro publicadas por várias editoras:

- **Velta** em formatinho (Editora Escala) em 2002.
- **Velta contra o Devorador** (Opera Graphica) em 2002.
- **30 Anos de Velta** (Opera Graphica) em 2003.
- **Velta e Raio Negro** (Editora Júpiter II) nº 1 em 2008.

Durante um largo período, Emir Ribeiro colaborou com praticamente todos os fanzines e revistas independentes em atividade na época. Impossível listar todos, mas merecem destaque:

- **Historieta** nºs 4, 6, 7, 8, 9, 13, 16 e 18, de 1980 a 2000, revista editada por Oscar Kern.
- **Unauthorized Comics** nº 1 em 1980, revista em inglês reunindo heróis da Marvel e DC, editada por John Gilbert Pierce.
- **HQ** nº 1, em 1982, revista editada por Deodato Borges, pai e filho.
- **Gigante** nºs 1 a 14, fanzine inicialmente dedicado ao Hulk e depois enfocando Velta (teve uma nova série intitulada **Gigante Loura** com apenas um número).
- **Gran Circus** nº 1, em 1984, revista da Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba.



Unauthorized Comics nº 1, Leve Metal nº 1, A União Quadrinhos nº 5 e Velta, Crânio, Redentor.

- **Leve Metal** nºs 1 a 4, em 1984 e 1985, suplemento da revista **Presença** da Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba.
- **Velta**, minissérie em 8 números, em 1994, editada por Edgard Guimarães, disponível também na versão encadernada.
- **Zona Total** nºs 1 a 14, em 1998, fanzine de humor dos filhos de Emir.
- **A União Quadrinhos** nºs 1, 3 e 5, em 2000, revista encartada no jornal paraibano “A União”.
- **Velta, Crânio, Redentor**, edição especial produzida por Francinildo Sena e Marcos Franco.

Depoimento do Editor

DIAMANTINO SILVA

Mocinhos & Bandidos é uma publicação trimestral enviada para assinantes espalhados por todo o Brasil e exterior. Foi fundada em 10 de janeiro de 1986, quando circulou seu primeiro número, com 20 páginas. Foram xerocadas na época 50 exemplares destinados apenas aos membros do clube **Amigos do Western**, do qual sou fundador e membro há mais de 30 anos, tendo sido seu presidente. Entretanto, na ocasião, outras pessoas acabaram tendo conhecimento deste fanzine e se mostraram interessadas, provocando uma tiragem extra de mais 50 exemplares. A partir da quinta edição, além do número de páginas que aumentou, passamos a receber pedidos de assinatura vindos de cidades de outros Estados. Quando chegamos ao número 15, **M&B**



sofreu uma mudança radical: ganhou um novo logotipo, capa em cartolina, 40 páginas de texto, impressão em off-set e começaram a aparecer os primeiros anunciantes. Nesta altura, sua tiragem já suplantava a casa dos 200 exemplares com correspondentes nos Estados Unidos, Canadá, Portugal, Uruguai e Nova Zelândia.

Mocinhos & Bandidos ganhou status de publicação dentro da imprensa alternativa a partir do número 37, quando recebeu capas coloridas em papel couchê, textos feitos com computador, 48 páginas e seu custo auto-financiável. Durante um ano e meio atingiu a tiragem de 1500 exemplares porque uma distribuidora de vídeo aqui de São Paulo passou a adquirir

trimestralmente 500 números, que enviava como brinde para as principais locadoras de todo o Brasil.

Atualmente tiramos 1000 exemplares, sendo mais da metade enviados pelo correio para assinantes e o restante vendido no Clube **Amigos do Western** e na Livraria Muito Prazer, aqui da capital.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

O professor Diamantino da Silva é natural da cidade de Santos, nascido no dia 10 de janeiro de 1926.

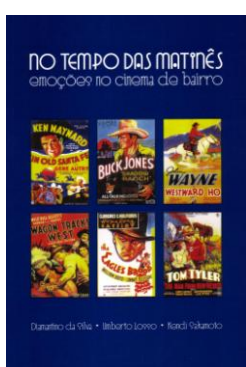
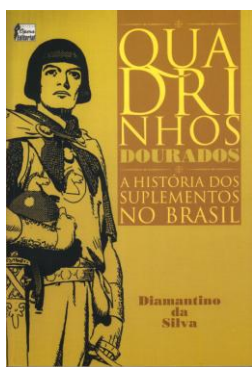
Trabalhou como desenhista da Companhia Docas de Santos durante 25 anos, colaborando, paralelamente, com os jornais locais **O Diário** e **A Tribuna**.

Como desenhista de Histórias em Quadrinhos, trabalhou na Editora Brasil-América, do Rio de Janeiro, nas Edições Paulinas e outras editoras de São Paulo. Foi também desenhista de publicidade de várias Agências de Propaganda.

É autor de três livros cujas edições se encontram esgotadas: **Quadrinhos Para Quadrados**, **Desenho da Figura Humana** e **Como Fazer Desenhos Animados**. É autor também do livro **Quadrinhos Dourados** da Editora Opera Graphica.

Como professor, lecionou as matérias Produção Gráfica na Faculdade de Comunicação Social Anhembi, Cinema na Fundação Armando Alvares Penteado e Desenho nas Escolas Pro-Tec, todas em São Paulo.

Regularmente faz palestras sobre temas de sua especialidade em escolas, associações e programas de televisão. É também fundador do Clube **Amigos do Western** de São Paulo.



Quadrinhos Para Quadrados, Quadrinhos Dourados, No Tempo das Matinês e Tarzan – O Mito da Liberdade.

Livros de Diamantino Silva:

- **Quadrinhos Para Quadrados** (Editora Bells) em 1976.
- **Desenho da Figura Humana** (Editora Discubra) em 1977.
- **Como Fazer Desenhos Animados** (Editora Kultus) em 1985.
- **Quadrinhos Dourados** (Opera Graphica) em 2003.
- **No Tempo das Matinês** (co-autoria com Umberto Losso e Kendi Sakamoto) em 2007.

Edições Especiais publicadas por Diamantino Silva:

- **Tarzan – O Mito da Liberdade** (co-autoria com Umberto Losso) em 1986.
- **Ídolos da Matinê** (co-autoria com Umberto Losso) 1 (1987) a 3 (1994).
- **Fu Manchu** (co-autoria com Umberto Losso e Marco Aurélio Lucchetti) em 1988.
- **O Sombra** (co-autoria com Umberto Losso, Marco Aurélio Lucchetti e Rubens Lucchetti) em 1990.



Ídolos da Matinê n°s 1 e 3, Fu-Manchu e O Sombra.

Fanzines e Revistas publicados por Diamantino Silva:

Em janeiro de 1986, é lançado o n° 1 de **Mocinhos & Bandidos** com 20 páginas num formato menor, 190x260mm, impresso em xerografia. No n° 5, um ano depois, já há a primeira mudança, o formato passa a ser o ofício, 216x315mm, com 24 a 30 páginas e na capa os dizeres “Nova Fase”. Com uma periodicidade rigorosamente trimestral (quatro números por ano), a próxima mudança ocorre no n° 15 (meados de 1989), com a capa em cartolina, o novo logotipo simplificando o nome para **M&B** acrescido dos dizeres “Série Ouro”, 40 páginas no mesmo formato ofício e a inclusão de 2 a 4 páginas extras de anúncios.



Mocinhos & Bandidos n°s 1, 5, 16 e 37.

No n° 31 (meados de 1993), o tamanho aumenta um pouco, passando a 235x320mm, sendo que as páginas extras de anúncios passam a variar entre 4 e 8. A partir do n° 37 de início de 1995, a grande mudança é que a capa passa a ser colorida.

No n° 45 do início de 1997, a publicação passa a ter o fórmula que mantém até hoje, formato A4 com lombada canoa, capa colorida, 40 páginas. Alguns números chegaram a ter até 16 páginas extras com anúncios.

Em 1999, saiu uma publicação especial de **M&B** chamada **Índice Geral** no formato A5 com 56 páginas, trazendo um índice com o conteúdo dos 50 primeiros números de **M&B**, além de vários artigos.



Mocinhos & Bandidos n°s 48 e 95 e Índice Geral.

Depoimento do Editor

JOSÉ MAGNAGO

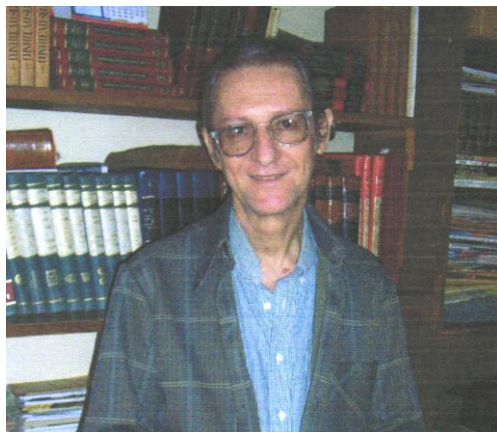
Influenciado pelos fanzines **O Grupo Juvenil** do saudoso Jorge Barwinkel, **Fanzim** do professor Aníbal Barros Cassal, **Jornal da Gibizada** do Valdir Dâmaso, **O Quero-Quero** do Cláudio Dilli, **O Pica-Pau** do saudoso Armando Sgarbi e tantos outros, lancei timidamente **O Castelo de Recordações** no início de 1991 (em 2011 comemora-se 20 anos de publicação ininterrupta). Naquela época não tínhamos lojas especializadas em xerox aqui e as que existiam eram de péssima qualidade nas reproduções de capas de gibis, matérias de jornais etc.

Ao longo dos anos, além das edições normais de **O Castelo de Recordações**, foram lançadas as “Coleções” (**Coleção Black Diamond**, **Coleção Chaminé**, **Coleção Nostalgia**, **Coleção Águia Negra** etc.) e também a edição de Natal colorida, que fez muito sucesso. Estas edições são chamadas de “filhotes” pelos leitores.

Em outubro de 1998, lancei o fanzine **Devoradores de Gibis**, atualmente no nº 16.

O número de páginas dos fanzines é variável, não existe um número fixo. Quando atingi minha centésima edição (entre edições normais, filhotes etc) foi lançada a edição 100 comemorativa, na qual foram colocadas todas as capas dessas cem edições.

O nome **O Castelo de Recordações** foi em homenagem à minha cidade natal, Castelo, no Espírito Santo, menos de uma hora de Cachoeiro de Itapemirim, onde resido. Lá passei minha infância e adolescência, onde saía pelas ruas e bairros com pilhas de gibis, trocando sem parar. E o nome **Devoradores de Gibis**, tirei de uma matéria publicada num fanzine ou álbum do Jesus Chaves Martins, onde constava esse logotipo como título da matéria, e com consentimento do Jesus.



Através dos fanzines, conheci amigos leais, alguns deles já partiram, inclusive desenhistas famosos de HQs, como Márcio Costa, Gedeone Malagola, José Menezes, Antônio P. Mello, Arthur Filho, Fábio Turbay, J.J. Marreiro, e o roteirista Rubens F. Lucchetti e seu filho Marco Aurélio.

Nos meus fanzines focalizo tudo que posso sobre quadrinhos, homenageando desenhistas de HQs, fanzineiros, heróis, sejam de origem estrangeira como nacional. Dos nacionais posso citar Jerônimo, Anjo, Capitão Atlas, Falcão Negro, enfocados em coleções próprias.

Os fanzines são feitos em xerox, alguns com capas coloridas, hoje com copiadoras melhores. Todos editados em Cachoeiro de Itapemirim.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

A maioria das edições de José Magnago têm formato ofício 2, mas há algumas edições em formato 1/2 ofício 2.

A seguir, a relação dos fanzines editados por José Magnago.

– **O Castelo de Recordações** nº 1 (início de 1991) a nº 39 (abr/2010). O nº 30 (dez/1998) foi em homenagem a Gedeone Malagola e teve 156 páginas em formato 1/2 ofício 2.

– **O Castelo** colorido nº 1 (dez/1995) a nº 6 (dez/2003).

– **Galeria de Ouro** nº 1 (jun/1998) a nº 3 (fev/2005).

– **Devoradores de Gibis** nº 1 (out/1998) a nº 16 (mar/2010).



O Castelo de Recordações nºs 1, 30 e edição colorida,
Galeria de Ouro nº 1 e **Devoradores de Gibis** nº 1.

– **Coleção Quadrinhos** nº 1 (nov/1998) e nº 2 (mai/1999).

– **Quadrinhos Brasileiros** nº 1 (dez/1998) a nº 3 (mar/2005).

– **O Castelo Extra** nº 1 (mai/1999).

– **Coleção Águia Negra** nº 1 (jun/1999) a nº 3 (ago/2009).

– **Coleção Black Diamond** nº 1 (jun/1999) e nº 2 (dez/1999).

– **A Foquinha** nº 1 (dez/1999) e nº 2 (jan/2001).



Nºs 1 de **Coleção Quadrinhos, Quadrinhos Brasileiros, Coleção Águia Negra, Coleção Black Diamond, A Foquinha.**

- **Coleção Chaminé nº 1** (dez/1999) a nº 4 (out/2003).
- **Quero-quero & O Castelo de Recordações nº 1** (dez/1999) a nº 3 (mai/2008).
- **Coleção Capitão Atlas nº 1** (set/2000) e nº 2 (dez/2008).
- **Coleção Romances Ilustrados nº 1** (fev/2001).
- **Coleção O Falcão Negro nº 1** (mar/2001).



Nºs 1 de **Coleção Chaminé, Quero-quero & O Castelo de Recordações, Coleção Capitão Atlas, Coleção Romances Ilustrados e Coleção O Falcão Negro.**

- **Coleção Coletânea nº 1** (mar/2001).
- **Coleção Bang Bang nº 1** (jul/2001).
- **Castelo do Horror nº 1** (jan/2002) a nº 3 (out/2004).
- **Coleção Rubens Francisco Lucchetti nº 1** (jan/2002) a nº 4 (abr/2010).
- **Coleção Durango Kid nº 1** (mar/2002) e nº 2 (mai/2002).



Nºs 1 de **Coleção Coletânea, Coleção Bang Bang, Castelo do Horror, Coleção Rubens Francisco Lucchetti, Coleção Durango Kid e Coleção Cavaleiro Negro.**

- **Coleção Cavaleiro Negro** nº 1 (abr/2002) e nº 2 (out/2004).
- **Mercadão dos Quadrinhos** nº 1 (out/2003).
- **Coleção Nostalgia** nº 1 (jun/2004) e nº 2 (out/2004).
- **Coleção Jerônimo** nº 1 (dez/2004) a nº 3 (jun/2009).
- **Almanaque do Castelo 2005** (dez/2004).
- **Coleção Jim das Selvas** nº 1 (mar/2005) e nº 2 (jun/2009).
- **Coleção Heróis Brasileiros** nº 1 (set/2005).
- **O Castelo Especial 100** (meio de 2006).
- **Coleção Mestres do Quadrinho Nacional** nº 1 (abr/2006) a nº 3 (dez/2007).
- **Coleção O Vingador** nº 1 (abr/2006) a nº 3 (ago/2009).



Almanaque do Castelo 2005, O Castelo Especial 100, nºs 1 de Coleção Mestres do Quadrinho Nacional, Coleção O Vingador, Coleção Heróis do Oeste e Fantasma Especial.

- **Almanaque do Castelo 2007** (dez/2006).
- **Suplemento de Cartas** nº 1 (jan/2007) e nº 2 (dez/2008).
- **Coleção Clássicos Ilustrados** nº 1 (out/2007).
- **Coleção Heróis do Oeste** nº 1 (fev/2008).
- **Fantasma Especial** nº 1 (abr/2008).
- **Almanaque do Castelo 2009** (dez/2008).
- **Coleção As Aventuras do Anjo** nº 1 (mai/2009).
- **O Castelo de Recordações** (meio ofício) nº 1 (abr/2010).
- **Almanaque do Castelo 2011** (dez/2010).

José Magnago começou a editar “O Castelo de Recordações” no início de 1991, mas a partir de início de 1993, quando comecei a imprimir e divulgar publicações de outros editores, deixou a meu encargo a impressão e distribuição de seus fanzines. Este trabalho foi feito até o final de 2001, quando encerrei estas atividades. A partir daí, José Magnago assumiu também essas funções dando continuidade à sua Editora Magnago.

Depoimento do Editor

ROBERTO GUEDES

Fui proprietário de uma banca de revistas, especializada em quadrinhos, em Santo André, por quatro anos, a Banca Fire Comics. Cheguei a trabalhar, como free-lancer, para algumas editoras de pequeno porte, entre 1988 e 1989, como a GD Editora, Editora Ninja e Editora Phenix. Vendi algumas histórias de humor publicadas na revista **Udigrudi**. Trabalhei profissionalmente para um estúdio de criação e fiz um roteiro para uma sitcom, proposta à Rede Record. Fiz também um roteiro completo para uma graphic novel do Vigilante Rodoviário, com arte de Aluízio de Souza, Marcos Farrel e André Valle.



O primeiro fanzine que editei chamou-se **Status Quo Comics**, que durou 10 números, entre 1989 e 1992. A tiragem inicial do número 1 foi de 30 exemplares. No entanto, quando lancei o número 2, comemorando os 30 anos do Homem-Aranha, tive que imprimir mais uma centena de exemplares do primeiro. Todas as edições vendiam nessa faixa. O fanzine apresentava matérias sobre os personagens Marvel, DC, Warren e até nacionais, bem como HQs de minha autoria. Quase todas as edições foram divulgadas nas páginas da **Folha de S. Paulo** em matérias do Franco de Rosa. As vendas eram feitas de mão-em-mão, em gibiterias e pelo correio. Desde o começo, desenvolvi um intercâmbio com os possíveis interessados, pegando nomes nas seções de cartas das revistas da Abril, criando boletins informativos e catálogos.

Com a boa aceitação do primeiro fanzine, decidi investir nas chamadas revistas independentes, que, na realidade, são fanzines com histórias próprias. O primeiro lançamento foi **Meteoro** em fevereiro de 1992. Personagem de minha autoria, feito propositalmente no clima das histórias Marvel, tornou-se minha marca registrada. Sempre procurei adaptar o tema do super-herói à realidade brasileira, mas sem perder o clima épico da luta do bem contra o mal. A revista durou 7 números até 1994, com tiragem de cerca de 100 exemplares.

Na esteira, vieram **Força Máxima** e **Os Protetores**. A primeira lançada em agosto de 1992 com 5 números inicialmente e a segunda lançada em outubro de 1992 com 2 números. Em dezembro de 1992, saiu a minissérie **A Guerra dos Heróis**, apresentando heróis Marvel, DC, Hanna Barbera e outros mais. Prevista para 3 números, teve apenas os dois primeiros publicados. Nessa fase ainda saiu um número de **Clássicos Piratas** em julho de 1993. Infelizmente, por eu trabalhar em outra área, não tendo tempo suficiente para escrever e desenhar as histórias e ser o único a bancar as publicações, acabei cancelando todos os fanzines em meados de 1994.

Em 1995, tive forte convicção de montar uma pequena editora, a Fire Comics, com distribuição regional, contando com a ajuda de Reginaldo Borges e mais duas pessoas. A estratégia foi editar um fanzine de informação, feito em duplicador digital e com o dinheiro arrecadado editar revistas em quadrinhos em off-set e capa colorida. O fanzine chamou-se **Status Comics** e durou 4 números de abril a setembro de 1995. A primeira revista, com capa colorida e em off-set, foi **Os Protetores**, lançada em setembro de 1995, com tiragem de mil exemplares, durando 2 números. Foi um processo cansativo distribuir essas revistas. Eu mesmo percorri dezenas de bancas e livrarias. Este procedimento se mostrou muito penoso e decidimos cancelar tudo. Saiu ainda em julho de 1995 a compilação **O Melhor da Status Comics**.

Em junho de 1996, voltei a editar, sozinho, o **Força Máxima**, continuando a numeração anterior a partir do nº 6 até o nº 9 em dezembro. Com tiragens menores e impressão em xerox, lancei, em julho, **Tira Quente**, que durou 2 números, **Coleção Nostalgia**, que durou 5 números, **Clássicos Piratas**, que durou 2 números, e o **Meteoro Especial**, republicação de **Meteoro** nº 7. Nesse período, fiz novas tiragens de todos os fanzines da primeira fase.

Em 1997, comprei uma banca no Grande ABC e a transformei em banca especializada em quadrinhos, a Banca Fire Comics. Conheci Marcelo Borba, com quem fiz uma grande amizade que gerou muitos fanzines e revistas independentes. Como não tínhamos grandes ambições, fazíamos tiragens entre 30 e 70 exemplares, mas com uma produção caprichada, normalmente com a capa em xerox colorida. Foram lançados: 1 número de **Meteoro** em fevereiro, 1 número de **Arquivo da Vampirella**, 1 número de **King Komix** em setembro, 1 número de **Slady** em setembro, 1 número de **Obras Primas HQ** em outubro, 2 números de **Pow!** em fevereiro e abril de 1998, e 1 número de **Guepardo** em julho de 1998. Este último lançamento foi feito com impressão laser e formato meio ofício, mas devido a uma fraca distribuição, não emplacou. Com o tempo, Borba desistiu de fazer quadrinhos.

Em 2001 vendi a banca e voltei a trabalhar com roteiros para um estúdio de criação. Mas ainda editei várias publicações informativas: **Quartel**

General 1 em abril de 1999, nova versão de **Quartel General** com o nº 0 lançado em março de 2000 e mais dois números em agosto e novembro. Em meados de 2001 lancei **Gibilândia** com mais dois números até abril de 2002.

Durante todo esse período lancei vários catálogos como **Boletim do Meteoro** (5 nºs), **Super Catálogo Fire Comics** (4 nºs), **Boletim da Gangue** (2 nºs) e **Colecionauta** (2 nºs).

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Relação das publicações de Roberto Guedes. Os formatos variaram bastante, está indicado o formato que predominou em cada título.

- **Status Quo Comics** (of.2): nº 1 (mai/1989) a nº 10 (mai/1992).
- **Meteoro** (1/2 of.2): nº 1 (fev/1992) a nº 7 (mar/1994).
- **Boletim do Meteoro**: nº 1 (mai/1992) a nº 5 (mar/1993).
- **Força Máxima** (1/2 of.2): nº 1 (ago/1992) a nº 9 (dez/1996).
- **Os Protetores** (1/2 of.2): nº 1 (out/1992) e nº 2 (mai/1994).
- **A Guerra dos Heróis** (1/2 of.2): nº 1 (dez/1992) e nº 2 (jul/1993).
- **Clássicos Piratas** (1/2 of.2): nº 1 (jul/1993).



Nºs 1 de **Status Quo Comics**, **Meteoro**, **Força Máxima**, **Os Protetores**, **A Guerra dos Heróis** e **Clássicos Piratas**.

- **Status Comics** (1/2 of.2): nº 1 (abr/1995) a nº 4 (set/1995).
- **Super Catálogo Fire Comics**: nº 0 (1995) a nº 3 (jan/1997).
- **O Melhor da Status Comics** (1/2 of.2): nº 1 (jul/1995).
- **Os Protetores** (1/2 of.2): nº 1 (set/1995) e nº 2 (jul/1996).
- **Tira Quente** (A5): nº 1 (jul/1996) e nº 2 (out/1996).
- **Coleção Nostalgia** (1/2 of.2): nº 1 (jul/1996) a nº 5 (mar/1997).
- **Clássicos Piratas** (A4): nº 1 (jul/1996) e nº 2 (nov/1996).
- **Meteoro Especial** (of.2): nº 1 (ago/1996).
- **Meteoro** (A5): nº 1 (fev/1997).
- **Arquivos da Vampirella** (A5): nº 1 (1997).
- **King Komix** (A4): nº 1 (set/1997).



Nºs 1 de Status Comics, Os Protetores, Tira Quente, Coleção Nostalgia, Meteoro e King Komix.

- Slady (A4): nº 1 (set/1997).
- Obras Primas HQ (A4): nº 1 (out/1997).
- Pow! (A4): nº 1 (fev/1998) e nº 2 (abr/1998).
- Boletim da Gangue: nºs 1 e 2 (1998).
- Guepardo (1/2 of.2): nº 1 (jul/1998).
- O Colecionauta (A5): nº 1 (jul/1998) e nº 2 (abr/1999).
- Quartel General (1/2 of.2): nº 1 (abr/1999).
- Quartel General (A4): nº 0 (mar/2000) a nº 2 (nov/2000).
- Gibilândia (1/2 of.2): nº 1 (jun/2001) a nº 3 (abr/2002).



Nºs 1 de Slady, Obras Primas HQ, Pow!, Guepardo, Quartel General e Gibilândia.

A partir do início dos anos 2000, Roberto Guedes se tornou um dos editores da Opera Graphica. Se por um lado interrompeu a produção de fanzines, por outro, publicou pela própria Opera Graphica dois livros de referência muito bem produzidos: **Quando Surgem os Super-Heróis** em 2004 e **A Saga dos Super-Heróis Brasileiros** em 2005.

Em 2007 publicou pela editora de José Salles o nº 1 da revista **Meteoro Comics**, cujo nº 2 saiu em 2010. Ainda em 2010, Roberto Guedes decidiu voltar à edição independente lançando em abril o nº 1 de **Almanaque Meteoro**, cujo segundo número saiu em julho.

Roberto Carlos Guedes nasceu em 18 de dezembro de 1965 em São Paulo, SP. Trabalhou durante 10 anos como vendedor de produtos impermeabilizantes na área da construção civil.

Depoimento do Editor

VALDIR DÂMASO

Às vezes sinto falta dos tempos em que éramos parceiros nos fanzines tipo “nostalgia”, aqueles nos quais eram republicadas velhas histórias em álbuns com mais de 100 páginas, selecionadas entre as que foram menos mutiladas pelas nossas ditas “grandes editoras”. Eu fazia as matrizes, artesanalmente, com histórias copiadas das minhas próprias revistas, ou que me eram remetidas por outros abnegados colecionadores, que com muita boa vontade abriam as suas coleções, ou até me emprestavam edições originais para que eu as xerocasse.

Naquele tempo, quando eu já estava pensando em desistir de fornecer cópias das edições **Gibizada** para interessados de outros estados, pela dificuldade que tinha em obter boas cópias, e ainda pelo trabalho em remeter os exemplares pelo correio, sem falar na inflação da época (quando recebíamos o pagamento de um exemplar, o dinheiro não dava para pagar outro), de repente surgiu o **QI**, o pai adotivo de todos os fanzines, pois foi Você, o seu Criador, que deu uma sobrevida, não só ao meu trabalho, como também ao de dezenas de outros fanzineiros.

Primeiro você nos havia proposto divulgar os trabalhos dos editores alternativos, isto é, dos fanzineiros, depois veio uma proposta ainda melhor, quando sabiamente adquiriu uma máquina xerox, e ofereceu-se para copiar e distribuir os nossos trabalhos. Aceitei de imediato, e aí os meus álbuns tiveram uma sobrevida inesperada, que me animou bastante, ao ponto de, durante cerca de 15 anos, ter lançado 170 edições, desde novas cópias do **Jornal da Gibizada** até várias coleções de álbuns com histórias completas, de diversos gêneros, inclusive de tiras de jornais, na forma original, e trabalhos inéditos no Brasil. A maioria desses álbuns tinha mais de 100 páginas e eram nos formatos ofício ou carta.

Mas, como tudo que é bom dura pouco, a máquina xerox envelheceu, começou a dar problemas e despesas maiores com a manutenção, ficando inviável para você continuar com a sua parte. Eu ainda tinha um farto material para ser publicado. Fiz algumas edições especiais, como aquelas da passagem do milênio, e de homenagem a outros fanzines de nostalgia, e mais alguns que

apenas esbocei mas não publiquei. Mas, avaliando o que fizemos, acho que foi positivo o nosso esforço. Tivemos poucos leitores, porém selecionados, e a alegria de termos trabalhado com o que gostamos.

Mas não pude ficar por aí. No final do século XX, o saudoso Oscar Kern me conseguiu a coleção completa, em xerox de excelente qualidade, da revista semanal **Biriba**. Esta coleção é composta de 79 edições, com histórias seriadas de quadrinhos de jornais, e algumas de comics remontadas para o formato tabloide. A editora, porém, nos surpreendeu quando, subitamente, interrompeu a sua publicação, deixando incompletas algumas histórias, como as dos personagens clássicos Tarzan, Dick Tracy, Aninha, Johnny Hazard (Bill Tempestade), Terry, Steve Canyon (Ted Ciclone), Lone Ranger (Zorro), Steve Roper (Leo Carter), Vic Flint, Rádio Patrulha e outros. A editora ainda prometeu publicar a continuação das histórias nas revistas **Gibi** e **O Globo Juvenil**, ainda trissemanais, mas foram poucas as que foram concluídas nessas publicações. Então o Kern teve a ideia de tentar conseguir os finais de todas essas histórias e publicá-las em álbuns, destinadas especificamente aos colecionadores que possuíam o **Biriba** completo (ou suas cópias, pois muitos adquiriram do Kern essa coleção). De minha parte, apoiei a ideia dele, e já me ofereci para ajudá-lo nesse projeto, sugerindo que fizéssemos edições parecidas com o **Biriba**, que teriam os números 80, 81, 82 e daí por diante, publicando todos os finais das histórias que conseguíssemos.

Pesquisei as minhas coleções de importados e só consegui localizar as histórias do Dick Tracy e Johnny Hazard, mas o Kern arranjou com outros colecionadores os finais de Tarzan, Steve Canyon e Terry. Com o meu material, de imediato fiz a montagem da capa e das páginas do final da história de Dick Tracy, acrescentando uma história completa de O Sombra, em tiras diárias, para completar as 32 páginas da edição, e remeti para apreciação do Kern. Este deveria ser o **Biriba** 80 (ou **Biriba Especial** número 1), mas aconteceu um mal-entendido, e a edição saiu com o nome de **Confraria dos Dinossauros** número 1.

Explico: o Kern e eu nos correspondíamos frequentemente, ou falávamos pelo telefone, e ele muitas vezes se referia aos antigos colecionadores como “velhos dinossauros em extinção” ou uma “confraria dos dinossauros”. Então eu quis sugerir ao amigo uma parceria para, juntos, publicarmos, além dos **Biribas** 80, 81, 82... uma “revista” formato tabloide somente com antigas histórias clássicas, nunca antes republicadas, e mesmo inéditas no Brasil, e que teria o título de **Confraria dos Dinossauros**. Na carta mandei junto uma sugestão do que poderia ser o logotipo da publicação. Ele pareceu ter se entusiasmado tanto com o logotipo, inspirado no Brucutu (Alley Oop), um de seus personagens preferidos, que imediatamente trocou o título do

Biriba 80 pelo da **Confraria**. Como a revista já estava impressa, ele arrancou a capa e a substituiu pela do novo título, mas as páginas internas continuaram com o nome “Biriba” na parte inferior. Quem tiver esta edição, confira. E aí surgiu um problema: como a distribuição do **Biriba** 80 seria apenas para os que tinham a coleção, e a **Confraria** seria para todos os interessados, os que a compraram e não tinham o início das histórias reclamaram. Fui obrigado, então, a fazer edições especiais, Extras, com o início daquelas histórias que ficaram incompletas na coleção do **Biriba**.

Tocamos, então, a **Confraria** pra frente. Saíram 26 edições normais e 4 extras. Quase todo o material publicado foi extraído de minha coleção de importados, álbuns fornecidos a mim pelo Luiz Antônio Sampaio, e alguma coisa enviada por outros colecionadores e pelo próprio Kern. Fiz, com prazer, a montagem de todas as páginas e de todas as capas. Traduzi algumas histórias (em inglês, francês, italiano e espanhol) e fiz o letreiramento de várias outras. O Kern e sua família ajudaram bastante, pois ele e os filhos melhoraram algumas cópias e também fizeram letreiramentos. E o gaúcho ainda conseguiu traduções importantes por intermédio de outros amigos.

O Kern, em parte, ficou com o trabalho da impressão e distribuição das edições (o mesmo que você fazia com a **Gibizada**), mas ele não tinha a sua juventude nem máquina xerox particular, sendo uma tarefa difícil para ele conseguir boas cópias. E a expedição dos exemplares era complicada, devido ao seu formato grande, pois o envelope sempre seguia protegido por um papelão. A coisa complicou quando de repente houve um aumento grande no preço das cópias no formato tabloide. Assim, fomos obrigados a reduzir o formato para o tamanho carta. Ou melhor, eram dois os formatos, sendo o maior opcional, pois eu continuei a fazer as montagens no formato tabloide, depois reduzia para tamanho carta, e mandava as duas matrizes para ele.

Gostei do trabalho que estava fazendo, tive a liberdade de escolher os episódios que achava serem marcos na história dos quadrinhos de jornais, como o primeiro de páginas dominicais de Tarzan desenhadas por Harold Foster, os primeiros episódios do Brucutu, o primeiro do Dick Tracy, o primeiro do Flash Gordon desenhado por Mac Raboy, um dos *Jungle Tales of Tarzan* por Burne Hogarth, o primeiro de Red Ryder em tiras diárias, Polícia Montada, Agente Secreto X-9, todo o início de Casey Ruggles, a última história de Tarzan por Hogarth, com o final de Bob Lubbers, as duas primeiras do Fantasma em páginas dominicais, mais Dick Tracy, Tarzan, The Spirit, Ricardo Relâmpago por Thiré, Lady Luck, Axa, Super-Homem e tantos outros personagens famosos dos quadrinhos.

Foi pena que o Kern, já com alguns problemas, não tivesse mais condições de continuar com a nossa parceria. Ainda deixei com ele algumas

futuras edições da **Confraria**, com capas e páginas já montadas, faltando as traduções que me havia prometido, e que me devolvesse para o letreiramento e finalização. E comigo ainda guardo outras matrizes semi-acabadas, com páginas e capas prontas, mas faltando as traduções e letreiramento. Inclusive ainda guardo uma das primeiras matrizes que seria de uma edição com o Príncipe Valente, páginas dominicais a partir de onde a Ebal parou. Desisti dessa quando soube que a editora Opera Graphica iria continuar essa série no mesmo formato da Ebal. E também arqueei uma do Flash Gordon, por Alex Raymond, que seria a seguinte ao último álbum da Ebal, cuja história era *Desira, Rainha de Trópica*, que marcava a volta de Flash Gordon ao planeta Mongo. Na época, apareceu a notícia de que uma editora publicaria esse material em álbum. O Barwinkel ainda se interessou em continuar com o trabalho do Kern, não só com a última edição de **Historieta**, que ele deixou quase completa, como também com as **Confrarias** que já estavam montadas. Mas este também nos deixou...

Foi aí que senti a falta de nossa parceria, Edgard. Não fosse aquela máquina xerox que falhou, quem sabe já não teríamos um vasto arquivo para facilitar as pesquisas pelas atuais e futuras gerações de interessados nas Histórias em Quadrinhos.

No caso dos quadrinhos de jornais, resta-nos a alegria de que um outro grande colecionador e entendido dos quadrinhos, o Luiz Antônio Sampaio, recentemente nos deu um vasto arquivo intitulado **Gazeta dos Quadrinhos**, e vários álbuns, com mais de trezentas edições publicadas, praticamente todas com quadrinhos de jornais, na forma original e com excelente reprodução em xerox de primeira qualidade. Quem tem essa coleção tem um tesouro. Obrigado, Luiz!

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Relação das publicações de Valdir Dâmaso.

– **Jornal da Gibizada** (of.2, 20 a 100 pág.): nº 1 (jan/1985) a nº 20 (dez/1988).

– **Álbum Juvenil Série A** (of.2, 50 a 114 pág.): nº 1 (out/1986) a nº 13 (mai/1992).

– **As Coleções da Gibizada** (1/2 of.2, 100 a 130 pág.): nº 1 (nov/1986) a nº 6 (mai/1993). O primeiro nº saiu inicialmente em formato ofício com 24 páginas e foi relançado em dez/1987 em 1/2 of.2.

– **Álbum Juvenil Série B** (carta, 100 pág.): nº 1 (dez/1986) a nº 27 (abr/2000). Os 3 primeiros nºs saíram em formato 1/2 of. 2 e foram relançados em formato carta a partir de set/1991.

– **Álbum Juvenil Série C** (of.2 hor., 30 a 100 pág.): nº 1 (fev/1987) a nº 12 (ago/1999).



– **O Correio da Gibizada** (1/2 of.2, 4 pág.): nº 1 (jan/1989) a nº 3 (mar/1989).

– **Coleção Velha Guarda** (carta, 150 pág.): nº 1 (ago/1989) a nº 20 (jul/2000).

– **Coleção Dama de Ouro** (carta, 150 pág.): nº 1 (jun/1990) a nº 15 (jun/2000).

– **Coleção Bala de Prata** (carta, 150 pág.): nº 1 (set/1990) a nº 15 (dez/1998).

– **Coleção Cine Aventuras** (carta, 100 pág.): nº 1 (set/1992) a nº 3 (set/1994).

– **Álbum Juvenil Tiras** (of.2, 150 pág.): nº 1 (jul/1993) a nº 24 (out/2001).



– **Coleção Jornal da Gibizada** (of.2, 90 a 100 pág.): nº 1 (mar/1994) a nº 6 (jan/1995). Compilação em 6 volumes dos 20 números de **Jornal da Gibizada**.

– **Gibizada 100** (of.2, 100 pág.): (mai/1994).

– **Almanaque Gibizada** (of. 2, 100 a 130 pág.): nº 1 (jan/1995) a nº 6 (jan/2001).

– **Gibizada 150** (of.2, 150 pág.): (mar/1999).

– **Gibizada 151** (of.2, 50 pág.): (abr/1999).



Em dez/2000 foram lançados, no formato ofício 2, com 100 páginas cada, 5 especiais: **Picazim**, **Querozine**, **Gibirata**, **Gruprieta** e **Portelo**, homenagem aos fanzines **Pica-Pau** e **Fanzim**, **O Quero-Quero** e **Fã-Zine**, **Gibiteca** e **Pirata**, **Grupo Juvenil** e **Historieta**, **Portal** e **Castelo**.

Entre abril e dezembro de 2001, foram lançados, no formato ofício 2, com 100 páginas cada, mais quatro especiais, como um fechamento de quatro coleções: **Almanaque Álbum Juvenil**, **Almanaque Bala de Prata**, **Almanaque Dama de Ouro** e **Almanaque Velha Guarda**.

Ainda em 2000, em parceria com Oscar Kern, Valdir Dâmaso começou a publicar o fanzine **Confraria dos Dinossauros**, lançado em dezembro, com objetivo inicial de publicar as HQs que ficaram incompletas na revista **Biriba**, publicada no final da década de 1940 pela Rio Gráfica.

- **Confraria dos Dinossauros** (tabl., 36 pág.): nº 1 (dez/2000) a nº 26.
- **Confraria dos Dinossauros Extra** (tabl., 36 pág.): nº 0-1 (mai/2001) a nº 0-4.



Depoimento do Editor

MARCELO MARAT

Nome completo: Marcelo Marat, nascido em Belém do Pará em 1º de julho de 1967.

Minha relação com os fanzines começou em meados da década de 1980, com as edições da Circo (**Chiclete com Banana**, **Geraldão** etc.), que traziam anúncios dos mesmos; mas só passei a me interessar mais profundamente por essas edições independentes a partir de 1990, quando passei a editar um zine de assuntos gerais chamado **Ecos do Nada** e, nessa mesma época, integrei um grupo de quadrinhos chamado Ponto de Fuga. Como não



desenhava, acabei me especializando nos roteiros. A partir daí, com altos e baixos, editei dezenas de zines, entre HQs, poesias e assuntos gerais. Entre esses, destaco os zines **O Inquilino**, de HQ, e **Marsupial**, de poesia.

Nos meus anos de fanzineiro e quadrinhista independente – ou melhor dizendo, diletante –, aprendi muito. Conheci muita gente interessante produzindo arte e cultura fora de circuitos convencionais. Nos quadrinhos, em particular, as possibilidades de experimentação fora dos padrões editoriais ofereciam, aos leitores privilegiados dessas edições limitadas, oportunidades de leituras diferentes, mais maduras e instigantes. Beneficiados pela liberdade da edição independente, alguns quadrinhistas se mostravam ora mais criativos, ora totalmente transgressores em relação aos gibis convencionais, tanto na forma quanto no conteúdo. Diante de tudo o que foi dito até aqui, tem-se a impressão de que os fanzines são veículos de expressão de vanguarda. Na verdade, embora se intitulem “alternativos”, eles acabam se mostrando como meios de comunicação mais conservadores, mesmo quando parecem quebrar as regras. Essa é sua grande ilusão e sua grande contradição, um nó górdio difícil de ser desfeito, e há vários vícios que contribuem para isso. Vou citar alguns deles, sempre lembrando que são baseados na minha própria vivência.

Mesmo eu tendo diversificado meu interesse por diversos tipos de fanzines, percebi que havia um limite onde todos se encontravam, especialmente nos quadrinhos, isso porque sempre circulavam entre um grupo restrito de pessoas. Por conta disso, uma das primeiras reclamações que eu via, nos meus contatos, dizia respeito às “panelinhas”. No entanto, sendo o próprio meio, de forma geral, uma grande “panela”, não havia como fugir disso. Zineiros novos surgiam, outros sumiam e o círculo não se expandia. Não havia formação de público, apenas troca de informações entre quadrinhistas, algo do tipo “mostra-o-teu-que-eu-mostro-o-meu”.

Se, dentro desse círculo vicioso, houvesse renovação, não haveria problema em escapar do conservadorismo. Mas problema sempre houve, pois, além da liberdade dada pela edição independente – que permite que o quadrinhista faça quase tudo o que quiser, do jeito que quiser –, a não criação de um público leitor matou o principal meio de renovação que poderia haver: a crítica, através da opinião ou da simples rejeição do trabalho. Nesse “jogo de comadres”, alguns artistas se acomodaram e não se renovaram, pois não havia uma pressão mais forte que os levasse a isso, nada além da auto-crítica – e esta costuma ser branda e tendenciosa em relação a quem a exerce.

O conservadorismo no estilo de alguns quadrinhistas independentes se acentua pelo próprio tempo de atividades deles nos fanzines. Muitos já são veteranos e a dificuldade que encontram para buscar novas linguagens na arte que escolheram contribui para uma ironia: o contestador passa a ser conservador. Mesmo quem busca uma mudança parece abraçar o chamado profissionalismo, seguindo as regras do mercado editorial, o que não deixa também de ser uma atitude conservadora, especialmente quando esse artista passa a rejeitar tudo o que fez antes. Poucos conseguem manter um trabalho instigante, e nesse ponto é bom destacar os que vão além do próprio trabalho e buscam fórmulas para incentivar o meio como um todo, o que pode ser considerado realmente alternativo nesse sistema de capital selvagem em que vivemos.

Nesse ponto, é preciso mencionar um vício bastante chato, que infelizmente sempre esteve presente nos meus contatos: a questão do ego. É incrível ver como simples artistas de quadrinhos, que muitas vezes não têm um trabalho tão significativo em comparação até com pequenos profissionais já consagrados, possam ter a sensibilidade à flor da pele na hora de receber críticas ao trabalho que fazem. Ora, penso que fanzines não são espaços definitivos, mas experimentais. Então por que não aceitar críticas, por mais duras que sejam? No entanto, foi mais comum do que eu teria preferido ver o choque de egos provocando verdadeiros desastres no meio. Esse tipo de reação negativa às críticas, seguida de verdadeiras táticas de guerrilha, nas quais cartas

e zines passam a servir para alimentar discórdias e fofocas, só demonstram a imaturidade do meio, e imaturidade é outro sinal de conservadorismo.

Imaturidade nos quadrinhos independentes. Isso está diretamente relacionado com a dificuldade na mudança de estilo, na impossibilidade (muitas vezes técnicas) de experimentar novas linguagens, de não se repetir. Isso ocorre com os “veteranos”, que já se acostumaram num estilo, mas serve também para os novatos, cujo trabalho geralmente mostra a reprodução, a cópia do que as editoras comerciais estiverem vendendo no momento, ou do que já tiver sido bem sucedido. Poucos são os que buscam linguagens realmente diferentes, originais ou desafiadoras – mesmo que saibamos o quanto isso é difícil, nesses tempos de esgotamento cultural, onde tudo envelhece muito depressa, onde tudo já foi feito. Mesmo assim, os quadrinhos são o veículo artístico que melhor se presta às inovações e experimentações, pois foi bem pouco explorado em seu potencial, especialmente no Brasil. E nesse contexto, os fanzines ainda são o veículo que melhor se presta a essas experimentações, pois oferecem total liberdade tanto a profissionais quanto a amadores. Se tornamos esse veículo instigante para o leitor, escapamos um pouco do vício do conservadorismo.

No meu caso, como roteirista, procuro cuidar melhor da narrativa, buscando desenvolver histórias mais adultas, que fujam do padrão convencional ou que, nos trabalhos em gêneros tradicionais, sejam enriquecidos por tramas mais aprofundadas. Por vezes, bastam pequenos toques para fazer de uma trama banal algo bem mais interessante. Felizmente não sou o único quadrinhista a pensar dessa maneira e tenho visto alguns bons trabalhos em fanzines e revistas independentes, superiores em conteúdo à maioria dos gibis de banca. Noto, inclusive, que essa produção já começa a influenciar algumas editoras, que se mostram interessadas na publicação de quadrinhos nacionais de qualidade, fora das influências estrangeiras. Resta resolver o nó górdio citado no início e buscar a formação de um público leitor para os fanzines.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Edições produzidas por Marcelo Marat ou que tiveram sua participação.

– **Ecos do Nada** (of.2 e 1/2 of.2): até pelo menos o nº 16.

– **Ponto de Fuga** (A5): até pelo menos o nº 9 (jan/1997).

– **Fractal** (of.): edição única.

– **Clube** (of.2): nº 1 (1993).

– **Será o Benedito?** (of.2): edição única.

– **Número Único** (A4): edição única (1999).



- **Mister Rage** (A4): edição única.
- **O Inquilino** (A5): nº 1 (dez/2001) a nº 12 (jan/2003).
- **O Inquilino Extra** (A5): edição única.
- **Meninos e Meninas** (A5): edição única (jan/2003).
- **Aron** (A5): edição única – **Redenção** (A5): edição única (jul/2003)



- **Adágio para um Assassino** (A5): edição única (set/2003).

Os livros a seguir foram publicados pela editora Marca de Fantasia.

- **A Palavra em Ação**: livro teórico editado em 2002.
- **O Inquilino**: livro com a compilação das HQs publicadas no fanzine homônimo, editado em 2003.
- **Vidas Solitárias** (A5): livro com HQs de Marcelo Marat e Emanuel Thomaz baseadas em contos de José Salles, publicado em 2005.
- **O Que É História em Quadrinhos Brasileira**: livro teórico organizado por Edgard Guimarães, com artigos de seis autores, incluindo Marcelo Marat, publicado em 2005.
- **A Palavra em Ação**: nova edição do livro, publicado em 2006.



Marcelo Marat produziu ainda **Quadrinho**, **A Incrível História do Garra Cinzenta** e participou de **Boca do Mundo**.

Depoimento do Editor

PAULO RICARDO

Paulo Ricardo Abade Montenegro nasceu em 24 de abril de 1958, em Porto Alegre, RS. Formou-se farmacêutico-bioquímico, com ênfase em Análises Clínicas, e trabalha como Funcionário Público Estadual.

O maior motivo, que me levou a ser editor de fanzines e que me levou a editar o **Opinião**, foi a lacuna que eu senti de um local para troca de ideias dos aficionados por quadrinhos, algo parecido com as seções de cartas das revistas da editora Abril da época, porém alguma coisa sem censura, sem edição, que transcrevesse as cartas dos leitores exatamente como elas tinham sido escritas, com elogios, críticas, informações, opiniões etc.

Mais tarde, com o **Nata dos Quadrinhos**, eu tentei, mesmo não sendo fã de histórias em quadrinhos brasileiras, publicar histórias em capítulos, histórias maiores, o que daria aos argumentistas e desenhistas oportunidade de trabalharem melhor as histórias, algo semelhante ao que ocorria na Era de Ouro dos Quadrinhos, no Brasil, com as publicações do **Gibi**, do **Guri**, do **Suplemento Juvenil** etc., ou seja, histórias seriadas.

Eu tomei conhecimento do movimento dos fanzines através das seções de cartas das revistas de super-heróis da editora Abril (das quais eu era e ainda sou colecionador), em 1986. Naquele ano, eu li uma pequena nota sobre o **Portal do Universo**, um fanzine editado pelo Conclave de Quadrinhos e que tinha, na época, a colaboração do João Paulo Lian Branco Martins (o Jotapê, da Abril), e que tratava exclusivamente sobre Marvel e DC. Eu, como bom fã dos super-heróis destas editoras norte-americanas, logo procurei me corresponder com os editores para adquirir o fanzine e confesso que, no princípio, achei que todos os fanzines fossem sobre os quadrinhos DC/Marvel, o que foi desmentido logo depois, quando comecei a adquirir outros fanzines.

A distribuição, tanto do **Opinião** como do **Nata** era feita pelo Correio. A cada número editado eu enviava uma carta-circular aos leitores dos fanzines, comunicando o lançamento, uma resenha e xerox reduzido da capa, além do preço do fanzine. O leitor enviava o pagamento e eu remetia o fanzine.

O contato com outros editores era feito por carta. A cada novo fanzine de que eu tomava conhecimento, eu procurava contactar seu editor para

adquirir o último exemplar do mesmo, além de solicitar, sempre que possível, eventuais cópias de números atrasados, e iniciar a divulgação dos meus fanzines a estes novos editores.

Além disso, a cada novo fanzine adquirido, eu procurava em suas páginas a divulgação, que sempre era feita, de outros fanzines, à procura de novos títulos dos quais eu ainda não tinha conhecimento, para iniciar novo contato e a aquisição de novos exemplares.

O propósito do **Opinião** era ser um fórum de debates sobre os quadrinhos, especialmente os quadrinhos da Marvel e DC. Com o tempo, com o advento de novos leitores e colaboradores, o **Opinião** foi derivando para a HQB, o que tomou grande parte das páginas do fanzine.

Como o próprio nome diz, o principal conteúdo do fanzine eram as opiniões dos leitores sobre quadrinhos. A grande seção do **Opinião** era a seção de cartas, que chegou a ocupar quase a metade de alguns exemplares, onde o pessoal expressava as mais diversas opiniões sobre o assunto (quadrinhos). Continha também, recortes de jornais que tratassem de quadrinhos e eventualmente HQs e portfólios feitos pelos colaboradores.

A maior dificuldade que eu encontrei quando editava o **Opinião** era a datilografia das matérias e das cartas, além da diagramação do fanzine. O primeiro número do **Opinião** (o nº 0) foi datilografado em uma máquina mecânica e diagramado diretamente nas páginas do fanzine. Até hoje eu não sei como consegui colocar as matérias, na verdade duas opiniões minhas a respeito dos quadrinhos da Abril, dentro do espaço programado para o fanzine. A partir do nº 1 comecei a utilizar máquina elétrica, o que facilitou o meu trabalho, especialmente porque a máquina tinha corretivo. Passei também a datilografar os textos e as cartas em folhas separadas e depois montá-las (recortando e colando) no espaço definitivo. Passei também a utilizar xerox reduzido na seção de cartas, a fim de fazer caber uma quantidade maior de correspondências no menor espaço possível.

Já o **Nata** era um fanzine que continha apenas HQs em capítulos. Então, era mais fácil de produzir. Eu só tinha que datilografar o editorial e o índice do fanzine. Tive um pouco de dificuldade na diagramação, pois ele era programado para ter 20 páginas e, às vezes, era um pouco complicado encaixar as histórias, tendo em vista que os capítulos de cada história não tinham um número padrão de páginas, cada autor fazia a história de acordo com a sua necessidade.

A impressão do fanzine era em xerox, então não havia grandes problemas. Às vezes, quando eu trocava de local para reproduzir o fanzine, os funcionários tinham um pouco de dificuldade de entender o conceito de frente e verso (folhas ímpares na frente e pares no verso). Eu tentava explicar que

nunca poderia acontecer, por exemplo, página 2 e 3, e, sim, sempre 1 e 2 ou 3 e 4, mas alguns tinham dificuldade de entender. Depois de um tempo, porém, a coisa fluía bem.

Com relação à distribuição, quase nenhum problema. Era só envelopar, sobre e subscreitar, levar à agência dos Correios para pesar e selar. Como eu tenho uma caixa postal onde recebo a correspondência relativa aos fanzines e esta agência é ao lado do meu local de trabalho, eu passava diariamente na agência, tanto para receber a correspondência como para enviar os fanzines.

Ambos os fanzines estão atualmente suspensos. Eu comecei a parar o **Opinião** em 1990 por dois motivos. O primeiro foi a falta de tempo para a família e outras atividades, visto que várias vezes eu fiquei até às 20 ou 21 horas no serviço, datilografando textos para o fanzine.

Mas o maior motivo, que me levou a parar de editar o **Opinião**, foi o descontentamento com os rumos que o fanzine estava tomando. Como eu disse, o mote principal do fanzine, na minha cabeça, eram os quadrinhos da Marvel e DC, eu queria abrir espaço para que o pessoal comentasse sobre isso, desse informação, trocasse ideias, enfim. Com o tempo, o **Opinião** foi se tornando um reduto de troca de ideias sobre HQB e, pior, de combate às histórias em quadrinhos estrangeiras. Eu, como fã incondicional de Marvel, DC, Disney, Bonelli etc., não poderia concordar com aquilo, e a situação foi me desgostando a tal ponto que decidi parar.

Eu ainda tentei retornar em 1995, incentivado pela minha esposa, pois era uma pena eu ter abandonado um hobby de que gostava muito. Lancei, então, dois números (o 12 e o 13), mas o pique já não era o mesmo, muitos dos meus leitores já tinham desistido, os antigos colegas editores quase todos já tinham largado o movimento, os que permaneciam tinham outros projetos, estavam envolvidos com outras atividades, e eu também já tinha outros hobbies, como a informática, os seriados de televisão, enfim, outras coisas ocupavam o meu tempo. Então, em abril de 1995, mesmo com algumas cartas, matérias, portfólios e HQs a publicar, enviados pelos leitores, o **Opinião** foi suspenso.

O fim do **Nata** foi apenas uma consequência do fim do **Opinião**. Desgosto com a xenofobia existente no movimento fanzinístico (se é que esta palavra existe). Porém, ele ainda durou dois meses depois do fim do **Opinião**. A falta de tempo também foi uma das razões, e, em junho de 1995, o **Nata** parou de ser editado. Ficaram várias histórias incompletas e eu fiquei com um compromisso moral com vários autores que acreditaram no projeto.

O fanzine que mais me influenciou foi o **Portal dos Quadrinhos**, fanzine que tinha várias matérias e novidade sobre quadrinhos Marvel e DC, algo que hoje existe à beça na internet. Outro fanzine no qual eu me espelhei

foi o **Alegoria**, do Wilson Costa de Souza, que, em cada número, trazia um histórico sobre algum personagem ou grupo da Marvel/DC. Inclusive publiquei uma entrevista com o Wilson, diagramada pelo próprio, que foi uma das matérias de que mais gostei, durante todo o tempo de existência do **Opinião**.

Paradoxalmente ao fato de o propósito do **Opinião** ser discussões sobre os heróis Marvel e DC, um dos fatos que mais marcaram as páginas do fanzine (e que mais me desgostou) foi uma opinião, enviada por um leitor, e publicada no nº 5 do fanzine, dando conta de que “a única saída para a HQ nacional é o cancelamento sumário de todas as publicações de HQ estrangeiras”. Este debate começou a esquentar a partir do **Opinião** nº 6, quando, no meu editorial, eu afirmei que “acho que o quadrinho nacional deve procurar aprimorar-se, subir de nível, impor-se por si, sem o subterfúgio do cancelamento das publicações estrangeiras”.

A partir daí, iniciou-se uma série de opiniões de vários leitores do fanzine a respeito do assunto, que se estendeu por vários números, com posicionamentos favoráveis e contrários ao assunto. Iniciava-se ali, sem eu me dar conta, infelizmente, o fim do **Opinião**.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

O **Opinião** durou 14 números, do nº 0, de dezembro de 1987, ao nº 13, de abril de 1995. O nº 0 teve 6 páginas no formato A4. A partir do nº 1, o formato passou a ser o ofício 2, com o número de páginas variando em média entre 20 e 30 páginas. No entanto, o nº 8 teve 40 páginas, o nº 9 teve 140 páginas, o nº 10 teve 240 páginas e o nº 11 teve 90 páginas.

O **Nata dos Quadrinhos** durou 3 números, do nº 1, de fevereiro de 1995, ao nº 3, de junho de 1995, sempre com 20 páginas no formato ofício 2.



Opinião nºs 0 (dez/1987), 1 (jan/fev/1988), 3 (abr/1988), 13 (abr/1995) e
Nata dos Quadrinhos nºs 1 (fev/1995) e 3 (jun/1995).

Depoimento do Editor

JOACY JAMYS

Joacy Jamys Nascimento Souza nasceu em 9 de outubro de 1971, no Rio de Janeiro, e faleceu em dezembro de 2006 em São Luís (MA). Desde 1986, Joacy Jamys produziu quase tudo o que envolve HQs, ilustração e editoração gráfica, design gráfico e webdesign. Editor de inúmeros fanzines, apostilas e revistas, fez centenas de HQs produzidas em diversos estilos e gêneros. Produziu inúmeras capas, logotipos, artigos, portfólios, músicas e centenas de tiras. Ativista do movimento anarcopunk, integrou a ULMA (União Libertária), foi vocalista da banda Última Marcha. Ministrou diversos cursos de quadrinhos, tiras, cartuns e desenho. Publicou no exterior a partir de 1991, em Portugal, Espanha, Tchecoslováquia, Polônia e outros países. Participou de inúmeras exposições, ganhando algumas menções honrosas.

Comecei a publicar fanzines ainda com 14 anos de idade. Conhecendo outros quadrinhistas amadores que estavam envolvidos com super-heróis, e na época várias revistas de HQB saíam nas bancas, tínhamos a vontade de publicar nossos próprios trabalhos. Começamos com o zine **Legenda**, que no início se chamou **Heróis em Ação** e **Teposl**. Tratava de comentar revistas de super-heróis e publicar nossas criações, inclusive as minhas (Dronn, o Mercenário, e Tandramir, por exemplo).

Fiquei sabendo da existência de outros fanzines através de seções de cartas das revistas da Editora Abril. Comecei a escrever e conheci mesmo um fanzine após o nº 7 de **Legenda**. A distribuição dos fanzines era feita através dos Correios ou no mano-a-mano em São Luís. O propósito dos fanzines era divulgação dos trabalhos de autores amadores e profissionais. As dificuldades para fazer os fanzines eram o tempo e dinheiro para xerox e cartas. Material, até nem tanto. Com os zines punk, principalmente, a participação era ampla.



ZINES NO MARANHÃO

A produção de zines maranhenses começou por volta de 1986. O 1º zine foi o **Legenda**, enquanto surgia na Universidade Federal do Maranhão a revista alternativa **Sem Essa** de Iramir Araújo, que já trabalhava para a Grafipar e publicava em revistas locais.

Ainda em 1986, novos zines surgiram. **Ironia**, editado por Augus e Jamys, tratava de humor. Em 1987, começaram a aparecer mais zines, como o **Prancheta** de Chema, **Fora de Série** de Lupo e **Quadriune** de Astrogildo Sales. Eram zines ecléticos, mas basicamente publicando HQB.

Com uma efervescência no cenário de quadrinhos no Brasil nesta época, os quadrinhistas e faneditores maranhenses resolveram criar o Grupo de Risco e publicar o fanzine **SingularPlural** em 1988.

Já no começo da década de 1990, vários zines maranhenses terminaram e o Grupo de Risco estava totalmente reformulado, ficando apenas Iramir e Jamys do grupo original, e integrando Rômulo, Beto Nicácio, Ronilson Freire e Ricardo Borges. Em 1992, lançam a revista **SingularPlural**, que teve boa aceitação. Alguns de seus integrantes começam a participar do intercâmbio entre zines estrangeiros, publicando em Portugal, Espanha e outros países.

O Grupo de Risco lança em 1988 o **Troféu Risco**, dedicado totalmente aos zineiros.

O Grupo de Risco muda seu nome para SingularPlural Quadrinhos e por volta de 1995 começam os primeiros cursos de HQ em São Luís, embora o Iramir já tivesse ministrado um curso na década de 1980. Rômulo, Nicácio e Jamys começam a participar de encontros universitários e ministrar cursos em centros culturais. Nesses cursos começa a aparecer uma nova safra de quadrinhistas maranhenses.

O segundo grupo de HQs a surgir no Maranhão foi o Fator RHQ (com Tony Machado, Djalma Lúcio, Bruno SA, Ricardo Pontes, Zeck, Samira e outros), que lança o zine **Área de Mancha**. Ao mesmo tempo, havia uma turma que fazia o zine **Universo 3000** no CEFET/MA (destacando Carlos Eduardo e Carlos Bayma, que depois montaram o Tríade).

Em mais outro curso, desta vez no SESC, surgiram mais quadrinhistas. Montaram novo grupo, o Necrobiose, lançando um zine homônimo. Desse grupo, apenas Diogo Henrique prosseguiu e passou a integrar o Fator RHQ.

No final da década de 1990, o SingularPlural com novos integrantes (Jonilson e Luca) lança as revistas **Fúria** e **Fusão** e cria um site. Jamys e Jonilson montam a Oficina Comixx, um local especializado em cursos artísticos. Surgem novos cartunistas e quadrinhistas com novos grupos como Traçadores e Conglomerado, lançando zines como **Rasgamortalha** e **Scroto**.

O grupo Conglomerado montou o curso Oficina de Talentos. Apareceu também o grupo de mangá Upaon-Açu Manga.

Outros quadrinhistas surgiram como Ivan Veras, do zine **Cólera**, Michael e o multieditor Vidomar, lançando vários zines e incentivando os iniciantes a produzirem os seus.

O talento alternativo neste Estado é destacável em seus exemplos, onde artistas são reconhecidos internacionalmente, premiados e elogiados na grande imprensa.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Edições feitas por Joacy Jamys, pelos grupos de que participou (Grupo de Risco e Grupo SingularPlural), ou com seus trabalhos.

– **Heróis em Ação** (of.2, 4 pág.): nº 1 (abr/1986) a nº 10 (abr/1987). Comentários sobre revistas de super-heróis, trabalhos de Joacy e outros.

– **Teposl** (of.2, 4 pág.): nº 11 (mai/1987). Mudança de nome do fanzine, durante apenas um número.

– **Legenda** (of.2 e 1/2 of.2, 4 a 36 pág.): nº 12 (jun/1987) a nº 26 (1992). Nova mudança de nome a partir do nº 12, o único em formato ofício 2. A partir do nº 20, passou a ser coletânea de trabalhos de alguns autores como Henry Jaepelt, Alberto Monteiro, Laudo, Calazans e o próprio Joacy.

– **SingularPlural** (1/2 of.2, 20 a 84 pág.): nº 1 (1988) a nº 7 (mai/1991). Editado pelo Grupo de Risco, fez intercâmbio com outros países.

– **Legenda Comix** (1/2 of.2, 28 a 32 pág.): nºs 1 (1998) e 2 (mar/2001).



Heróis em Ação nº 3, **Teposl** nº 11, **Legenda** nºs 13 e 26, **SingularPlural** nº 1 e **Legenda Comix** nº 1.

– **Não Sistema!** (1/2 of.2 e of.2, 12 pág.): nº 1 (jun/1993) a nº 3 (fev/2003). Editado pelo Grupo de Risco com seleção de tiras de Joacy Jamys.

– **SingularPlural** (190x280mm, 52 pág., off-set): nº 1 (1993). Primeira tentativa do Grupo de Risco de fazer uma revista.

– **Liberdade em Preto e Branco** (1/2 of.2, 20 pág.): nº 1 (2000). HQ de Joacy sobre a vida de Mumia Abu-Jamal.

– **Fusão** (f. amer., 48 pág., off-set): nº 1 (1997) a nº 3 (jan/1999). Editado pelo Grupo SingularPlural Quadrinhos, com capa colorida, trouxe séries de FC, aventura, policial e terror.

– **Fúria** (f. amer., 48 pág., off-set): nº 1 (2000). Editado pelo Grupo SingularPlural Quadrinhos, com capa colorida e HQs mais pessoais.

– **Não Sistema!** (140x200mm, 48 pág.): volume 3 da coleção *Das Tiras, Coração*, publicado em setembro de 1995 pela Editora Marca de Fantasia, com seleção de tiras de Joacy Jamys.



Não Sistema! nº 1, SingularPlural nº 1, Liberdade em Preto e Branco, Fusão nº 1, Fúria nº 1 e Não Sistema!.

Outras publicações de Joacy Jamys.

– **Ironia** (1/2 of.2, 16 a 24 pág.): 4 números a partir de 1986, co-editado com Augus. Saiu um número especial editado apenas por Augus.

– **Mundo Caótico** (1/2 of.2, 28 pág.): 1 número em 2002, co-editado com Curisco, com HQs punks. Esta edição talvez tenha saído também com o nome **Legenda**.

– fanzines punks ou anarquistas como **Grito Punk**, **Grito?**, **Sociedade dos Mutilados**, **Libre** e **Anarco**.

– apostilas sobre Histórias em Quadrinhos e Editoração Gráfica.



Ironia nº 3, Grito Punk nº 11, Grito?, Sociedade dos Mutilados nº 5 e Curso de Histórias em Quadrinhos nº 1.

Depoimento do Editor

WALLACE VIANNA

Wallace Vianna nasceu no Rio de Janeiro em 1969. Desenhista Publicitário, Designer, consultor e professor de webdesign, já colaborou com diversas publicações alternativas, além de editar seu próprio fanzine. Participou do I Salão Nacional de Humor pela Paz, de Natal (RN). É criador da tira 'Mão Única', publicada em vários fanzines.

Eu era apaixonado por histórias em quadrinhos e isso me motivou a publicar um fanzine, que era sobre quadrinhos, mas não apenas isso. Fiquei conhecendo essa mídia através de um conhecido meu, amigo até hoje, com quem trocava revistas em quadrinhos. Nos conhecemos através de seção de cartas de uma dessas revistas.

Por ser um fanzine pouco convencional, inicialmente chamava-se **Logotipo** e foi progressivamente mudando para **Louco Tipo**, **Longo Tipo** e **Outro Tipo**. Sou um apaixonado por tipografia.

O fanzine teve 15 edições, iniciando em 1984 com a última edição no final dos anos 1990; nunca teve periodicidade definida.

O fanzine tinha como regra não ter regras, então ele já foi do formato A6 ao formato A4, além de outros formatos não padronizados. Basicamente era impresso em xerox (p&b e cor) além de ter sido colorido/montado manualmente (cópia por cópia) em algumas edições.

A distribuição era essencialmente feita pelo correio, alguns editores conheci pessoalmente, de passagem pelo Rio, onde moro, outros moravam/moram aqui no Rio.



Meu propósito era fazer um fanzine sobre HQ, inicialmente, mas com o passar do tempo se tornou mais um veículo para minhas ideias e sentimentos do que um fanzine. Na verdade, o fanzine virou uma obra de arte pessoal mais do que um veículo informativo, divulgador, fomentador de atividade quadrinística, talvez isso me tenha feito interromper sua produção por alguns anos.

Eu imprimia e distribuía basicamente com grana de meus pais, irmãos e bicos que fazia na área de desenho. A partir de uma certa idade, por minha própria conta e prejuízo.

Até hoje encontro pessoas que liam o meu fanzine, me reconhecem, e comentam as histórias que fiz com riqueza de detalhes que nem eu mesmo lembro. Talvez uma das dificuldades e sucesso do fanzine tenha sido seu “formato”, algumas pessoas não o viam como fanzine, outras adoravam.

Na verdade, eu progressivamente aumentei os intervalos entre uma edição e outra, pois volta e meia tenho ganas de voltar a editá-lo e o faço. Provavelmente a nova edição será eletrônica (documento on-line ou site na internet), pois trabalho nessa área agora. Aliás, o fato de ter entrado na faculdade e me formado em Design foi o principal motivo de ter parado com os fanzines – não consegui conciliá-los com a atividade profissional/estudantil.

O formato do meu fanzine não era parecido com nenhum outro e portanto sentia afinidade com fanzines que fugiam ao convencional ao menos no conteúdo, pois no formato eram todos semelhantes. Curtia muito o **Grupo Juvenil**, o **Historieta**, o **Leve Metal**, toda a produção do Henrique Magalhães, os trabalhos do Deodato Filho, e uma infinidade de fanzines e jornais que não passaram do número um, em especial os editados no sul do país.

Os quadrinhos, hoje, estão tão afrancesados (no bom sentido) que acho difícil surgir uma estética nova ou um novo modo de expressão nesse veículo. Acho que as novidades serão mais tecnológicas (HQ em estereograma, animada na internet etc) do que de conteúdo ou forma de expressão. Mas acredito piamente que um bom texto não tem época.

Da minha produção na época, creio que uma série de 4 histórias que fiz, baseadas no álbum **The Wall** (Pink Floyd) foram as que mais chamaram atenção pelo fato de serem tão pouco convencionais quanto o fanzine que editava. Para quem não era da época, meu fanzine – além de trocar de nome ligeiramente ao longo do tempo, com a sutileza de uma poesia concreta (**Logotipo**, **Louco Tipo**, **Longo Tipo** e **Outro Tipo**) – em algumas edições a capa era totalmente vazia, ou não tinha capa; uma edição tinha apenas uma página, com uma foto (e para cada leitor era enviada uma foto diferente), e cheguei ao requinte de fazer uma edição cujo conteúdo era colado (cópia por cópia) como um caderno de colagens. Foi uma época muito criativa, explorei

quase tudo o que gostaria de fazer, em matéria de formato gráfico. Fanzine era para mim o tipo de publicação inviável numa estrutura editorial/industrial, e esse fato me atraía criativamente.

Acho que tentar fazer a mesma coisa no meio profissional onde estou inserido – a internet – é um desafio maior ainda, pois tenho a possibilidade de atingir um número potencialmente maior de pessoas, mas com as limitações do computador, e isso me fascina: tentar ser tão criativo no meio digital (virtual) quanto eu era no meio analógico (real).

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

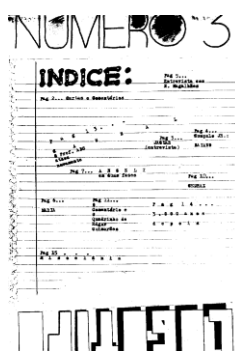
Relação comentada das edições produzidas por Wallace Vianna.

– **Logotipo** (of.2, 8 pág.): nº 1 (dez/1984/jan/1985). Textos e HQ de Wallace Viana; capa em branco.

– **Logotipo** (of.2, 12 pág.): nº 2 (1985). HQs de Wally Vianna; divulgação de grande número de fanzines da época, vasta seção de cartas, inclusive na capa. Início da quadrinização de **The Wall** de Pink Floyd.

– **Logotipo** (of.2, 16 pág.): nº 3 (dez/1985). Entrevista com Henrique Magalhães, tiras de Gonçalo Jr., recortes com matérias sobre Angeli, Deodato Borges e Deodato Filho, HQs variadas, toda a edição colorida à mão.

– **Logotipo** (1/2 of.2, 20 pág.): nº 4 (out/1986). Predomínio de trabalhos de Wally Vianna (HQs, cartuns e tiras), artigo de José Carlos Ribeiro.



– **Logotipo** (1/2 of.2, 26 pág.): nº 5 (1987). 26 folhas soltas, impressas somente na frente, com destaque para entrevistas e textos com autores independentes, como Juvêncio Veloso, Marco Müller, Beraldo, Carlos Alberto, Mauro Silva, Jerônimo Souza, Luga, Gustavo Valladares.

– **Loucotipo** (1/2 of.2, 4 pág.): nº 7 (1988). Tiras de Wally, Marco Müller, Marcos Freitas, Cavalcanti & Alberto; capa sem nome ou logotipo do fanzine.

– **Loucotipo** (of.2, 1 pág.): nº 8 (1988). Tira de Wally, divulgação de “Barata”, “Absurdo” e da revista “Animal”, mas no verso da folha um aviso à mão manda apagar o que foi dito sobre a “Animal”.

– **Loucotipo** (1/2 of.2, 1 pág): nº 9 (1988). Uma página com uma foto. Talvez seja este o número que teve uma foto diferente em cada exemplar.



– **Loucotipo** (1/4 of.2 horizontal, 4 pág.): nº 11 (1989). Texto de Lúcio Murici sobre Luiz Sá.

– **Loucotipo** (of.2 horizontal, 12 pág.): nº 12 (1990). Experimentos gráficos de Wally Vianna e textos diversos.

– **Loucotipo** (1/3 of.2, 6 pág.): nº 13. Divulgação de fanzines, HQ de Wally.

– **Longo Tipo** (1/4 A4, 4 pág.): nº 14 (dez/1997). Ilustração colorida na frente da folha, HQ de Wally.



Depoimento do Editor

CLÁUDIO S. DILLI

De fato, saíram só 13 edições do meu fanzine **O Quero-Quero** e alguns especiais, 3 **As Coleções do Quero-Quero** (enfocando **O Guri** e **Cinemin**) e 4 edições de **Cine-Aventuras** com reedições de antigas edições da revista de mesmo nome da RGE, com capas modificadas.

O começo desse hobby dos quadrinhos foi com um anúncio na coluna do Franco da Rosa em **Zero Hora** divulgando **Historieta** do Oscar Kern. Daí conheci o trabalho do Barwinkel, do Cassal e do Valdir Dâmaso e resolvi colocar no papel o pouco conhecimento de quadrinhos, o farto material colecionado e que, com o tempo, foi ampliado, graças a vários amigos colecionadores que me proporcionaram completar algumas de minhas coleções, adquirir velhos almanaques de minha infância e finalmente conseguir até material estrangeiro, com publicações não divulgadas no Brasil, principalmente nas adaptações de filmes em quadrinhos, minha predileção no gênero HQ.

Sou grato a vários amigos colecionadores que periodicamente me enviam brindes e presentes, sejam livros, revistas ou coleções, como foi o caso do Ruy Furst e do Roberto McGhan, do Uruguai.



CLÁUDIO DILLI – “O QUERO-QUERO”

Texto de Valdir Dâmaso publicado no fanzine **Gibizada Querozine** (dez/2000).

O Quero-Quero começou a ser publicado em julho de 1986 e até o momento saíram 12 números e uma edição especial. Cláudio Dilli (Pelotas – RS) é o seu editor, dedicando a maior parte dos assuntos às revistas que publicaram filmes quadrinizados. Também ficou evidente sua preferência por personagens do faroeste, que procurou sempre dar destaque nos fanzines.

Nos primeiros números de **O Quero-Quero** fez um levantamento completo sobre as diversas séries da revista **Cinemin**, publicando praticamente

todas as capas e comentando cada edição com a competência de quem conhece o assunto. Além disso, cada edição de **O Quero-Quero** está recheada com quadrinhos nostálgicos extraídos de velhas publicações. Também fez um levantamento e publicou as capas das revistas **Cine-Aventuras**, **Pré-Estréia** e todas as outras que no Brasil publicaram os filmes em quadrinhos. Dedicou espaço especial para a revista **Aí, Mocinho!** e várias outras que publicaram histórias de faroeste, inclusive as revistas fotoquadrinizadas da editora Editormex. Teve especial cuidado com **O Guri** e seus personagens. **Vida Juvenil** foi matéria para algumas edições, pois esta revista também é uma que faz parte de suas coleções. Também publicou matérias sobre os álbuns de figurinhas.

A edição especial publicada pelo Dilli intitula-se **As Coleções de O Quero-Quero** e é inteiramente dedicada aos 100 primeiros números da revista **O Guri**, tendo reproduzido todas essas 100 primeiras capas e publicado as relações dos personagens e histórias que saíram em cada número. É uma edição muito útil e indispensável para os estudiosos e colecionadores.

Está sendo um excelente trabalho, este do Dilli, para o resgate das nossas antigas revistas em quadrinhos. Merece os nossos agradecimentos e esta homenagem do **Gibizada Querozine**.

DILLI, Cláudio S.

Verbete no livro **Enciclopédia dos Quadrinhos** (2011) de Goida e André Kleinert.

Cláudio Steffenmunsberg Dilli, editor do fanzine **O Quero-Quero**, nasceu em São Lourenço do Sul (RS), próximo à cidade de Pelotas, onde vive até hoje, trabalhando como professor. Nas horas vagas, cuida do seu fanzine, formato ofício, dedicado a duas de suas paixões – cinema e quadrinhos. A periodicidade é semestral, tendo sido lançados mais de doze números. Além disso, iniciou uma série: **Coleções do Quero-Quero**. Dilli está sempre em busca de revistas como **Cinemin**, **Cena Muda** e **Cinelândia**. Seu fanzine tem edição desde julho de 1986, época em que boa parte dos títulos em circulação no país era de procedência gaúcha.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Relação comentada das edições produzidas por Cláudio Dilli.

– **O Quero-Quero** (of.2, 32 pág.) nº 1 (jul/1986). Destaque para textos sobre as revistas **Cinemin**, **Vida Infantil**, **O Falcão Negro** e Milton Caniff. Capa em xerox vermelho.

- **O Quero-Quero** (of.2, 38 pág.) nº 2 (jan/1987). Destaque para textos sobre a revista **Cinemin** e **Rocky Lane**.
- **O Quero-Quero** (of.2, 30 pág.) nº 3 (out/1987). Destaque para texto sobre as revistas **Cinemin**, **Don Chicote**, **O Pato Donald**, álbum de figurinhas **Pinocchio** da Vecchi e artigo da revista **Seleções** sobre HQs.
- **O Quero-Quero** (of.2, 40 pág.) nº 4 (mar/1988). Destaque para texto sobre Randolph Scott e quadrinização de filme do ator.
- **O Quero-Quero** (of.2, 40 pág.) nº 5 (dez/1988). Destaque para textos sobre a revista **Vida Juvenil**, o álbum de figurinhas **A Dama e o Vagabundo** da Vecchi e as figurinhas Ping Pong de Luís Sá.
- **O Quero-Quero** (of.2, 38 pág.) nº 6 (out/1989). Destaque para textos sobre as revistas **Cine-Aventuras** e **Rocky Lane**.



- **O Quero-Quero** (of.2, 50 pág.) nº 7 (dez/1989). Destaque para textos sobre Carlos Estêvão, os Almanques de **O Globo Juvenil** e a revista **Filmelândia**.
- **O Quero-Quero** (of.2, 46 pág.) nº 9 (set/1991). Destaque para textos sobre Pernalonga, as revistas **Mindinho**, **O Guri Cômico**, **Roy Rogers** e **Cinemin** (2ª série).
- **O Quero-Quero** (of.2, 50 pág.) nº 10 (ago/1993). Destaque para textos sobre as revistas **O Gury** e **Cinemin** (2ª, 3ª e 4ª séries).
- **O Quero-Quero** (of.2, 62 pág.) nº 11 (dez/1994). Destaque para textos sobre J. Carlos e Hergé.
- **O Quero-Quero** (of.2, 54 pág.) nº 12 (dez/1999). Destaque para textos sobre **Cine-Aventuras** e **Patrulheiros do Oeste**. Capa colorida.
- **O Quero-Quero** (A4, 42 pág.) nº 13 (nov/2009). Capa colorida.



– **As Coleções de O Quero-Quero** (of.2, 36 pág.) nº 1 (out/1992). Redução das capas do 100 primeiros números da revista **O Gury** e descrição de seus conteúdos.

O nº 2 enfocou a revista **Cinemin**.

– **As Coleções de O Quero-Quero** (of.2, 38 pág.) nº 3 (mar/2003). Redução das capas dos nºs 101 a 200 da revista **O Guri** e descrição de seus conteúdos. Capa colorida.

– **Cine-Aventuras** (of.2, 36 pág.) nº 1. Quadrinização do filme **Rosa de Cimarron**.

– **Cine-Aventuras** (A4, 38 pág.) nº 4 (dez/2008). Quadrinização do filme de James Bond **Nunca Mais Outra Vez**. Capa colorida.



A partir de 1999, José Magnago, editor do fanzine **O Castelo de Recordações** lançou três edições com material preparado por Cláudio Dilli.

– **O Quero-Quero & O Castelo de Recordações** (of.2, 40, 46 e 34 pág.) nºs 1 (dez/1999), 2 (jun/2001), 3 (mai/2008). Edições dedicadas às publicações da editora O Cruzeiro.

Em 2000, Valdir Dâmaso lançou o **Gibizada Querozine**, uma homenagem aos fanzines **O Quero-Quero** e **Fã-Zine**, de Eduardo Cimó. Dâmaso se deu ao trabalho de criar uma capa fictícia para **O Quero-Quero**.

– **Gibizada Querozine** (of.2, 102 pág.) (dez/2000). Edição dedicada aos fanzines **O Quero-Quero** e **Fã-Zine**.



Depoimento do Editor

DENILSON ROSA DOS REIS

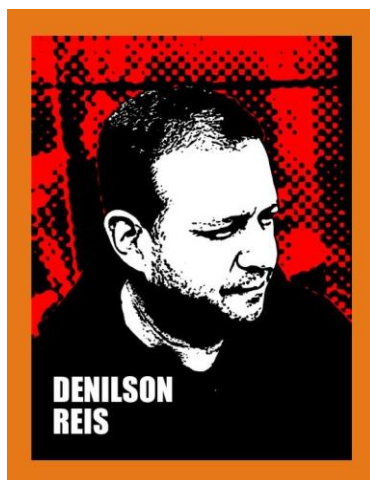
Denilson Rosa dos Reis nasceu em 16 de julho de 1968 e atua como Professor de História. Parte do depoimento a seguir foi retirado do CD-Rom Fanzine Tchê volume 1.

Comecei a editar fanzines em dezembro de 1987, quando lancei o nº 1 do **Tchê**. De lá para cá editei uma série de fanzines, sendo que os principais são os que edito até hoje: **Tchê**, **Arquivo** e **O Muro**.

Em 1984, assisti ao filme **Conan, O Bárbaro** e fiquei maravilhado com o universo ali mostrado. Por intermédio de um amigo jornalista cheguei aos quadrinhos de Conan. Daí em diante me apaixonei por quadrinhos e virei colecionador. Em 1986 saiu uma carta minha numa revista de heróis da Abril – **Hulk**, se não me engano – e o Joacy Jamys pegou meu endereço e me escreveu falando de um grupo de leitores Marvel e do boletim editado por eles – mais tarde ficamos sabendo que se tratava de um fanzine. A partir disso fiquei motivado a editar o meu zine, mas não para falar de quadrinhos, e sim publicar os quadrinhos que recebi de amigos. Nasceu em 1987, o fanzine **Tchê**, com capa de Henry Jaepelt e a HQ principal desenhada pelo argentino Isaac Hunt.

Com o **Tchê** em mãos, comecei a distribuí-lo através do correio para endereços que o Jamys publicava no seu fanzine. O nome **Tchê** foi sendo divulgado de boca-a-boca, ou melhor, de carta-a-carta, e um ano depois recebia o Troféu Risco 1988 na categoria *Honra ao Fanzine*. A partir daí as cartas e colaborações chegavam mais frequentes.

Mergulhei em zines de outras temáticas, como a música, e me envolvi em outros projetos: fui fundador da GRAFAR e editor de um projeto arrojado para a época, final da década de 1980, o **Quadrante Sul**. Este prozine editado em parceria com Alex Doepré (zine **Antimatéria**) e Gervásio Santana de



Freitas (zine **Estilo**) é considerado importante até hoje por buscar novas metas no período de crise da produção de fanzines no Brasil. O grupo lançou o primeiro número da revista em 1988 e mais dois números até 1989, contando com o apoio de outros fanzineiros e desenhistas como Daniel HDR, Jerônimo de Souza e Paulo Ricardo Montenegro. Em 2004, os três editores originais se reencontraram e as reuniões periódicas foram retomadas para preparar o retorno da **Quadrante Sul**.

Uma das minhas paixões sempre foi a música. Quando resolvi fazer um zine de quadrinhos, a ideia era ter uma coluna falando de música, mais especificamente o rock. Logo percebi que tinha contato com várias bandas underground e material para fazer um zine. Surgiu assim o **Tchê Especial Rock 1**. A capa trazia imagem do disco **Animals** do grupo de rock progressivo Pink Floyd. A partir daí resolvi mudar o nome para **Echoes**, em homenagem a esta banda que muito admiro e da qual possuo todos os discos e DVDs. O zine durou sete números, sempre com capa alusiva ao Floyd.

Tempos depois, voltei com outro zine de rock, o **Rouge**, que teve quatro números. Como sou torcedor do Internacional, queria que o zine se chamasse “vermelho”. Pensei em “red”, mas o inglês já estava batido. Optei por “vermelho” em francês, mas não contava que dois ou três anos depois surgiria aquele grupo homônimo de meninas patrocinadas pelo SBT. A saída foi cancelar o zine.

Mas a vontade de publicar um fanzine sobre música não morreu. Passei a falar de rock na coluna *On The Road* do zine **Tchê** e lancei um projeto ambicioso (e creio que inédito no país): um zine sobre blues, onde as ilustrações seriam produzidas por desenhistas de histórias em quadrinhos. Surgiu então o **Bluseria**.

Nos primeiros números do **Tchê**, costumava republicar algumas notícias sobre quadrinhos, recortadas de jornais de Porto Alegre. Logo comecei a acumular este tipo de material. Ao mesmo tempo, percebi que estes recortes seriam uma boa fonte de pesquisa para leitores e colecionadores de quadrinhos e resolvi reuni-los em uma única publicação. Em 1998 lancei o **Arquivo**.

Há alguns anos venho escrevendo artigos sobre política, economia, sociedade e cultura. Comecei a publicá-los em um jornal de Alvorada, **A Semana**. Atualmente são publicados no site **A Trincheira**, pelo qual sou um dos responsáveis. O minizine **A Tréplica**, em formato 1/4 de ofício tem a finalidade de levar para o papel os artigos que estão na internet.

O minizine **O Muro** com 8 páginas no formato 1/4 de ofício nada mais é que um informativo de minhas publicações. Mas também traz alguns textos e ilustrações enviadas pelos colaboradores. O nome é uma homenagem ao Pink Floyd, mas também faz referência a um mural de informações.

Apesar da falta de tempo, continuo publicando os zines. Sou casado e tenho dois filhos (Henrique e Fernanda), trabalho três turnos como professor e desenvolvo um trabalho na área de música, sendo guitarrista da **Fluxo Urbano**, banda de rock/blues formada em 1999.

A ideia de lançar uma compilação digitalizada dos primeiros vinte números do **Tchê** surgiu a partir da retomada das reuniões do Grupo Quadrante Sul, já com Gervásio responsável pelo Portal TexBR e Alex mexendo com novas tecnologias. Desde então veio ganhando corpo a ideia de levar o zine para a internet, mas como sou um dinossauro dos fanzines e não pretendo deixar de fazê-los em papel, a ideia do CD-Rom me pareceu muito boa.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Relação das edições produzidas por Denilson, a maioria no formato 1/2 ofício ou A5, impressão em xerografia, e boa parte delas ainda em publicação.

– **Tchê** (1/2 of.2, 20 pág.): nº 1 (dez/1987) a nº 39 (out/2011). HQs alternativas, publicou trabalhos de Shimamoto, Mozart Couto, Henry Jaepelt, Laudo Jr., Joacy Jamys, Edgar Franco, Daniel HDR etc.

– **Quadrante Sul** (1/2 of.2): nº 1 (1988) a nº 4 (2009). Co-edição com Alex Doepre e Gervásio Santana, teve três números publicados em 1988 e 1989 e foi retomado em 2009.

– **Tchê Recortes de Jornal** (of.2, 10 pág.): nº 1 (fev/1989) a nº 16 (fev/1997). Renomeado **Tchê Arquivo** a partir do nº 7. Publicação de reportagens veiculadas na grande imprensa gaúcha.

– **Tchê Portfólio** (1/2 of.2, 20 pág.): nº 1 (abr/1990) a nº 4 (1999).

– **Tchê Especial Rock**: nº 1 (set/1989). Mudou para **Echoes** no nº 2.

– **Echoes**: nº 2 (fev/1991) a nº 7 (jan/1997).



– **O Muro** (1/2 e 1/4 of.2, 4 e 8 pág.): nº 1 (jan/1995) a nº 20 (jan/2012). Divulgação dos lançamentos de Denilson.

– **Rouge** (1/2 of.2, 20 pág.): nº 1 (fev/1998) a nº 4 (inv/2001). Cultura geral alternativa, divulgação de bandas, shows etc.

- **Arquivo** (1/2 of.2, 20 pág.): nº 1 (jan/1998) a nº 39 (nov/2010). Nova série de **Tchê Arquivo** com o nome simplificado.
- **Tchê Plus** (1/2 of.2, 40 pág.): nºs 1 (2000) e 2 (dez/2002).
- **A Tréplica** (1/4 of.2, 12 pág.): nº 1 (ver/2003) a nº 7 (2011).
- **Blueseria** (1/2 of.2, 20 pág.): nº 1 (inv/2004) a nº 6 (2011).



- **Fanzine do Grupo Quadrante Sul** (1/2 of.2, 8 pág.): nº 1 (2004) a nº 5 (abr/2011). Notícias sobre as reuniões periódicas do Grupo Quadrante Sul.
- **CD-Rom Fanzine Tchê** (nov/2008). Compilação dos primeiros 20 números do fanzine **Tchê** mais informações sobre outras publicações, entrevistas etc.
- **Caverna dos Gibis** (1/2 of.2): nºs 1 (jul/2010) e 2.
- **Tela HQ** (1/2 of.2, 16 pág.): nº 1 (ago/2010).
- **Sonoridades Múltiplas** (1/2 of.2, 20 pág.): nºs 1 (set/2010) e 2.
- **Essência Poética** (A6, 8 pág.): 4 números.



Outros fanzines de temáticas diversas.

- **Tchê Especial**. Várias edições avulsas, sem numeração, dedicadas ao Batman, Eliminator, *Guerras Temporais*, Legião Natal e Rubow no Espaço.
- **Mutação**: s/nº (nov/2006).
- **Oficina de Fanzines**: s/nº (out/2007).
- **A Trincheira**: 1 número.
- **Castro Rock**: 3 números.
- **Quarenta Anos sem Che**.
- **Seminário 1968 – 40 Anos**.
- **L'Atmosfere** – 2 números.

Depoimento do Editor
JOSÉ VALCIR

Era abril de 1984 quando foi fundada a Produtora Artística de Desenhos e Aventuras. A oficialização da existência do grupo aconteceu em agosto de 1989 no **Suplemento Cultural**, jornal cultural editado pela Companhia Editora de Pernambuco, conhecida como CEPE. Logo após esse acontecimento, o grupo se chamaria Produtora Artística de Desenhistas Associados – PADA.



Na sua formação original, o grupo se compunha de seis pessoas, Marco e Milson Marins, Douglas Campêlo, Jaidelson Maurício de Sousa (segundo o próprio, mera coincidência), André Gomes Torres e Ricardo Alf (que nada entendia de quadrinhos). Após um mês de sua fundação, José Valcir ingressa na PADA e torna-se um dos membros mais atuantes. Walmir Sabino e Arnaldo Luís chegam meses depois. Este último nunca mais se desligou do grupo embora frustrado com os quadrinhos.

A influência direta no início da produtora vinha dos quadrinhos de super-heróis publicados pela Marvel e DC. Mesmo não muito aparente, havia no grupo um sentimento nativista. Como no Capitão América seu uniforme é inspiração direta da bandeira dos Estados Unidos, Marco Marins desenvolveu um personagem em que as cores do uniforme eram as mesmas da bandeira do Brasil. Claro, era possível notar um Homem Aranha ou Cavaleiro da Lua nas agaques, ou até mesmo o Quarteto Fantástico. O rompimento aconteceu logo após uma entrevista concedida por Lailson de Holanda para o primeiro fanzine de Pernambuco, o **Prismarte**.

Era o primeiro grupo formado com objetivo de produzir quadrinhos em Pernambuco. Oposto às gerações de 1960 e 70, que preocupavam-se mais em trocar revistas em porta de cinema no primeiro momento e, no segundo, competir entre si para a produção de quadrinhos individualmente. Nada concreto numa união de forças.

Enquanto a criação de uma revista não tomava forma, a PADA seguia criando histórias em quadrinhos e tentando manter contatos com editores. Os irmãos Marins produziram uma HQ inédita de 30 páginas, colorida, tamanho 30x40cm e enviaram para uma editora que andava publicando histórias de Spectreman e Mestre Kim desenhada por brasileiros. Um erro. Nunca se soube que destino tomou aquela história. Apenas a certeza que jamais foram devolvidos os originais ou pelo menos uma carta tecendo comentários.

Isso bastou para uma nova tomada de decisão. A PADA produziria sua própria revista. Surgiu a **Prismarte**. A primeira história publicada foi uma ficção científica produzida por Jaidelson chamada *Conexão Terra*. O entrevistado foi Lailson, chargista do **Diário de Pernambuco**, depois organizador do Festival Internacional de Humor e Quadrinhos de Pernambuco. E também futuro mentor do grupo. Através dele, a PADA ganhou uma nova direção na linha de produção. Abandonaria os super-heróis e trataria de temas mais relacionados ao país.

Mas não foi somente nesse ponto que influenciou o grupo. Através dele veio o debute no **Suplemento Cultural**.

O grupo foi pioneiro nas exposições sobre Histórias em Quadrinhos em Pernambuco, uma na Biblioteca Pública Castello Branco e outra na Universidade Federal de Pernambuco. Foi o grande momento do grupo. A mídia e o público fizeram-se presentes, mas o amadorismo de quem nunca fez algo assim não permitiu alçar mais longe. Mesmo assim, o fanzine **Prismarte** chegava ao seu sexto número aspirando competir no mercado com as grandes editoras.

Era hora de partir para a revista. Nesse tempo surgiram novos integrantes. Marcelo Schmitz e Eusébio Muñoz chegaram prontos com uma HQ e um personagem. Alexandre de Freitas com mil ideias na cabeça. Marcos Lopes e Jorge Luís querendo produzir. A PADA chegou a ter mais de vinte componentes, no entanto, poucos se mantiveram.

Na primeira edição da revista **Prismarte**, publicou-se a adaptação da HQ *Conexão Terra* de Jaidelson de Sousa. Foram editados do número 1 ao 5, mil exemplares de cada um. A revista tinha 30 páginas e sonhava conquistar seu lugar ao sol. Esbarrou com problemas do preço do papel, gráfica e a distribuição feita pelo próprio pessoal da PADA. Chegou até a ser vendida nos sinais da cidade nos finais de semana, devido à pouca venda em banca. O público leitor da revista era mais de outros estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e por aí vai. Quando da última edição da revista, a nº 5, chegou uma única carta de uma garota do interior de Pernambuco. Algo que surpreendeu a todos. Embora se tenha conhecido leitores da revista fiéis, isso não refletia na vendagem.

Buscando meios para mudar essa situação, ainda se produziu uma segunda revista. A **Croquis** surgia para ser a antítese da **Prismarte**. Ela estaria focada na ficção científica e no fantástico. Saiu apenas um número. André Gomes e Alexandre de Freitas foram seus editores.

Um ponto a ser observado. Quem produz jamais deve se envolver com questões administrativas. No caso, um administrador sensível ao mercado e capaz de gerar recursos para produção de novas revistas. Isso não acontecia na produtora, pois quem produzia também era responsável pelo marketing, confecção da revista, seleção das histórias e geração das ideias para venda do produto. Outro ponto importante para o fim de um sonho tenha sido a saída da adolescência para a vida adulta. As aspirações de grupo agora se chocavam com as realizações pessoais que cada um sentia e a cobrança dos pais por resultados mais práticos, um cheque mate na vida de cada um.

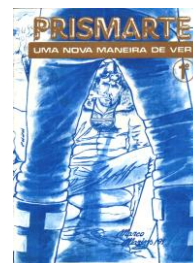
A Produtora Artística de Desenhistas Associados chegou a confeccionar a edição nº 6 da **Prismarte** e o **Croquis** reuniu material para a próxima edição. Parou aí. Foram dez anos de um sonho. Ainda se passa na cabeça de cada um aquele momento debruçado sobre a prancheta na criação do mundo. Lá dentro ainda manifesta o desejo de um retorno. Quem sabe um dia.

Nota: A PADA parou de publicar a revista **Prismarte** em 1993 e ficou cerca de 10 anos sem uma publicação regular. Em janeiro de 2003, no entanto, começou uma nova série de **Prismarte** que ultrapassou o número 55 em 2011.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

A maioria das publicações da PADA teve formato meio ofício 2 ou A5 com impressão em xerox. As revistas **Prismarte** e **Croquis** tiveram impressão em off-set e alguns números de **Prismarte** saíram no formato americano.

- **Prismarte** (1/2 of.2, 20 a 24 pág.): nº 1 (1989) a nº 5 (1990).
- **Croquis** (1/2 of.2, 40 pág.): nº 1 (1989) a nº 3 (1991).
- **Prismarte Especial** (1/2 of.2, 40 pág): s/nº (1990).



– **Prismarte Extra – Operação Vascalos** (1/2 of.2, 36 pág.): nº 1 (jun/1990).

– **Prismarte** (1/2 of.2 e f. amer., 32 a 40 pág.): nº 1 (1991) a nº 5 (mai/1993) – revista em off-set.

– **Croquis** (A5, 40 pág.): nº 0 (1993) – revista em off-set.

– **O Minotauro** (1/2 of.2, 8 pág.): nº 1 (1998) a nº 3.

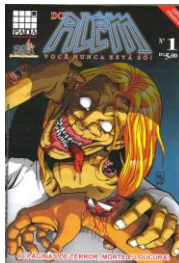
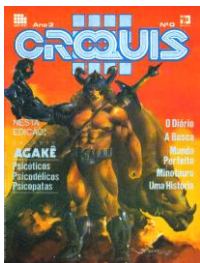
– **Prismarte** (A5, 28 a 52 pág.): nº 1 (jan/2003) a nº 55 (fev/2011).

– **O Humor do Minotauro** (1/3 A4, 58 pág.): nº 1 (mai/2004).

– **Prismarte Especial – Guerra nas Estrelas** (A5, 32 pág.): s/nº (jul/2005).

– **Do Além** (A5, 60 pág.): nº 1 (nov/2010).

– **Graphic PADA – Zé Gatão** (A4, 58 pág.): nº 1 (jul/2011).



Entre 1998 e 2000, surgiram outros grupos de quadrinistas em Pernambuco, com destaque para o Movimento Pernambucano de Quadrinhos, com participação de alguns membros da PADA. O Movimento publicou:

– **Comando Magazine** (A5, 12 pág.): nºs 1 (fev/1998) e 2 (1998).

– **Comando Magazine** (A5, 8 pág.): nº 1 (set/98).

– **Agakê** (A5): nº 1 (1998) a nº 4 (2000).

– **Marco Zero** (A5, 40 pág.): nºs 1 (mai/1999) e 2.

– **Boletim MPQ** (A5): nºs 1 (1999) e 2 (2000).

– **Zero** (A5, 52 pág.): nº 1.

Um exemplo da vitalidade da PADA foi sua participação no álbum **Eco Lógico** que comecei a organizar em 1989. O grupo enviou imediatamente, para participar do projeto, 8 HQs produzidas por dez de seus membros.

Depoimento sobre o Editor

EDSON RONTANI

Depoimento dado por Edson Rontani Júnior, filho do editor.

Edson Rontani nasceu em 23 de março de 1933, em Piracicaba, SP, e faleceu em 24 de fevereiro de 1997 na mesma cidade. Foi Desenhista Técnico da Secretaria Estadual de Agricultura de São Paulo e se formou em Direito em 1977 pela Universidade Metodista de Piracicaba.

Edson Rontani teve inclinação para o desenho ainda quando criança. Já desenhava aos 8 anos de idade. Na época, o desenho e a leitura de histórias em quadrinhos eram reprimidos pela sociedade e pela religião (em especial pela católica). Aos poucos a paixão vinda do cinema e das revistas em quadrinhos o levou a criar uma paixão incomensurável pelo desenho artístico. Sua veia artística o direcionou para as artes plásticas, tendo estudado com o Frei Paulo de Sorocaba, importante religioso que difundiu as artes pelo interior de São Paulo e Rio de Janeiro. No início dos anos 1950, Rontani cria o Estúdio Orbis de Desenho, através do qual passa a divulgar sua arte. Nessa época, passa a desenhar cartuns e charges nos jornais de Piracicaba. Ao final dos anos 1950, começa a colecionar revistas em quadrinhos chegando a ter até o final de sua vida, morreu em fevereiro de 1997, cerca de 120 mil revistas, consideradas um “xodó” no qual nem sua família tinha acesso. Edson Rontani foi o criador do fanzine brasileiro, imprimindo em mimeógrafo a tinta, em outubro de 1965, a primeira edição de **Ficção**, publicação pioneira na área dos fanzines.



O **Ficção** saiu em duas etapas: 1965 (12 números) e 1974 (cerca de 10 números). Não há certeza sobre a data exata de início e fim de cada uma das fases. Em 1984, criou o **Rontani Fanzine**, que durou apenas duas edições.

O **Ficção** saiu primeiramente impresso em mimeógrafo a tinta, e depois em mimeógrafo a álcool. O **Rontani Fanzine** saiu impresso em xerox. O número de páginas dependia da “vontade” e do “caixa”. Normalmente o formato mais usual era o de uma folha de sulfite, utilizado tanto no mimeógrafo quanto na xerocópia.

Muito tempo depois de iniciar o **Ficção**, Rontani soube que os fanzines eram muito difundidos na França e nos Estados Unidos. Na verdade, o **Ficção** não pode ser considerado uma versão brasileira do que era feito no primeiro mundo. Edson Rontani procurava um meio novo de difundir a cultura das histórias em quadrinhos. Sua família tem guardados a sete chaves fanzines, se é que eles podem ser assim chamados, que Rontani fez em 1946 – aos 13 anos de idade – em cadernos brochura e com lápis de cor, que seguiam uma ordem numérica na capa e uma ordem de mês de lançamentos. A produção em escala – **Ficção** tinha 600 exemplares enquanto que no princípio era uma única cópia emprestada para os amigos de escola de infância – veio cerca de 20 anos depois. Rontani sempre teve essa necessidade de divulgar sua arte, seja através de jornais ou outros meios. Na época não existiam máquinas de xerocopiagem ou computadores, o que inviabilizava sua criação. Por volta de 1947 e 1948, Rontani seguia os princípios dos jornais criados antes de Gutemberg: ele fazia cartuns em cartolinas e colava-os em murais (todos emoldurados, sendo uma caixa de madeira com vidro na frente e com um cadeado), os quais eram espalhados pelas áreas movimentadas em Piracicaba. Depois ele teve o seu *Mural* na extinta Livraria Central, situada na primeira galeria comercial de Piracicaba, trocando semanalmente as piadas. Era um serviço artesanal que foi o primórdio da criação do fanzine.

A distribuição do **Ficção** era feita pelo correio. Mantinha contato por telefone ou por indicação de colegas (em especial Adolfo Aizen da Ebal) e outros para chegar aos colecionadores. Na verdade, quando criou em 1965 o Intercâmbio Ciência-Ficção “Alex Raymond”, ele obteve total apoio de Aizen (que o convidou para trabalhar na Ebal naquele ano) divulgando seu Intercâmbio nas revistas da editora. Os leitores que gostavam daquele tipo de publicação acabavam entrando em contato por telefone ou carta e assim a coisa se expandiu.

O material conseguido para ser a matéria-prima do fanzine foi o de muita pesquisa e pouca copiagem de matérias escritas por outros. Rontani anotava em cadernos de escola o que tinha na capa, quais números e a data de lançamento de cada revista que ele sabia que tinha no mercado. Visitava as bancas de revistas de uma a três vezes por semana para fazer as anotações, mesmo sem comprar a maioria delas.

O principal propósito do **Ficção** era divulgar o que poucos conheciam. No ano de 1965, existiam poucas publicações sobre as histórias em quadrinhos no Brasil. Tudo isso, Rontani tinha na memória e queria divulgar através da escrita. O conteúdo era histórico e para venda. Nada opinativo.

Os fanzines sempre foram um hobby, um passatempo. Aliada ao custo, a falta de tempo foi o principal motivador para que Rontani parasse a publicação de fanzine.

A iniciativa de Edson Rontani foi muito influenciadora na época. Chegou inclusive a ser mencionado em publicações internacionais como a da Academia de Letras da Suécia.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Relação de publicações de Edson Rontani.

– **Ficção** (of., 5 a 12 pág.): nº 1 (out/1965) a nº 12 (1970) – os 5 primeiros números impressos em mimeógrafo a tinta, e o restante em mimeógrafo a álcool.

– **Fanzine** (of., 32 pág.): nº 1 (mar/1974) a ~nº 10 – impresso em mimeógrafo a álcool, com textos mais desenvolvidos sobre as revistas **Gibi**, **O Lobinho**, os carros do Batman etc.

– **Rontani Fanzine** (of.): nºs 1 (1985) e 2 – impresso em xerox.

– **Coleção de Ficção** (of., 36 pág.): s/nº (1987) – impresso em xerox, com reprodução dos 5 primeiros números de **Ficção**, publicados entre outubro de 1965 e abril de 1966.



Segundo depoimento de Edson Rontani, ainda em 1967, paralelamente à publicação de **Ficção**, começou a publicar catálogos de compra e venda de revistas de quadrinhos. Não há registro se este catálogo tinha nome, numeração ou até quando foi publicado.

Por volta de final da década de 1970, começou a publicar novo catálogo de venda de revistas, agora com o nome de **Coleção Comics**, impresso em mimeógrafo a álcool, formato ofício, em papel jornal ou manteiga, somente na frente, com no máximo 10 folhas e periodicidade semanal ou quinzenal. Foi publicado pelo menos até o número 169 de agosto de 1986. Eventualmente este catálogo trazia algum artigo sobre quadrinhos.

Em outubro de 1987, Rontani publicou novo catálogo, agora apenas com o nome **Intercâmbio Ciência-Ficção “Alex Raymond”**, no formato A5, com 4 páginas, impresso em xerox e em mimeógrafo a álcool, indo pelo menos até o nº 7 em fevereiro de 1988.

Com a morte de Edson Rontani, em fevereiro de 1997, seu filho Edson Rontani Júnior deu prosseguimento à publicação de listas de venda de revistas até pelo menos o ano de 2001. Também publicou alguns números de **Fanzine Rontani** em 1997 e 1998, compilando textos sobre quadrinhos e oferta de revistas de quadrinhos.



Edições em homenagem a Edson Rontani.

Pelo menos três publicações foram feitas em homenagem a Edson Rontani.

– **30 Anos do Ficção** (A4, 24 pág.) – revista publicada em 1985 pelo Comix Clube, com entrevista de Edson Rontani, reprodução do 1º número de **Ficção** e outros textos.

– **Fanzine Ficção** (A4, 24 pág.): nº 0 (jun/2006) – edição feita por Valdir Ramos com patrocínio do Sesc de Piracicaba

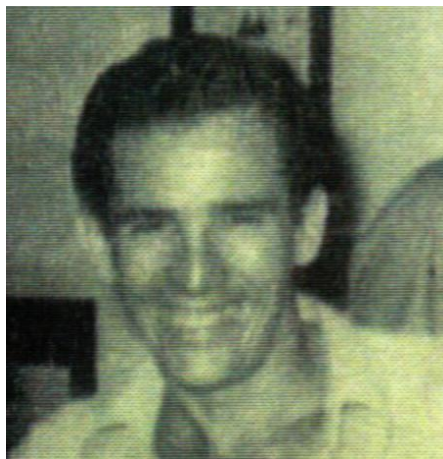
– **Você Sabia?** (14x20cm, 76 pág.) – livro lançado em 2007 pela editora Marca de Fantasia com seleção dos trabalhos de Rontani na série *Você Sabia?*, publicada em jornais de Piracicaba.

Depoimento do Editor

AIMAR AGUIAR

Aimar Aguiar nasceu em Salvador, BA, em 25 de novembro de 1946. Atuou como militar do Corpo de Bombeiros, aposentando-se no posto de Coronel. Trabalhou também como Professor de Educação Física.

Todos os fanzineiros do passado e presente deste imenso Brasil devem agradecer ao nosso pai, o super-herói dos fanzines, o falecido Edson Rontani. Este foi um dos motivos que me incentivou a fazer o **Nostalgia dos Quadrinhos**. Na época, anos 1960 e 1970, em vários estados, publicavam fanzines. Em São Paulo, o **Ficção** de Edson Rontani e **Vivendo os Quadrinhos** de Artur Antônio Rocha Ferreira. Em Minas Gerais, o **Boletim do Herói** de José Agenor S. Ferreira. Na Bahia, **Na Era dos**



Quadrinhos de Gutemberg Cruz Andrade, **Focalizando os Quadrinhos** de Jorge Antônio Ramos e **De Olho nos Quadrinhos**. No Rio Grande do Sul, **Historieta** de Oscar Christiano Kern. Ninguém daquela época dedicava um fanzine inteiramente à nostalgia. Como eu colaborava com vários fanzines com material nostálgico, decidi elaborar o **Nostalgia dos Quadrinhos**, que foi um sucesso e até o presente momento (2002) é o mais antigo sendo publicado.

Tomei conhecimento de outros fanzines através de amigos e colecionadores e pelas publicações da Ebal na seção *Notícias em Quadrinhos*. Esta seção das revistas de Adolfo Aizen sempre divulgava fanzines e divulgou também o **Nostalgia dos Quadrinhos**. Outros contatos foram conseguidos através das seções de carta das revistas de Editora Vecchi e Grafipar e principalmente através dos fanzines que circulavam na época.

A distribuição do **Nostalgia** era feita pelo correio e de mão em mão aqui em Salvador.

O meu grande forte sempre foi a nostalgia, queria fazer algo dedicado à Era de Ouro dos Quadrinhos. Dediquei o fanzine inteiramente à nostalgia, tanto nos personagens como nas publicações. Até o momento venho sempre mostrando os primeiros números de publicações do Brasil e do mundo, artigos, críticas, capas de gibis antigos. Também coloco alguma coisa da atualidade.

Antes de editar o próprio fanzine, participei do Clube da Editora Juvenil, que publicava o **Na Era dos Quadrinhos**, na função de Tesoureiro, vendendo as edições para os amigos e arrecadando dinheiro. Todas as semanas reuníamos a turma para fazer pesquisa, analisar e discutir o que a gente achava nas bancas, selecionar o que ia ser divulgado e então concluir o fanzine. Dava muito trabalho, gastava-se muito dinheiro e não se ganhava nada, mas era muito gostoso na época. A gente precisava comprar um papel especial para mimeógrafo, que custava muito caro. Primeiro datilográvamos um rascunho para que não errássemos no estêncil. A gente ia ao colégio de um, depois de outro, e pedia para rodar os fanzines. Até fazermos uma vaquinha para comprar um mimeógrafo. Depois, o fanzine era todo colorido à mão, folha por folha.

No início da publicação do **Nostalgia dos Quadrinhos**, eu não tinha dinheiro e já tinha cinco filhos. Trabalhava no quartel, fazia faculdade, mas ia dormir altas horas da manhã preparando os fanzines. Eu namorava a dona de uma escola de datilografia. Enquanto tomava conta da escola, datilogravava os textos. Quanto ao mimeógrafo, inicialmente eu usava o de uma escola, depois comprei uma máquina velha, consertei e comecei a usar. Quando precisava de papel, álcool, estêncil, ia às escolas e trocava o material pelo meu trabalho como professor de Educação Física.

Criei outros fanzines (**Wanted The Lone Ranger, The Lone Ranger, Show dos Quadrinhos**), mas deixei de publicá-los por falta de tempo (trabalho, estudo, viagem, família) – achei por bem ficar somente com o **Nostalgia dos Quadrinhos**.

Algumas curiosidades.

Nos anos 1970, durante uma exposição sobre quadrinhos no ICBA (Instituto Central Brasil-Alemanha), o falecido amigo e caricaturista Sinézio Alves fez uma caricatura minha com o meu herói Lone Ranger (Zorro).

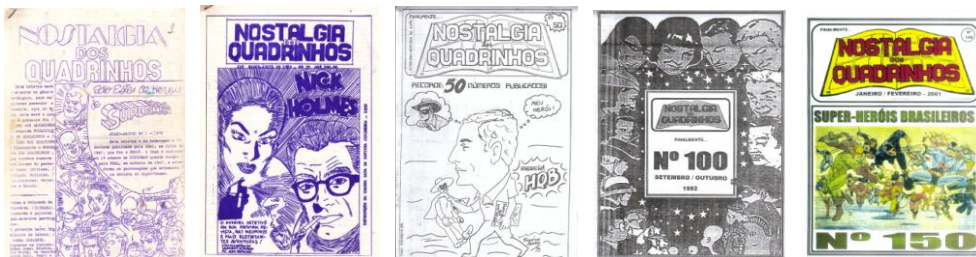
Quando o Oscar Kern e o Ailton Elias criaram a HQ intitulada *A História dos Quadrinhos*, fez o meu encontro com o Lone Ranger (publicada em **Historieta** nº 4 em dezembro de 1980).

Quando foi lançada a coleção **O Cavaleiro Solitário – A Volta de Zorro e Tonto** pela Comix Club, o amigo Worney enviou-me pelo correio, mas nunca chegou em minhas mãos. Foi extraviado ou o carteiro colecionador ficou com ela. Era uma série inédita e exclusiva para sócios.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Fanzines editados por Aimar Aguiar.

– **Nostalgia dos Quadrinhos** (of.2, 4 a 38 pág.): nº 1 (jul/ago/1976) a nº 158 (mai/jul/2002). Começou com 4 páginas no formato ofício impresso em mimeógrafo a álcool até o número 59, com exceção dos números 4 a 6, impressos em mimeógrafo a tinta, e do número 50, impresso em xerografia. Manteve a média de 4 páginas por edição, com alguns números tendo 5, 6 e até 8 páginas. A partir do número 60 passou a ser impresso em xerografia em formato ofício 2, com uma média de 10 a 12 páginas, com alguns números alcançando 20, 26 e até 38 páginas. A periodicidade sempre foi bimestral, com alguns poucos números saindo mensalmente por volta de 1988. Desde o início, Aimar contou com a ajuda de colaboradores, principalmente para fazer as ilustrações ou cópias de ilustrações diretamente no estêncil, com destaque para Eliomar de Castro Aguiar, Josafá Menezes e José Mariano. Por volta de 1978, o expediente passou a trazer os dizeres *Clube do Lone Ranger*, personagem pelo qual Aimar tem especial carinho, considerando-se seu fã nº 1. O número 19, de jul/ago/1979, trouxe pela primeira vez uma página impressa com outra cor, diferente do tradicional roxo do estêncil. A partir do número 45, de mar/abr/1984, Gonçalo Júnior passou a colaborar com o fanzine, nas cópias das ilustrações para o estêncil, usando a técnica já empregada em seus próprios fanzines: usar carbonos de cores variadas para compor os desenhos no estêncil. Assim, além do roxo, as páginas traziam desenhos nas cores vermelho e verde.



Nostalgia dos Quadrinhos nºs 1 (jul/ago/1976), 35 (mar/abr/1982), 50 (set/out/1984), 100 (set/out/1992) e 150 (jan/fev/2001).

A partir do número 47, de mar/abr/1984, a impressão passou a ser dos dois lados da folha, o que não é tão simples quando se usa mimeógrafo a álcool. A partir de 1999, as edições passaram a ter cerca de 20 páginas, com destaque para o número 158, o último número conhecido, com 38 páginas. O número 150, edição comemorativa, teve capa colorida.

– **Wanted The Lone Ranger** (of., 5 pág.): nº único (1980). Impresso em mimeógrafo a álcool.

– **Nostalgia dos Quadrinhos Especial** (of., 20 pág.): nº 1 (dez/1983). Edição comemorativa de 50 anos de Lone Ranger, impresso em mimeógrafo a álcool, com capa colorida à mão.

– **The Lone Ranger** (1/2 of., 12 a 16 pág.): nº 0 (out/dez/1984) a nº 5 (jan/mar/1989). Impresso em xerografia.

– **Show dos Quadrinhos** (of.2, 10 pág.): nº 1 (mai/1985). Impresso em xerografia.



Nostalgia dos Quadrinhos nº 158 (mai/jun/2002), Wanted The Lone Ranger, Nostalgia dos Quadrinhos Especial nº 1, Show dos Quadrinhos nº 1 e The Lone Ranger nº 0.

Aimar publicou também, na década de 1980, pelo menos 3 números de **Relação de Gibis** para venda e troca, impresso em mimeógrafo a álcool, com cerca de 6 páginas.

Aimar Aguiar, além de editor de fanzines, é colecionador de revistas de quadrinhos, tendo sido entrevistado várias vezes por jornais da Bahia, com destaque para o suplemento cultural do **Jornal da Bahia**, que lhe dedicou as páginas centrais. Além de várias revistas antigas, Aimar possui todas as publicações de Lone Ranger no Brasil e centenas de edições estrangeiras.

Depoimento do Editor

CLAUDIO RUBIN

Claudio Eduardo Rubin nasceu na Argentina em 1961. Atua profissionalmente como Psicanalista.

O trabalho empreendido na área dos fanzines dedicados ao estudo das Histórias em Quadrinhos foi na realidade uma continuação do meu trabalho realizado na Argentina entre 1985 e 1992, que incluiu 10 números de **Fandom**, publicação que incluía matérias, entrevistas e reprodução de HQs antigas ou raras. **Fandom** teve a característica de priorizar, desde o início, a apresentação de material no seu idioma/edição original, na medida das possibilidades, evitando assim as perdas estéticas proporcionadas por traduções pouco cuidadosas, rearranjo de títulos e cortes e arranjos de quadros e páginas. Junto com esta publicação, também editei vários números de **EM**, reedição de aventuras clássicas de personagens como The Shadow, Wonder Woman, Green Lantern, Captain Marvel e as paródias Mad dos anos 1950, e também um nº 0 de **Historietas** (dedicado ao estudo do gênero dos super-heróis especialmente os produzidos na Golden e Silver Age). Além disso, o trabalho se estendeu a exposições, palestras e cursos sobre Quadrinhos realizados no mesmo período.



Já radicado no Brasil desde o final de 1993, decidi continuar este fascinante trabalho nos fanzines. Sabia da existência de propostas similares aqui no país devido a um contato com o Gibi Clube (Rio de Janeiro) feito lá pelo ano 1984. Mas foi através do excelente informativo **IQI** (hoje **QI**) de Edgard Guimarães – que conheci por acaso na Gibiteca de João Pessoa em início de 1995 – que percebi a real dimensão do trabalho na área. A partir daí, tendo encontrado um veículo ideal para difundir as minhas propostas, pensei no que poderia ser interessante e ao mesmo tempo diferente, resultado do qual surgiu o primeiro número da **Série Reprints** (novembro de 1995), que apresentava algumas HQs de The Vision, o pequeno clássico da Marvel dos anos 1940, numa versão em espanhol. A **Série Reprints** – que iniciou uma

série de coleções sob o nome geral Edições Golden Age – retomava por sua vez a ideia da “portenha” **EM**, mas que num detalhe se assemelhava à **Coleção Velha Guarda** do Valdir Dâmaso: a fita preta que servia de lombada, abandonada algum tempo mais tarde. Companheira dessa série foi **All-American Comics** (2 números), onde foi apresentada a Justice Society of America dos anos 1940, nas suas primeiras duas aventuras. Já em março de 1997 – quando a **Série Reprints** contava com 5 números publicados (com uma quantidade de páginas que variava de 42 a 116) – iniciei a publicação de **Comic City**, que retomava o formato de **Fandom** (matérias + HQs completas), com 90 páginas (40 a 50 a partir do nº 9 e capa colorida a partir do nº 5), e uma seleção de séries de diversas épocas e gêneros acompanhadas por um estudo introdutório que localizava o leitor sobre o material em questão. Da Golden à Silver Age, séries inéditas no Brasil, Paródias Mad dos anos 1950, a EC de Bill Gaines, séries europeias, canadenses, argentinas, espanholas, inglesas, francesas e até suecas, biografias e portfólios, tudo coube em **Comic City**, e até alguns clássicos mais conhecidos, geralmente abordados com requinte e bom humor por quem foi o colaborador mais participativo da publicação: Ronaldo Corrêa Haenel. Posteriormente, consolidado o formato de **Comic City**, decidi iniciar uma coleção paralela, o **Comic City Especial** dedicado a séries ou artistas que mereciam, pela importância do seu trabalho, uma publicação própria. Foi assim que Dick Tracy, a Fawcett Publications e Plastic Man tiveram seus especiais.

Junto com estas propostas, surgiram outras ao longo destes anos: **Wow!** (1 número), publicação do estilo de **Comic City**, mas que, pela maior quantidade de páginas, teve a possibilidade de apresentar sagas e HQs mais longas; a série **Classicomics**, que trouxe no seu único número “Os Super Heróis de Jack Kirby”, uma resenha profusamente ilustrada do “King” dos comics desde os anos 1930 até sua morte em 1994; **All Star Western**, volume único de 94 páginas dedicado aos heróis do faroeste da DC Comics, produzidos entre os anos 1940-50; **Strange Adventures**, três volumes de HQs de ficção científica da DC Comics dos anos 1940-60; **A Arte de Wally Wood**, um verdadeiro “blockbuster” de 300 páginas que historiava a carreira do genial “Woody”, abrangendo todos os gêneros e editoras nas quais o artista trabalhou. Acompanhou este especial um outro, **Outer Space**, as últimas aventuras de The Spirit desenhadas por Wally Wood em 1952.

Outras duas coleções se somaram no ano 2000: **Oldies Funnies**, dedicada a resgatar antigas séries de humor (os dois números trouxeram ‘Adamson’ e ‘Vater und Sohn’) e **Lost Years**, coleção destinada às séries de comics que tiveram nexos com o universo dos “pulp”.

A mais nova proposta das Edições Golden Age foi **Comicteca**, boletim mensal de 4 páginas dedicado a resgatar personagens esquecidos, curiosidades e lançamentos que tenham alguma ligação com heróis da Golden e Silver Age, iniciado em agosto de 2001.

Desde o início, as publicações são impressas em xerox de primeira qualidade, em folhas tamanho A4, sulfite 75g/m² – a partir de 1999, o material é digitalizado e editado eletronicamente –, salvo o **Comicteca** que é impresso em folha A3 120g/m² em duplicadora eletrônica.

Um inconveniente inicial que teve Edições Golden Age foi certa resistência – depois superada pela maioria dos leitores assíduos – de adquirir uma publicação que tivesse algumas de suas HQs não traduzidas em português, especialmente por parte dos mais veteranos fanzineiros da “velha guarda”.

Ainda na época do **Fandom** entendi que minhas publicações não se enquadravam no gênero “nostalgia”, devido a que não foram realizadas com o intuito de relembrar os velhos tempos, senão de poder atualizar o valor e transcendência de obras que independem do tempo para sua apreciação. A questão da “nostalgia” foi parte de um debate bem interessante no ‘Correio de Leitores’ do **Comic City** por algum tempo.

Dos fanzines que influenciaram de maneira indireta o estilo de minhas publicações, especialmente o **Comic City**, poderia citar como possíveis fontes de inspiração o **Amazing World of DC Comics**, fanzine oficial da DC Comics nos anos 1970, e **The Golden Age of Comics**, publicado nos anos 1980, onde colaboravam profundos conhecedores da Época Dourada, como Cat Ironwyde, Don e Maggie Thompson e Raymond Miller. Mas como dizia Frank Zappa: “eu faço os discos que gostaria de comprar”. Devido talvez a este fato, é interessante que a faixa etária que procura as Edições Golden Age – fazendo uma média – se conta entre leitores de 25 a 60 anos, o que, no caso dos mais jovens, é reconfortante devido à possibilidade concreta de oferecer valiosas séries antigas para um público menos acostumado com dito material.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Fanzines editados por Claudio Rubin, a grande maioria impressa em xerografia no formato A4, com capa colorida.

- **Série Reprints** (42 a 126 pág.): nº 1 (nov/1995) a nº 32 (ago/2003).
Capa colorida a partir do nº 7.
- **All-American Comics** (64 e 70 pág.): nºs 1 e 2 (abr/1996).
- **Comic City** (36 a 162 pág.): nº 1 (mar/1997) a nº 47 (nov/2003).
Capa colorida a partir do nº 5.

- **Almanaque Comic City 1998** (164 pág.).
- **Comic City Especial** (66 a 112 pág.). 3 números entre 1998 e 2000.
- **Wow!** (100 pág.). Número único.



- **Classicomics** (64 pág.): Número único. Guia ilustrado sobre os Super Heróis de Jack Kirby, teve reedição em out/2002.
- **Strange Adventures** (90 a 112 pág.): nº 1 a nº 3 (set/1999).
- **All Star Western** (94 pág.). Número único em jan/2000.
- **A Arte de Wally Wood** (300 pág.). Especial em ago/2000.
- **Outer Space** (56 pág.). Especial em ago/2000.
- **Oldies Funnies** (54 e 104 pág.). Dois números em out/2000.



- **Lost Years** (108 pág.). Número único em out/2000.
- **Comicteca** (4 pág.): nº 1 (ago/2001) a nº 20 (nov/2003).
- **Comic City Profile** (6 pág.): nº 1 (jan/2002).
- **Almanaques** (84 pág.). Quatro números entre jun/2000 e ago/2000, sobre as editoras Fawcett, Marvel Comics, Detective Comics e a Silver Age.
- **Crise na Terra 1 e Terra 2** (64 pág.): 2003.

Claudio Rubin fez 3 edições em forma de CD: **Jack Cole – O Plástico Alucinante**, **Wonderful Wolverton's World** e **Histórias da Legião dos Super-Heróis vol. 0**.

Antes de vir para o Brasil, publicou, em 1990, **El Origen de los Superheroes**, livro teórico com 48 páginas no formato 210x240mm.

A partir de 1996, Claudio Rubin deu cursos e organizou exposições na Fundação Cultural de Curitiba, além de manter uma coluna semanal sobre HQs no jornal **Gazeta do Povo**, de Curitiba.

Depoimento do Editor

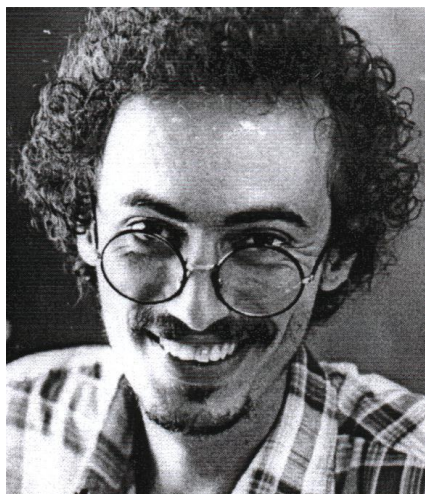
GUTEMBERG CRUZ

Gutemberg Cruz Andrade nasceu em 3 de abril de 1954 em Salvador, BA. Jornalista, pesquisador, autor de 4 livros.

No dia 25 de setembro de 1968, a Bahia começou a participar do movimento em prol das Histórias em Quadrinhos com a fundação do Clube da Editora Juvenil, assim denominado em homenagem aos primeiros gibis juvenis. Alguns jovens resolveram difundir o hábito de ler e analisar os quadrinhos no Brasil e lançaram suas pesquisas no boletim informativo **Na Era dos Quadrinhos**. Foram publicados 37 números mensalmente: de julho de 1970 a julho de 1973, na sua primeira fase em mimeógrafo. Teve uma edição especial dedicada ao desenhista Alex Raymond, criador de Flash Gordon.

Além do fanzine, outra atividade do Clube era realizar exposições e ministrar palestras em diversos locais da cidade (Salvador). Em 1970 é mostrada a I Exposição de Histórias em Quadrinhos do Norte e Nordeste, no salão nobre do ICEIA. O tema abordado foi a importância dos quadrinhos. No ano seguinte, outra exposição, na Biblioteca Central do Estado, com uma mostra bem mais ampla do que a anterior e teve como tema os quadrinhos no mundo. Quadrinhos no Brasil foi o tema da Expo Quadrinhos 73 na galeria da Biblioteca Central do Estado. Palestras, aulas, cursos, além de levar as exposições para outras cidades foram as principais ações do Clube da Editora Juvenil.

Em 1977 é relançado o fanzine **Na Era dos Quadrinhos**, desta vez impresso em off-set, que só durou cinco números (de janeiro a maio). Lutar pela colocação do quadrinho baiano no mercado, desenvolver a criação de histórias em quadrinhos em Salvador, e fazer uma avaliação das HQs feitas até



aquela época foram os objetivos principais do periódico, que serviu de estímulo aos criadores, visando ao desenvolvimento da consciência quadrinhográfica.

O **Na Era**, único fanzine que tratava exclusivamente de quadrinhos na Bahia, procurava abordar todas as questões referentes às HQs. Isso acabou disseminando discussões e até o aparecimento de outros zines. Anos mais tarde, alguns jovens que participaram do Clube resolveram lançar seus próprios fanzines como o **Focalizando os Quadrinhos**, editado por Jorge Antônio Ramos, do Clube Bahiano Editorial Juvenil, e Aimar Aguiar com **Nostalgia dos Quadrinhos**.

ESTUDO – O principal motivo de escrever um fanzine era explorar mais o estudo sobre quadrinhos numa época em que muitos desprezavam e/ou liam escondidos. Não era de bom tom dizer que gostava de ler gibi, “coisa de criança”. Naquele tempo ninguém estudava esse assunto na Bahia. As revistas da Editora Brasil América Ltda (Ebal) circulavam em todo o país e tinham boas tiragens. O mestre Adolfo Aizen abria espaço nas contracapas das revistas para divulgar cartas e artigos dos leitores. O nosso **Na Era dos Quadrinhos** era divulgado não só nas revisas da Ebal, como em todos os jornais de Salvador. A cada dia recebíamos mais cartas de leitores interessados. E foi com esse processo que o fanzine chegou até as mãos de Umberto Eco, na época um simples professor italiano interessado no estudo dos quadrinhos. A publicação contava em suas páginas com as últimas novidades do que acontecia no mercado brasileiro e até dos Estados Unidos e França – onde tínhamos leitores e correspondentes. **Na Era** perseguia a novidade, o furo jornalístico, com entrevistas e artigos exclusivos. Contávamos também com textos exclusivos de Otacílio Barros, que trabalhava na Ebal e sabia tudo o que acontecia no mundo dos Quadrinhos. Ota mais tarde publicou a **Mad**, abriu espaço para muitos desenhistas brasileiros e publica sua tira em revista e página na internet.

Enviávamos o fanzine para todos os interessados em quadrinhos. Com formato ofício, doze páginas mimeografadas a álcool, conseguimos passar nossa mensagem de leitor atento no que diz respeito à ideologia dos gibis. A distribuição era por meio de correio (80%) e venda direta nas exposições e palestras (20%). Para outros editores de fanzines fazíamos a troca.

Foi com o **Na Era** que surgiram as primeiras manifestações conscientes no sentido de se construir HQ autenticamente nacional – e popular. O quadrinho baiano tomou fôlego com o surgimento do tabloide **A Coisa**, da **Tribuna da Bahia**. **A Coisa** foi um seguimento natural do **Na Era**. Em pouco tempo o suplemento revelou novos cartunistas e desenhistas de quadrinhos. Surgiu em agosto de 1975, enfrentando diversos problemas com a censura e, por motivos internos do jornal, **A Coisa** foi reduzida a uma página até sumir, em março de 1976.

A Coisa surgiu no dia 8 de agosto de 1975. Durante a semana que antecedeu o lançamento, saíram chamadas na primeira página do jornal **Tribuna da Bahia** anunciando a chegada do suplemento. A primeira chamada teve problemas com a censura. O diagramador colocou ao lado da notícia que anunciava o pronunciamento em cadeia de rádio e tevê que seria feito pelo Presidente Ernesto Geisel, um desenho anunciando **A Coisa**. Esse desenho, feito por Lage, era um vaso sanitário de onde saía um balão com os dizeres “a coisa vem aí” e utilizava onomatopeia para produzir o barulho da descarga, “splosh!”. Isso foi o suficiente para que os censores de plantão acusassem o jornal de estar desacatando o Presidente. Os jornalistas foram chamados para depor, a fim de esclarecer o episódio.

Mesmo depois deste incidente, a direção do jornal deu total liberdade à equipe do suplemento. Por motivos econômicos, a partir do número 26 a direção da **Tribuna da Bahia** decide acabar com o suplemento. **A Coisa** foi reduzida para uma página, passando a ser publicada nas edições de sexta-feira do jornal, antes de desaparecer totalmente. Saíram 32 números, com muito humor, quadrinhos e informações. Durou oito meses, tempo suficiente para a reunião dos cartunistas e discussão de novas ideias e projetos. Em junho surgiu o nanico **Coisa Nostra**, com texto, cartuns e quadrinhos. “O importante – diziam os editores – é que o riso não fique na boca. Ele tem que dar uma chegadoinha na consciência”. **Coisa Nostra** durou apenas quatro números. É nesse período que o Clube da Editora Juvenil, já com o nome de Centro de Pesquisa de Comunicação de Massa, realiza no Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBA) a exposição Quadrinhos Baianos com o objetivo de proporcionar uma maior visão do desenho gráfico baiano, suas tendências e estilo.

INCENTIVO – Em 1977 relançamos o **Na Era dos Quadrinhos**, desta vez impresso em off-set, mas que só durou cinco números. Em uma das edições premiamos o desenhista de São Paulo, Eduardo Carlos Pereira, pela criação de diversos personagens como Praça Atrapalhado, Dr. Estripa e outros publicados pela editora Super Plá. O prêmio era para incentivar o artista e despertar o editor para o quadrinho feito no Brasil.

Depois de passar grande parte de sua existência carregando e sendo carregado por produtos, isto é, ajudando não só a vender jornais e revistas, mas também anúncios, o humor gráfico baiano deu, em 1978, um passo importante para se impor sozinho no mercado: invadiu as paredes de uma galeria de arte, a Eucatexpo, para espalhar cerca de 54 quadros. A escolha de uma galeria de arte não foi por acaso. Ela significou, como os próprios organizadores admitiram, que o produto humor já possuía um mercado diversificado, atingindo as camadas extremas – fenômeno raro no Brasil quando se tratam de bens de

consumo cultural, porque estes ou só têm um objetivo comercial (e aí atingem a grande massa, como os programas de televisão), ou só têm uma proposta cultural, como o livro, e atingem camadas sociais numericamente reduzidas. O sucesso dessa exposição tem também um outro significado, porque reforça uma luta que vem sendo travada há vários anos no sentido de dar ao grafismo status e autonomia em relação aos veículos de comunicação (principalmente jornais e revistas) a que sempre esteve subordinado. Em suma, livre existência. O principal objetivo do Salão de Humor: Ria, É uma Ordem! foi unir os cartunistas baianos e, através dessa união, fazer um trabalho mais constante e sólido. A mostra homenageou os dez anos de criação do Centro de Pesquisa de Comunicação de Massa. O final da década de 1970 e início da de 1980 viu editados os livros de Caó (**O Porco com Cauda de Pavão**), Nildão (**Me Segura qu'eu Vou Dar um Traço**) e Paulo Serra (**Mero, na Luta Ecológica**).

O Centro de Pesquisa de Comunicação de Massa, preparando estudos sobre quadrinhos, sua linguagem e importância, influenciou bastante a imprensa baiana a ponto de levar o tradicional jornal **A Tarde**, que antes só publicava HQ estrangeira, a abrir suas páginas aos nossos quadrinhos. Não só **A Tarde**, mas a **Tribuna da Bahia**, **Jornal da Bahia**, **Jornal de Salvador** e **O Mensageiro**. Todos começaram a se interessar um pouco mais pelos nossos quadrinhos.

DESENHISTAS – Cedraz (Lúbio, Bola), Dilson Midlej (Niquita), Setúbal (Argemiro), Romilson Lopes (Nego e Nega), Carlos França (Bacuri), Sebas (Juá), Péricles Calafange (Bartira) foram alguns desenhistas que surgiram no movimento liderado pelo nosso clube e foram se juntar a Paulo Serra, J. Mendes, Menandro Ramos, Caó, Zé Vieira, Robério Cordeiro, Ada Brito, Luis Simas. Além do poema processo de Almandrade, do desenho animado de Chico Liberato, o realismo fantástico nos quadros de Juarez Paraíso e Edsoleda Santos, as tiras criativas de Lage (L'amu Tuju Lamu, Ânasia de Amar), Nildão (Guga e Paschoal, Os Bichins), Lessa (Buteco Teco) e o grafismo de Carlos Ferraz, Jorge Silva, Helson Ramos e Aps. Esse elevado número de desenhistas entre nós demonstrava o interesse pelas novas formas de arte: no cinema, na fotografia, na música, no poema. O grafismo dessa fase começou com a busca de uma produção independente, para mais livremente exporem suas ideias.

Além das palestras, cursos, exposições, comecei a escrever uma coluna semanal de críticas sobre quadrinhos no jornal **A Tarde** (*Quadrinhos em Foco*, julho de 1970 a março de 1972). De 1977 a 78, assinei a coluna *Os Quadrinhos em Estudo* no jornal **A Tarde**. Em meados da década de 1980, publiquei uma coluna diária, *Cronologia das HQs*, no **Correio da Bahia**. Depois de publicar diversos artigos sobre quadrinhos, cartuns e cinema no **Jornal de Salvador**,

Notícias da Bahia, Diário Oficial, revista **Quatro Cantos** e **Revista da Bahia**, entre outras, passei a escrever a coluna *Quadrinhos* na **Tribuna da Bahia** de 1989 a 1991. De 1993 a 95, escrevi a coluna semanal *Quadrinhos* no **Bahia Hoje**. Inclusive recebi um prêmio, Troféu Crítico do Ano, no 4º Encontro Nacional de Histórias em Quadrinhos, na cidade mineira de Araxá, em 1991, e fui citado entre os estudiosos de quadrinhos no Brasil no livro **Comics Strip**, da Graphis Press, Zurich, 1972. Muitos pensam que a HQ seja uma arte fácil. Saber ler (decifrar) não é saber compreender (analisar). É preciso mudar o olhar que os jovens lançam à HQ, a fim de que eles mesmos não venham a considerá-la uma subliteratura. O quadrinho não é uma obra condensada para leitores apressados. Ele se presta a essa educação do olhar. Distinguimos entre escutar e ouvir, devemos também distinguir entre ver e olhar, ler e observar.

Além de mimeografar as doze páginas da edição mensal de **Na Era dos Quadrinhos** com uma tiragem inicial de 500 exemplares, e mais tarde ampliando para mil exemplares, o maior problema, além do custo de papel ofício, álcool e papel do mimeógrafo, é que tínhamos que colorir folha por folha. Sim, nosso fanzine era a cores e isso custava todos os nossos fins de semana colorindo as folhas com tinta anilina. Um trabalho, para muitos, de louco, mas era a nossa felicidade naquela época. Dava prazer ver a edição pronta, sem atraso. Mensalmente estava nas mãos dos leitores interessados em saber um pouco mais do que acontece no mundo dos quadrinhos.

BOOM – Quando o **Na Era** foi editado, quase não existiam articulistas sobre o assunto na cidade. Eram poucos os que acreditavam na HQ no campo da arte e/ou comunicação de massa. Todos os debates realizados no sul do país sobre a questão da arte sequenciada quase não chegavam a Salvador. A informação era precária, ainda por cima havia o preconceito contra os gibis. Muitos me tacharam de “louco” e “infantil” por estudar e pesquisar HQ, “coisa de criança” para eles. Hoje esse assunto está superado. Quadrinho é visto como veículo de cultura de massa e é estudado em Universidades, mesmo assim, para se editar um fanzine, existem os problemas de custo ou mesmo de qualidade de produção. Lage, Setúbal e Valtério editaram a revista **Pau-de-Sebo** e sentiram dificuldades na hora de fechar a edição por falta de material de qualidade, ou seja, boas HQs e cartuns de nível. Onde estão os novos autores? Fugiram da luta? Muitos deles, desanimados, foram procurar abrigo na publicidade para sobreviverem.

O Brasil viveu o boom dos fanzines em meados dos anos 1980 devido a uma mudança de comportamento dos editores das grandes editoras. Descobriu-se (tarde) que o público adulto é o grande consumidor e, a partir daí, as bancas foram invadidas pelos quadrinhos de luxo (minissérie, graphic novel), coisas

que já aconteciam na Europa há muito tempo. Esse fenômeno reativou muitos fãs de quadrinhos a discutir e analisar o assunto através dos fanzines, uma vez que a grande imprensa abria suas páginas para colunas de HQ com outros enfoques. O quadrinho tornava-se complexo em suas temáticas, saindo do enredo simplista e/ou maniqueísta para questionar os valores humanos em suas diversas vertentes.

Os fanzines retornaram com força também em Salvador com o jovem Gonçalo Júnior lançando o **Quadrinho Magazine** e, mais tarde, o **Balloon**. Essa mudança de visão do público alvo, o adulto, essa ampliação de mercado, houve necessidade de reivindicação dos leitores e o fanzine foi uma coisa fundamental. Com o Plano Collor, muitos bons lançamentos foram adiados e outros cancelados. Mas os desenhistas e roteiristas não pararam. Uma boa parte da nova HQ produzida no país está surgindo nos fanzines. Canal de expressão de quem tem algo a dizer o que não pode ser publicado pelos meios convencionais, oficiais, o fanzine tem papel relevante na difusão de ideias contrárias às do establishment. Publicação alternativa, rebelde, sincera, enérgica e bem informada, é o que se espera de um fanzine.

A falta de reconhecimento da profissão de quadrinhista, a pouca união entre desenhistas, o pequeno mercado de trabalho, a falta de apoio das grandes empresas e, principalmente, a concorrência estrangeira, são os principais problemas dos nossos desenhistas e argumentistas. Soma-se a isso um estreito e aviltado mercado de trabalho que não permite ao desenhista viver de sua produção artística, exigindo que busquem ocupações em outras áreas. Tem ainda o problema da autocensura, que atuando a nível interno, na esfera da repressão e do medo, embota a criação artística, desmotivando o autor. O fanzine nesse momento surge como estímulo aos novos criadores. Uma alternativa não só para o leitor, mas também para o criador. Um bom exemplo foi o fanzine **Balão** que revelou nomes importantes para o quadrinho brasileiro como Paulo Caruso, Luis Gê, Angeli, Laerte e outros.

RESISTÊNCIA – O quadrinho subterrâneo, marginal, paralelo, clandestino ou underground, embora varie ainda a sua conceituação definidora, tem se manifestado como a participação de resistência a um poder mais forte ou como a contestação dos valores aceitos e estabelecidos com irreverente agressividade. Esse quadrinho publicado em fanzine, na maioria das vezes, é livre para olhar o mundo exterior sem pestanejar e para o mundo interior em moldes complexos e místicos. É livre para ser poético e para ser obscuro. É livre até mesmo para ensandecer. **Risco, Vírus, A Mosca, Boca, Roleta, Maturi, Meia Sola, Quadreca, Na Era**, entre outros, vieram juntar-se a cada vez mais numerosa trupe de underground que aparece hoje nas universidades e outros locais.

Uma das falhas no trabalho de quadrinhos para fanzine é a precariedade do material utilizado ou o não aprofundamento da temática. Nossos criadores procuram um maior relacionamento com a realidade social, o que é muito bom, mas, muitas vezes não se aprofundam, fazem a crítica superficial. Outros não trabalham bem o traço, por ser underground, fazem trabalhos toscos, imaturos. Muitos usam e abusam do sexo e violência para chamar a atenção, mas não questionam esses problemas sociais. É um vício que pode ser superado. Quando o desenhista e/ou argumentista tem consciência de sua obra, ele sabe se está evoluindo ou não. Se ele costuma ler muito (jornais, revistas, livros), vai ter uma visão ampla da cultura do país, caso contrário, será um mero repetidor de fórmulas gastas.

O mercado produtor de quadrinhos no Brasil mostra um parque editorial predominantemente ocupado com reprodução de material estrangeiro. Poucas editoras apostam no autor nacional e, mesmo quando o fazem, limitam-se a aplicar naqueles mais consagrados de venda garantida. O nosso quadrinho ainda não viveu o seu melhor momento. Temos ótimos desenhistas e bons argumentistas, precisamos de mais argumentistas. Temos uma produção fanzinística enorme.

A saída está em um maior profissionalismo do autor brasileiro de quadrinhos e na obtenção de maior qualidade da produção nacional. E o principal: espaço, nossos artistas precisam de mais espaço, pois hoje continua ocupado pelos estrangeiros. O leitor de hoje, seja ele de fanzine ou publicação de grandes editoras, não se contenta com qualquer rabisco desajeitado. Ele exige técnica, bom argumento. As minisséries estão aí para provar essa liberdade de criação. O mercado está aberto, há publicações para todos os gostos. Agora, o que é preciso: as empresas acreditarem mais em nossos trabalhos, injetarem verbas publicitárias para manter a publicação nas bancas, livrarias e outros espaços alternativos. É preciso incentivo.

LIVROS – Na Bahia, e em muitos outros estados, o desenho de humor é desprezado como forma artística. A pouca importância dada à obra gráfica vem do preconceito que muitos estudiosos de arte alimentam em relação ao desenho e à gravura. Esses estudiosos só valorizam obras de parede, em vistosas molduras a óleo. A maioria dos grandes nomes da pintura realizou-se primeiro no desenho, na gravura. Resolvi contar um pouco da história do humor gráfico na Bahia. No primeiro livro, independente, enfoquei os trabalhos de Paraguassu, K-Lunga, Tishchenko, Sinézio Alves, Fernando Diniz e Gonzalo Cárcamo. O último capítulo foi dedicado ao ABC dos Quadrinhos, um pequeno dicionário apresentando conceitos básicos do grafismo. Título do livro: **Humor Gráfico na Bahia: O Traço dos Mestres** (1993). No segundo livro, intitulado **Feras do Humor Baiano** (1997), enfoquei os trabalhos de

Lage, Nildão e Setúbal, além de uma homenagem a Adolfo Aizen, da Ebal, e o resgate dos primeiros quadrinhos do século passado na Bahia. Na parte final, cronologia dos jornais de humor na imprensa (1811/1910). Esses dois livros foram premiados em São Paulo com o Troféu HQ Mix.

Fora dessa área, publiquei mais dois livros: **Gente da Bahia** volumes 1 e 2 (1997/98), enfocando as grandes figuras do passado e também os contemporâneos, que, pela sua participação na vida pública baiana, deram o melhor de si mesmos nos diversos campos da atividade humana.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Edições produzidas por Gutemberg Cruz:

- **Na Era dos Quadrinhos** (12 pág., ofício): nº 1 (jul/1970) a nº 37 (jul/1973). Impresso em mimeógrafo a álcool.
- **Na Era dos Quadrinhos Especial** (12 pág., ofício). Edição dedicada a Alex Raymond.
- **Coleção Pesquisa HQ** (18 pág., ofício): nº 1 (1973).
- **A Coisa** (tabloide): nº 1 (ago/1975) a nº 32 (mar/1976). Suplemento do jornal **Tribuna da Bahia**.



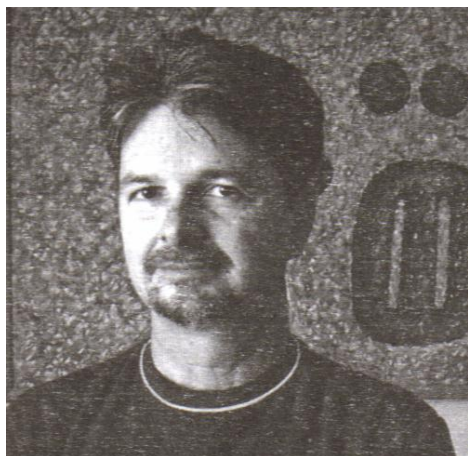
- **Coisa Nostra**: nº 1 (jun/1976) a nº 4. Jornal nanico.
- **Na Era dos Quadrinhos – 2ª fase** (10 pág., 235x330mm): nº 1 (jan/1977) a nº 5 (mai/1977). Impresso em off-set.
- **Humor Gráfico na Bahia: O Traço dos Mestres** (148 pág., 145x205mm): 1993.
- **Feras do Humor Baiano** (192 pág., 155x210mm): 1997.



Depoimento do Editor

HENRIQUE MAGALHÃES

Henrique Paiva de Magalhães nasceu em João Pessoa, PB, em 1957. Concluiu, em 1983, o Curso de Comunicação Social na UFPB, onde é Professor de Jornalismo. Defendeu a dissertação 'Os Fanzines de Histórias em Quadrinhos: o Espaço Crítico dos Quadrinhos Brasileiros' no Mestrado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em 1990. Realizou a tese de Doutorado 'Fanzines de Bande Dessinée: Rénovation Culturelle et Presse Alternative' na Universidade Paris VII em 1996.



Em 1975, criei a personagem de quadrinhos Maria, que foi publicada por anos em tiras diárias nos jornais paraibanos, em fanzines e em semanários portugueses. Com a personagem, foram publicadas pelo autor dez revistas entre 1978 e 1982; uma edição especial intitulada **A Maior das Subversões**, em formato livro, em 1984; e um álbum, **Maria, Olhai os Lírios do Campo**, em 1998.

Além das revistas com Maria, editei seis números do fanzine **Marca de Fantasia**, em parceria com Sandra Albuquerque, entre 1985 e 1988; no início da década de 1990, lancei oito edições do fanzine **Nhô-Quim**, ambos voltados para a divulgação e o estudo dos quadrinhos brasileiros.

Em 1983, editei o livro **A Incrível História dos Quadrinhos**, sobre os quadrinhos paraibanos. Em 1993, saiu **O Que É Fanzine** pela editora Brasiliense, e em 1994 foi lançado de forma independente **O Rebuliço Apaixonante dos Fanzines**, estes baseados na dissertação do Mestrado.

Atualmente, tenho me dedicado à editora Marca de Fantasia, lançando fanzines (**Top! Top!**), revistas (**Mandala, Quiosque, Maria Magazine**), álbuns e livros sobre quadrinhos e cultura alternativa.

A coleção de livros **Das Tiras, Coração** tem a participação de Edgard Guimarães e já lançou o trabalho de vários autores de todo o país, entre eles: Henrique Magalhães (**Rendez-Vous**, 1995, **Macambira e sua Gente**, 2008), Érico San Juan (**Dito, o Bendito**, 1995), Joacy Jamys (**Não Sistema!**, 1995), Edgard Guimarães (**Tira-Teima**, 1995, **Ju & Jigá**, 2007), Cedraz (**Pipoca**, 1996, **Turma do Xaxado**, 2005), Paulo Emmanuel (**O Boêmio**, 1996), Marcelo Garcia (**Os Camomila**, 1997), Cristovam Tadeu (**Bartolo**, 1998), Edmar Viana (**Pivete**, 1998), Rogério (**Mogizinho**, 2001), Anita Costa Prado e Ronaldo Mendes (**Katita**).

Dos álbuns e edições especiais, podemos destacar: **A Terceira Onda**, com os expoentes dos quadrinhos paraibanos, em 1997; **Macambira e sua Gente**, de Henrique Magalhães, em 1997; **O Humor Gráfico de Luzardo Alves**, em 1997; **Guerra das Ideias**, de Flávio Calazans, 3ª edição em 1997 e 4ª edição em 2001; **Agartha**, de Edgar Franco, 1ª edição em 1998 e 2ª edição em 2002; **Maria, Olhai os Lírios do Campo**, em 1998; **Falas & Balões**, de Marcos Nicolau, em 1998; **Passageiros da Noite**, de Nuno Nisa, em 2000; **Ternário M.E.N.**, de Gazy Andraus, em 2001; **A Palavra em Ação**, de Marcelo Marat, em 2002.

Sob minha coordenação, foram lançados ainda na década de 1980, vários números do suplemento **Leve Metal**, da revista **Presença Literária**, reunindo quadrinhistas paraibanos, bem como um número de **Gran Circus** e outros da coleção de quadrinhos da Oficina Literária.

Nos anos 1990, saíram na França três edições do fanzine **Saravá**, de cultura geral, e uma de **Ave de Prata**, dedicada a Elba Ramalho, além de **L'Echo des Fanzines**.

Minha motivação para editar fanzines veio da necessidade de veicular meus quadrinhos. Inicialmente, editei revistas com minhas personagens. A partir do conhecimento de publicações de notícias e análises sobre quadrinhos por intermédio de troca de correspondências e contatos com outros quadrinhistas, parti para edições mais reflexivas, investindo também no estudo desse gênero de publicações.

Minhas publicações circulam até hoje pelos correios. Eventualmente coloco algumas edições em livrarias especializadas. Para a circulação em todo o país, utilizo uma lista de leitores que de alguma forma já tomaram conhecimento de minha produção.

Tenho trabalhado de forma particular com as histórias em quadrinhos, mas procuro registrar também outras expressões culturais, sobretudo quando produzidas de forma independente ou alternativa. A maior dificuldade para a produção é encontrar uma gráfica boa e barata que possa fazer pequenas

tiragens sem macular a qualidade gráfica original. Para isso, tenho utilizado fotocopiadores e, às vezes, duplicadoras.

Alguns fanzines ficaram pelo caminho, não por falta de público, mas por mudanças de rumo. Certas vezes, parcerias desfeitas me obrigaram a interromper uma produção (**Marca de Fantasia**), outras, viagens longas que determinaram o fim de um fanzine (**Nhô-Quim**). **Saravá** representou um momento particular, de exílio e reflexão.

Os fanzines de outros editores que mais me marcaram foram **Notícias dos Quadrinhos**, de Ofeliano de Almeida; **Quadrux**, de Worney A. de Souza; **Historieta**, de Oscar Christiano Kern; **PolítiQua**, de José Carlos Ribeiro; **O Grupo Juvenil**, de Jorge Barwinkel; **Fanzim**, de Aníbal Cassal; e **Quadrinhos Magazine**, de Gonçalo Júnior. Devo citar ainda as revistas **Fradim**, de Henfil; **O Bicho**, de Fortuna; **Mafalda**, de Quino; **Balão e Grilo**.

A editora Marca de Fantasia, pensada como uma editora independente, teve início em 1995. Até o momento, mesmo sofrendo com as incertezas dos rumos do país, tem conseguido manter um ritmo de produção notável. Algumas publicações alcançaram mais de uma edição, como foi o caso de **Guerra das Ideias**, **A Terceira Onda** e **Agartha**. Outras registraram um momento ímpar de nossa produção de quadrinhos, como a coleção de tiras. Os livros de ensaios também demonstram a necessidade e carência do público por publicações teóricas, que fundamentem suas produções. Os quadrinhos poéticos firmaram-se com a Marca de Fantasia e chegaram a merecer estudos acadêmicos. Um grande feito para uma pequena editora independente.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Edições produzidas ou editadas por Henrique Magalhães:

– **Maria** (1/2 of., ~20 pág.): nº 1 (mai/1978) a nº 10 (jul/1982). Publicada sob o selo Editora Artesanal até o nº 8. O nº 10 saiu em julho de 1982 como uma edição conjunta com **Binidito** 2, sob o selo Edições Macunaíma, sendo o volume 2 da coleção *Cartunistas Paraibanos Hoje*. O nº 9 de **Maria** tem data de maio de 1983 e corresponde ao volume 6 da coleção *Cartunistas Paraibanos Hoje*.

– **Binidito**: nº 1 e 2 (jul/1982).

– **Coleção Cartunistas Paraibanos Hoje** (1/2 of.): nº 1 a nº 6 (mai/1983). Coleção das Edições Macunaíma, iniciativa da Fundação Espaço Cultural da Secretaria de Cultura da Paraíba. O vol. 4 trouxe **Lampirão** de Cristovam Tadeu, e houve dois volumes 5, um com **Pedro** de Gilton, e outro correspondente ao nº 3 de **HQ**, de Deodato Borges e Deodato Filho.

– **A Incrível História dos Quadrinhos** (120x210mm, 88 pág.): 1983. Livro teórico sobre os Quadrinhos Paraibanos.

– **Gran Circus** (200x265mm, 36 pág.): nº 1 (abr/1984). Revista da Edições Macunaíma.

– **Leve Metal** (210x280mm, 12 a 20 pág.): nº 1 (jan/1984) a nº 4 (ago/1985). Suplemento de quadrinhos da revista **Presença Literária**.



– **Maria - A Maior das Subversões** (A5, 52 pág.): 1984. Primeira publicação sob o selo Marca de Fantasia, volume 1 da coleção *Quadrinhos*.

– **Marca de Fantasia** (A5, 40 a 52 pág.): nº 1 (jun/1985) a nº 6 (mar/1988).

– **Se Toque** (1/2 of.): nº 1 (13/out/1986) a nº 17 (6/jul/1987). Revista cultural, teve nova série de 31 números na década de 1990.

– **Nhô-Quim** (of., 20 a 24 pág.): nº 1 (jan/1990) a nº 8 (ago/1991).

– **Saravá** (170x255mm, 16 a 24 pág.): nº 1 (jul/1992) a nº 3 (ago/1994).

– **O Que É Fanzine** (115x155mm, 84 pág.): 1993. Livro editado pela Brasiliense, volume 283 da coleção *Primeiros Passos*.



– **O Rebuliço Apaixonante dos Fanzines** (135x200mm, 170 pág.): 1994. Baseado na Tese de Mestrado de Henrique Magalhães. Reeditado em 2003 no formato 175x240mm com 114 páginas e em 2011 na forma de e-book, volume 27 da **Série Quiosque**.

Em 1995, Henrique Magalhães formaliza sua editora Marca de Fantasia e inicia a publicação de uma grande quantidade de revistas, livros e álbuns, muitos deles organizados em coleções.

– **Top! Top!** (170x255mm, 20 a 52 pág.): nº 1 (jan/1995) a nº 26 (fev/2010). Revista sobre quadrinhos, nos últimos números mudou o formato para 140x200mm e tornou-se dossiê sobre autores brasileiros.

– **Tyli-Tyli** (170x255mm, 16 a 24 pág.): nº 1 (fev/1995) a nº 13 (jun/2001). Revista de quadrinhos poético-filosóficos, mudou o nome para **Mandala** a partir do nº 8.

– **Coleção Das Tiras, Coração** (140x200mm, 52 a 60 pág.): nº 1 (mar/1995) a nº 18 (2011). Coletânea de tiras de vários autores.

– **A Terceira Onda** (170x255mm, 32 pág.): setembro de 1995. Catálogo da exposição homônima de quadrinhos paraibanos.



– **Macambira e Sua Gente** (225x180mm, 48 pág.): 1996.

– **Guerra das Ideias** (3ª ed., 190x260mm, 64 pág.): 1997. Teve 4ª edição em 2001 no formato 170x240mm e 5ª edição em 2011, vol. 8 da **Série Repertório**. As duas primeiras edições foram de Worney Almeida e do autor, Flávio Calazans.

– **O Humor Gráfico de Luzardo Alves** (190x260mm, 52 pág.): 1997. Teve 2ª edição em 2003 no formato 140x200mm.

– **A Saga Arrebatadora de Se Toque** (120x180mm, 64 pág.): novembro de 1997.

– **Falas & Balões** (200x275mm, 48 pág.): 1998. Livro de Marcos Nicolau, teve 2ª edição em 2008, vol. 20 da **Série Quiosque**.

– **Agartha** (190x260mm, 66 pág.): 1998. Álbum de HQ de Edgar Franco.



– **Maria, Olhai os Lírios do Campo** (190x260mm, 52 pág.): 1998. Álbum de HQ de Henrique Magalhães.

– **Passageiro da Noite** (170x240mm, 52 pág.): 2000. Álbum de HQ de Nuno Nisa.

– **Maria Magazine** (140x200mm, 20 a 36 pág.): nº 1 (jun/2000) a nº 3 (fev/2012).

– **Quiosque** (170x240mm, 16 e 20 pág.): nºs 1 (dez/2000) e 2 (jun/2001). Observatório das mídias.

– **Ternário M.E.N.** (170x240mm, 64 pág.): 2001. Álbum de HQ de Gazy Andraus

– **A Guerra dos Golfinhos** (170x240mm, 70 pág.): 2002. Álbum de HQ de Flávio Calazans. Houve edição anterior publicada por Edgard Guimarães em 1993.



– **A Palavra em Ação** (170x240mm, 100 pág.): 2002. Livro teórico de Marcelo Marat, teve outra edição em 2006.

– **Série Corisco** (140x200mm, 24 a 40 pág.): nº 1 (2002) a nº 8 (2012). Álbuns de quadrinhos autorais de autores como Luciano Irrthum, Edgard Guimarães e Luigi Rocco, Jean Okada, Edgar Franco, Edgard Guimarães e Antonio Eder, Leonardo Santana e Maurício Fig, Anita Costa Prado e Ronaldo Mendes.

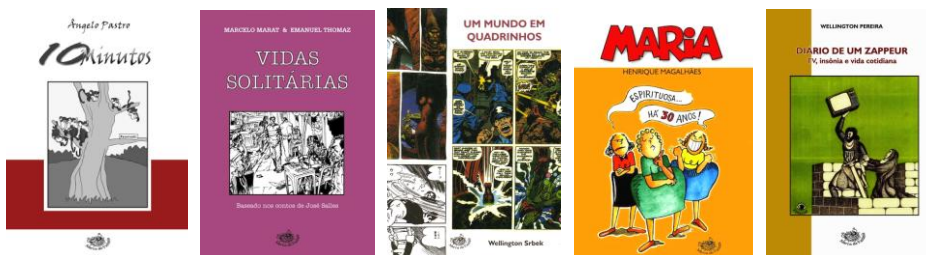
– **The Paraibanos de Subúrbio** (140x200mm, 52 pág.): 2004. Álbum de HQ de Laérçon Santos.

– **Más Humor** (140x200, 52 pág.): 2004. Álbum de HQ de Sergio Más.

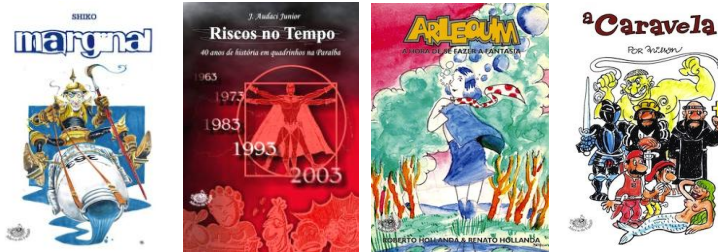
– **Série Quiosque** (120x180mm, 50 a 122 pág.): nº 1 (2004) a nº 27 (2011). Livros de ensaios sobre quadrinhos e afins, de autoria de Thierry Groensteen, Edgard Guimarães, Wellington Srbeq, Edgar Franco, Márcio Salerno, Henrique Magalhães, Gian Danton, Ariadne Rengsti, Bráulio Tavares, Roberto Elísio dos Santos, Daslei Bandeira, Marcos Nicolau, Gonçalo Júnior, Vitor Nicolau, Victor Pinheiro. A partir do vol. 24, passou a sair na forma de e-book. O vol. 4 teve 2ª edição também na forma de e-book.



- **10 Minutos** (140x200mm, 64 pág.): 2004. Álbum de HQ de Angelo Pastro.
- **Vidas Solitárias** (140x200mm, 56 pág.): 2005. Álbum de HQ de Marcelo Marat e Emanuel Thomaz.
- **Um Mundo em Quadrinhos** (140x200mm, 68 pág.): 2005. Livro teórico de Wellington Srbek.
- **Maria: Espirituosa Há 30 Anos** (140x200mm, 54 pág.): 2005. Álbum de HQ de Henrique Magalhães.
- **Série Veredas** (130x190mm, 52 a 174 pág.): nº 1 (2006) a nº 27 (2012). Ensaios sobre comunicação, artes e cultura pop, autoria de Wellington Pereira, Wellington Srbek, Bráulio Tavares, Mateus Andrade, Marina Magalhães, Isaac Soares, JJ Domingos, Ricardo Oliveira, Gian Danton. A partir do vol. 16, passou a sair na forma de e-book.



- **Marginal** (140x200mm, 52 pág.): 2006. Álbum de HQ de Shiko.
- **Riscos no Tempo** (140x200mm, 80 pág.): 2006. Livro teórico de José Audaci Júnior.
- **Arlequim** (140x200mm, 60 pág.): 2007. Álbum de HQ de Roberto Hollanda e Renato Hollanda.
- **Série Biografix** (140x200mm, 48 a 76 pág.): nº 1 (2007) a nº 6 (2009). Obras referenciais de autores brasileiros, como Nilson, Shimamoto, Edson Rontani, Luiz Saindeberg, Cleuber Christiano.

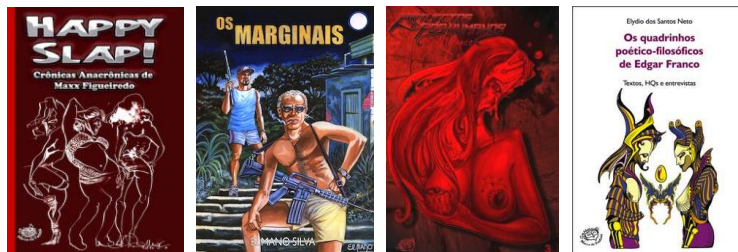


– **Happy Slap!** (140x200mm, 84 pág.): 2008. Álbum de HQ de Maxx Figueiredo.

– **Série Repertório** (140x200mm, 60 a 108 pág.): nº 1 (2009) a nº 12 (2012). Quadrinhos contemporâneos de Elmano Silva, Marcelo Marat e Emanuel Thomaz, Killofer, Edgard Guimarães, Messias de Mello, Flávio Calazans, Lewis Trondiheim, Luciano Irrthum, Etienne Lécroart.

– **Artlectos e Pós-Humanos** (140x200mm, 32 a 36 pág.): nº 3 (mar/2009) a nº 6 (mar/2012). Revista de Edgar Franco, cujos dois primeiros números saíram pela Editora SM em 2006 e 2007.

– **Série Quadrinhos Poético-Filosóficos** (140x200mm): 2012. Dois livros teóricos dedicados à obra de Edgar Franco, de autoria de Elydio dos Santos Neto e Nadja Carvalho.



A editora Marca de Fantasia publicou ainda várias outras edições não específicas de quadrinhos como: **No Ar: As Pequenas Notáveis**, de Bertrand Lira, em 1998; **O Rock Paraibano nos Anos 80**, de Fábio Queiroz de Medeiros e Rogério Maurício Nunes, em 1998; **Bastianas**, de Célia Negreiros e Andréa Mesquita, em 2004; **Raul Seixas e a Modernidade**, de Sonielson Juvino Silva, em 2004; **Alltype**, de David Fernandes, em 2006; **As Narrativas Ficcionais da Televisão Japonesa**, de Misaki Tanaka, em 2012.

A partir de 2009, a Marca de Fantasia aumentou a produção de livros virtuais, incluindo a revista teórica **Imaginário**, cujos nºs 1 e 2 saíram em outubro de 2011 e julho de 2012.

Depoimento do Editor

GONÇALO SILVA JÚNIOR

Comecei a editar fanzines em fevereiro de 1983, aos 15 anos, quando lancei **A Folha dos Quadrinhos**. Não me lembro porque adotei esse nome, se não me engano foi uma sugestão de pai, que participara de um jornalzinho com o nome de **A Folha**, numa pequena cidade do interior baiano, onde nasceu. Meu primeiro fanzine tinha apenas 4 páginas impressas em mimeógrafo a álcool, feitas numa velha impressora, já bem enferrujada, que um tio presenteou meu irmão alguns anos antes.

Na verdade, não era a minha primeira publicação nesse formato. Cinco anos antes, aos 10 anos de idade, rodei um jornalzinho chamado **A Pena**, com duas páginas – ofício, frente e verso – todo escrito a mão e com textos e desenhos ligados às minhas paixões na época, quadrinhos e filatelia. Saiu um único número. Pode parecer precoce, mas havia uma motivação grande para isso. Meu irmão mais velho, Pedro Risério da Silva, publicava um fanzine hoje totalmente desconhecido, mas que considero um dos melhores já feitos no



Brasil: **O Bloquinho**, numa homenagem explícita ao selo infanto-juvenil da Bloch Editores, que publicava (entre 1974 e 1977) revistas em quadrinhos dos super-heróis da Marvel. Era um jornalzinho muito bem feito, com edições de até 20 páginas em papel ofício cujo assunto predominante era quadrinhos.

O Bloquinho teve uma vida longa. Saíram nada menos que 27 números entre 1976 e 1982. Uma de suas especialidades era publicar biografias de autores de quadrinhos, como Walt Disney, por exemplo. Até 1980, foi editado na minúscula cidade de Guanambi, na divisa da Bahia com Minas, onde nascemos e passamos a infância. Nesse mesmo ano, nos mudamos para Salvador com o objetivo de estudar. E lá permaneci por quase duas décadas, antes de me mudar para São Paulo. Nesse período em que o jornal existiu, Pedro ainda lançou **O Mandarin** e outros dois títulos dos quais não me

lembro mais os nomes. Empolgado com a iniciativa do sobrinho de fazer um jornal aos 12 anos – era a idade de Pedro em 1976 –, um tio que vivia em São Paulo o presenteou com um mimeógrafo. Sua tiragem chegou a passar dos 100 exemplares e era vendido principalmente pelos Correios para todo o Brasil. Até hoje estranha-me que nunca tenha sido citado em reportagens e artigos sobre fanzines, uma vez que seu público alvo eram leitores de quadrinhos.

Até 1983, nem eu nem Pedro nunca tínhamos ouvido falar que aquele tipo de publicação se chamava “fanzine”. Para nós, tratava-se apenas de “jornalzinho”. Soube do termo somente alguns meses depois que lancei **A Folha dos Quadrinhos** e conheci Alessandro Silva, de Salvador, editor do **Novo Fanzine**, coincidentemente, também lançado em fevereiro de 1983 e impresso em mimeógrafo. Coube a ele explicar o significado do termo, que achei muito esquisito e resisti a adotá-lo durante um bom tempo. Alex era um veterano do tema. Até o ano anterior, ele publicara 21 números do **Jornal do Tex Amigo**, um fanzine no sentido literal do termo, dedicado aos fãs do famoso mocinho italiano, que vendia horrores pela editora Vecchi.

Na semana em que imprimi os 30 exemplares do número de estreia de **A Folha dos Quadrinhos**, o amigo e vizinho Joselito Dias da Silva lançou seu fanzine. Por sugestão minha, ele adotou o mesmo nome do jornalzinho que eu havia feito muitos anos antes: **A Pena**. Couberam a mim ainda as tarefas de desenhar, diagramar e datilografar, além de imprimir a publicação. Cinco meses depois, Joselito mudou-se para o interior e seu jornal morreu antes do quinto número ser concluído. Trazia somente quadrinhos. O mesmo tema tratado por Alessandro no **Novo Fanzine**.

O personagem Tex, tão querido de Alessandro, tem a ver com o começo de minha experiência como fanzineiro. Quando rodei **A Folha dos Quadrinhos** número um, não cheguei a considerar para quem distribuiria os exemplares. Simplesmente fiz o jornal. E pronto. Claro, encalhou tudo. Só que três ou quatro meses antes, eu havia escrito para a seção de classificados de **Tex** por pura curtição: dizia que queria vender minha coleção completa da revista, desde a raríssima primeira edição, lançada em 1971. Eu era fanático pelo personagem e esperava, com isso, manter contato com colecionadores e retomar o hábito que tinha na década de 1970 de trocar correspondência com fãs de quadrinhos – pegava os endereços nos classificados de **Mônica**, **Almanaque Disney** e **Mickey**. Assim conheci umas duas dezenas de crianças com quem fiz amizade, troquei fotos e gibis. Com minha ida para Salvador, perdi o contato com todos eles e o anúncio em **Tex**, acreditava, me reaproximaria do pessoal. Pois não aconteceu que o anúncio foi publicado? O resultado, porém, assustou até o carteiro de minha rua. Acredite quem quiser: durante uns quatro meses, recebi entre 20 e 60 cartas POR DIA, de segunda a

sábado, somente por causa do pequeno recado que saiu nos classificados da revista. Alguns envelopes sequer tinham o número do meu prédio – que o remetente esquecia de anotar – mas chegava assim mesmo, tamanha a minha popularidade junto ao carteiro. Em resumo: na primeira semana ainda consegui responder umas 50 cartas. Depois, perdi o controle. Não tinha tempo nem dinheiro para atender a tantos.

A partir da segunda semana, passei a selecionar algumas e, quando sentia alguma receptividade em trocar ideias sobre quadrinhos, na carta seguinte mandava um exemplar de **A Folha dos Quadrinhos**. Desse modo, com parte dos fãs de Tex, conquistei próximo de uma dezena de leitores para **A Folha dos Quadrinhos**.

Foi assim que conheci Alessandro Silva e seu **Novo Fanzine**. Ele se tornaria meu elo com o mundo dos fanzines, porque se correspondia com Oscar Kern, Emir Ribeiro, Alvimar Pires dos Anjos, Aimar Aguiar e um monte de outros editores de fanzines, cujas edições conheci durante uma visita em sua casa. Fiquei maravilhado com aquilo, anotei os endereços e imediatamente escrevi a todos eles solicitando informações de como adquiri-los. Assim entrei para o clube dos incríveis fazedores de fanzines.

Quando comecei a receber outros zines e a lê-los, fiquei boquiaberto com aquele universo novo que surgia, principalmente de informação. Eram publicações que se dividiam em dois blocos: a turma da nostalgia, que relembrava velhos gibis, editoras e desenhistas, como Jorge Barwinkel (**O Grupo Juvenil**), Delemiro Tupy-Assú (**Suplemento Quadrinhos**) e Aimar Aguiar (**Nostalgia dos Quadrinhos**), três editores pioneiros e de primeiro time; e a ala dos batalhadores pelo quadrinho nacional, que brigava por espaço próprio e para outros artistas. Deste faziam parte Oscar Kern (**Historieta**), Emir Ribeiro (**Velta**), Henrique Magalhães (**Maria**), Deodato Filho (**HQ**), Edgard Guimarães (**Psui**) e Alvimar Pires dos Anjos (**Factus**). Começavam a surgir também os zines de fãs e de informação. Desses, **Psui** me chamava a atenção não apenas pelo conteúdo, mas pelo título, talvez o mais criativo de todos os fanzines brasileiros até hoje editados. Esse nome tem uma força e uma amplitude impressionantes: pede atenção, provoca, canta o leitor e o faz com classe e discrição. O máximo.

À exceção dos baianos – eu, Aimar, Joselito e Alessandro –, todos os outros tinham aderido à tecnologia e à praticidade da impressão em xerox. Mesmo assim, mantive o meu zine em circulação mensal por 23 números ininterruptos em mimeógrafo, por absoluta falta de grana para fazê-lo em fotocópia. Como forma de torná-lo mais atraente, descobri a potencialidade das matrizes coloridas. E comecei a experimentar. Até então, os fanzines mimeografados em circulação usavam uma só cor – azul escuro ou preto.

Depois, descobri que treze anos antes, também em Salvador, Gutemberg Cruz fazia o mesmo com **Na Era dos Quadrinhos**.

Numa mesma folha matricial, datilograva e usava o carbono nas cores preta, azul, vermelha e verde. Havia uma vantagem econômica nisso: com a mesma chapa dava para fazer várias páginas e até mais de um número, desde que aproveitasse de modo racional cada espaço. Até mesmo o número da edição de uma cor diferente dava para fazer num minúsculo espaço que sobrava. Assim, com aquele tipo arcaico de impressão, obtinha resultados que agradavam aos leitores. E aos editores também. Tanto que passei a ser solicitado por Alessandro e Aimar para que usasse aquele recurso em seus fanzines. Devo ter feito umas trinta capas somente para **Nostalgia dos Quadrinhos**, de Aimar.

Houve uma curiosidade na história desse primeiro fanzine que fiz. Meu custo era quase zero porque, desde o começo, ganhei um ótimo aliado, Cláudio, colega de escola. Quando viu um dos primeiros números do jornal, ele se empolgou mais do que eu e se ofereceu para me ajudar com o fornecimento gratuito de caixas com 100 unidades de matrizes e até papel para impressão. Seu pai era funcionário do almoxarifado da Universidade Federal da Bahia e, claro, não teria maiores problemas para conseguir o material. Ganhei umas cinco caixas ao longo do ano, suficientes para fazer pelo menos 120 edições de quatro páginas cada.

Em 1984, montei meu primeiro zine em xerox, **Jornal dos Quadrinhos**, com oito páginas em meio ofício, que deveria ser feito em parceria com Alessandro Silva, como informa o expediente. Não vingou pela pobreza da edição: um amontoado de colagens de artigos de jornais e revistas de quadrinhos. Como meu “sócio” não se interessou em dar continuidade, decidi desistir também. Na verdade, não tinha a ver com o que eu buscava.

Nessa época, por volta de 1984, conheci um amigo para toda a vida: Antônio Cedraz – desenhista, criador da turma do Joinha e, depois, Pipoca. Cedraz era uma celebridade em Salvador porque, desde o final da década de 1970, ilustrava o **Joba**, caderno infantil dominical do **Jornal da Bahia**, então o de maior circulação no estado.

Escrevi para ele, visitei seu estúdio e dei início a uma intensa carreira como roteirista de quadrinhos infantis, que não teria continuidade. Nessa aproximação, Cedraz se ofereceu para imprimir – gratuitamente, claro – pequenas tiragens de meus fanzines no banco onde trabalhava. Ele era chefe da seção de treinamento e tinha a sua disposição as mais modernas máquinas de xerox. Tal oferta me permitiu criar **Quadrinhos Magazine**, um nome esquisito, que combinava uma palavra em português com a denominação em inglês de revista. Alguns leitores entenderam como “loja de quadrinhos” e

cansei de receber cartas com listas extensas de colecionadores à procura de números antigos de gibis.

Quadrinhos Magazine teve duas fases. A primeira, durou quatro números, entre 1984 e 1985, em formato meio ofício, sempre com 20 páginas. Esse período me aproximou muito da profissão que adotaria no futuro: jornalismo. Se antes eu cozinhava com certo descaramento artigos e textos alheios, resolvi arriscar minhas próprias pesquisas e reportagens. Achava que, com um cuidado maior no visual, aliviaria a má impressão dos textos mal escritos. Por isso, considero o **QM** um trabalho mais visual, onde exercitei colagens e experimentos com os recursos das máquinas de xerox reduzidas – uma novidade recente.

Havia, porém, o esforço do estilo que imprimiria nos futuros fanzines: a informação jornalística e histórica. Uma opção que não fiz desde o início. Os dois primeiros números são uma homenagem a um de meus heróis de infância, Tex, num histórico dividido em duas partes. A partir do terceiro número, dei uma guinada e aderi totalmente à luta pelo quadrinho nacional. A capa dessa edição ficou maravilhosa, com um sensual desenho de Volta feito por Emir. A super-heroína aparecia de costas, a bunda coberta por um short bem sexy e com a frase na camiseta: “100% Nacional”. No quarto e último número, publiquei meu primeiro perfil biográfico a partir de entrevistas e consultas a arquivos sobre a luta de quase duas décadas que Cedraz travava para conseguir uma editora. Assim, libertava-me da simples colagem.

A experiência como roteirista de quadrinhos de Cedraz e a aproximação com quadrinhistas de todo país por meio dos fanzines me fizeram aderir a um movimento que surgia quase naturalmente que era fazer um tipo de publicação para promover a luta pelo quadrinho nacional. Mergulhei firme e, instintivamente, talvez, acredito que não adotei uma postura panfletária. Optei pelo caminho mais jornalístico, de divulgar artistas – falava de suas obras, de suas ideias e, sempre que possível, publicava trabalhos inéditos de alguns desses autores.

O que me motivou a abandonar o formato de impressão em mimeógrafo a álcool foi o que chamaria de ditadura da xerox. Sem dúvida, a qualidade desse tipo de impressão causou certa discriminação que provavelmente muitos leitores e editores não perceberam. Os zines mimeografados eram extremamente rústicos e limitados. Tudo tinha que ser redesenhado ou decalcado quando havia necessidade de se colocar ilustrações. Era inegável, porém, certo charme que aquelas folhas de papel em cor azul – em sua maioria, pois era a mais facilmente encontrada – passava para os leitores. O cheirinho de álcool que ainda exalava em seu manuseio, mesmo dias depois, dava um toque especial.

O mais impressionante é que, revistos vinte ou trinta anos depois, esses fanzines passam um clima de nostalgia e de garra de quem os fazia. Alguns editores como Edson Rontani, Gutemberg Cruz, Aimar Aguiar e o esquecido Pedro Risério, de **O Bloquinho**, conseguiram arrancar desse modo tão antigo e restrito de impressão resultados maravilhosos que revelavam o quanto os editores brasileiros de fanzines eram criativos. São trabalhos incríveis que, nesses tempos de xerox colorida e impressão a laser em cores mereciam reedições em fac-símile para que as novas gerações conheçam esses pioneiros.

Em 1985, porém, fazer fanzine em mimeógrafo era brega e pobre. Ninguém disse isso, mas havia uma implícita resistência em relação ao formato, principalmente quando se tentava divulgá-los. Os demais editores dedicavam generosos espaços às publicações em xerox, reproduziam capas, mas praticamente ignoravam a turma do mimeógrafo. Não que houvesse intenção de aparecer ou necessidade de exibicionismo, mas qualquer fanzine precisa de público para mandar sua mensagem e, claro, sobreviver. Ou seja, necessita de divulgação de outros fanzines para atrair mais leitores. Essa atenção do pessoal da xerox era quase nula. Tanto que, quando adotei a xerox e, depois, o offset de mesa, o tratamento mudou. E olha que havia o mesmo esforço nos dois formatos. Tudo bem que meus primeiros zines eram bem mais mal feitos, só que isso acontecia com alguns feitos em xerox também. Pode-se dizer que os fanzines que editei só tiveram mais atenção depois porque foram evoluindo um pouco, como acontece com todos os editores, sempre na experimentação. Não compartilho dessa justificativa.

Ao mesmo tempo que experimentava com colagens e brigava para fazer minhas primeiras reportagens, artigos e resenhas, aprendia muito com as outras publicações. Creio que o mundo dos fanzines também funciona assim, um vai ensinando e influenciando o outro. Essa referência, no entanto, não era por mim aproveitada para copiar formatos. Ou seja, fazer o fanzine do fanzine. Os outros funcionavam mais como um estímulo para crescer e diferenciar o que eu fazia. Tudo isso, vale ressaltar, na mais absoluta curtição e sem qualquer pretensão profissional ou editorial. Por outro lado, como tudo na vida, havia um pouco de competição entre os editores.

O fanzine que mais provocou impacto em mim quando era editor foi **Quadrix**, editado em São Paulo por Worney Almeida de Souza. Estava ali o formato de zine que eu gostaria de fazer, com ênfase para a informação histórica e jornalística. Worney tinha dois trunfos na mão: acesso fácil a importantes nomes do quadrinho nacional e a uma gráfica de offset em chapa papel, a um custo barato. Ficava maravilhado com as edições de 40, 60 páginas que ele fazia, com longas entrevistas que recuperavam parte da memória do quadrinho brasileiro. Em Salvador, porém, não havia como conseguir uma

impressão daquela a um custo permissível a quem ganhava uma mesada de estudante. Até que viajei para São Paulo, em janeiro de 1986, onde fui passar férias. Lá, conheci Worney. Numa visita à sua casa, deparei-me também com outros desenhistas que admirava como os geniais Ofeliano e Vilachã.

Muito gentil, Worney ofereceu-se para uma missão trabalhosa: imprimir um fanzine para mim e enviar toda tiragem pelo correio. Sem qualquer custo além das despesas gráficas e de envio. Levei a oferta a sério e em um mês reformulei por completo o **Quadrinhos Magazine**. Abandonei o tamanho meio ofício e montei um zine em ofício e com 22 páginas. Era uma edição totalmente impregnada de militância pelo quadrinho nacional. A capa de Cedraz trazia um cangaceiro contra Super-Homem e anunciava uma luta fictícia entre os heróis estrangeiros e brasileiros. Escrevi a história e Anibal Cassal deu o texto final. Bem panfletária, mas ideal para aquele momento. Como eu havia visitado a editora Abril e conhecido o departamento de quadrinhos, trouxe de lá um monte de novidades para os próximos meses, que me permitiu criar uma seção só com as notícias quentes.

Mandei os originais e o dinheiro para Worney. Ele rodou 200 exemplares que ficaram maravilhosos para mim, claro. Só que houve um problema e o pacote chegou às minhas mãos uns seis meses depois, quando já havia perdido todas as esperanças. Nesse meio tempo, um professor do colégio onde eu estudava apresentou-me para o chefe da gráfica e pediu-lhe para que me ajudasse a imprimir um fanzine em formato meio ofício só com piadas desenhadas por Cedraz. Chamava-se **Baianada** e reunia o melhor do desenhista nos anos de 1970. Rodamos cem exemplares. Com a chegada da tiragem do número 1 do **Quadrinhos Magazine**, segunda fase, animei-me para fazer o número dois. Temia que houvesse alguma resistência na gráfica, mas o mesmo professor de antes me deu a senha: deveria presentear sempre o funcionário da gráfica com alguns litros de cachaça que meu pai sempre trazia de um amigo do interior. Assim, o problema da impressão estava resolvido.

A segunda série do **Quadrinhos Magazine** durou dois anos. De acordo com a disponibilidade de grana, fazia com menos ou mais páginas. Consegui editar dois números (4 e 6) com 50 páginas em tamanho ofício. Uma loucura que não sei se repetiria hoje. Saíram seis números, mas foram impressos (parcialmente) sete. Eu estava tão desanimado para continuar que nem tive ânimo para concluir e distribuir o último. Dei alguns exemplares a amigos mais próximos e destruí o resto num momento impensado. Arrependo-me disso porque tinha uma entrevista interessante com o editor Franco de Rosa sobre a Press Editorial, a primeira editora nacional a publicar os artistas brasileiros com edições no formato graphic novel.

Esse foi o fanzine que mais me deu prazer. Nele, aprendi no tapa a diagramar e a dar lógica aos textos, fazer entrevistas, resenhas. Enfim, um laboratório jornalístico. Acho que contribuí para divulgar novos desenhistas, como o maravilhoso Carlos Alberto, de Natal, RN. Também comprei algumas brigas ao me meter a comentar os fanzines que saíam. Conquistei alguns inimigos por isso. Sem querer, quebrei um pouco da harmonia que havia da convivência entre os editores. Fui levado a sério demais. Um desses problemas aconteceu em relação ao então editor da Abril João Paulo Martins, conhecido como Jotapê, depois editor da excelente editora Via Lettera. Em 1987, ele criou um fanzine chamado **Portal do Universo**, que Worney denunciou como uma contra-ofensiva da redação da Abril em relação às críticas que a editora vinha sofrendo por mutilar as histórias da Marvel e da DC. Ele ficou furioso, mandou uma longa carta, que publiquei na íntegra.

Nessa fase, aconteceram alguns fatos curiosos. Um deles aconteceu comigo. Certo dia, por acaso, descobri que um orelhão perto da minha casa fazia ligação interurbana com ficha local. Melhor, com uma única ficha, podia falar por tempo indeterminado com qualquer lugar do país. Esse defeito durou uns dois anos. Isso me permitiu fazer um fanzine com informações quentíssimas. Ou seja, preparava toda a edição durante um, dois ou três meses. Quando quase todo o material já estava na gráfica, eu corria para o telefone, ligava para vários editores e desenhistas, colhia um monte de novidades, fazia duas páginas com o material e fechava a edição. Uma semana depois, os leitores recebiam as notícias quentinhas. Creio que esse foi um dos diferenciais do **Quadrinhos Magazine**.

A exemplo do Worney, também me ofereci para imprimir fanzines de outros estados na gráfica do colégio, sem qualquer vantagem econômica para mim. A pessoa mandava o dinheiro para impressão e remessa apenas. Fazia isso por pura amizade e coleguismo.

Depois do fim da segunda fase do **Quadrinhos Magazine**, fiquei um tempo sem editar nada. Aproveitei para dedicar-me à produção de roteiros para quadrinhos. Além de fornecer material para Cedraz, fiz roteiros de quadrinhos eróticos para a Maciota, de Franco de Rosa. Algumas poucas histórias foram aproveitadas. Esse contato direto com os quadrinhos aconteceu naquela fase pós-adolescência que se começa a descobrir o mundo e o que há de interessante e desagradável nele. Novidades que, geralmente, a vida universitária ajuda a aproximar – movimento estudantil, novas disciplinas e assuntos interessantes. No meu caso, o curso de jornalismo, que me permitiu mergulhar em história, sociologia, antropologia e cinema.

Cito isso tudo porque foram influências imediatas que levei para os fanzines. Passei a devorar compulsivamente livros sobre cinema e história do

Brasil, com ênfase para o longo período entre as duas ditaduras brasileiras – Estado Novo, de Vargas (1937) e toda a ditadura militar (1964-1985). A literatura regionalista brasileira também se tornou uma paixão, mais precisamente os livros de José Lins do Rego, que releio sempre. No período de 1986 a 1989, quando aconteceu o auge do rock nacional (ouvia muito Camisa de Vênus, Ira!, Legião Urbana, Raul Seixas), enveredei-me ainda por algumas descobertas que não abandonaria nunca mais: os romances da geração beat e dos autores malditos americanos (Bukowski, Fante, Kerouac, Salomon, Cassidy e outros) que passei a devorar, graças a Ernani, um sujeito bem legal de Brasília, que abriu em Salvador uma livraria chamada Kaya, de curta duração, mas inesquecível.

Esse contato com a Kaya aproximou-me muito do rock americano de todos os tempos, que ia desde a década de 1950 aos anos de 1980. Dos Rolling Stones aos Smiths, passando pelo experimentalismo do Velvet Underground e o punk do Clash. Tudo isso, misturado com os quadrinhos de Robert Crumb e Marcatti, mais as maravilhas das minisséries de luxo e graphic novels que chegaram ao Brasil na segunda metade da década de 1980. De tudo isso nasceu o fanzine **Livre Cativo**, só com quadrinhos radicais de sátiras a personagens da TV e dos próprios quadrinhos e abordagem política sobre a situação política do momento. Eu fazia os roteiros e Leônidas Grego e Sidney Falcão cuidavam dos desenhos.

Livre Cativo teve o apoio de Ernani, que forneceu todo o papel, cerca de cinco mil folhas – dez pacotes. Ele fez isso por puro entusiasmo, com parte do seu salário de bancário. Não imaginava que causaria indignação dos frequentadores candidatos a poetas. Cobraram dele o fato de ter patrocinado uma “baixaria” daquela ao invés de pagar a impressão de seus livros de poemas. E o fanzine virou uma afronta. Suas histórias foram execradas e rotuladas como mera pornografia por editores de todo o país. Cartas de protesto vieram de todo Brasil. Pressionado, Ernani escondeu o zine debaixo do balcão.

Nesse momento, produzíamos como loucos, fizemos mais de 300 páginas em poucos meses. **Livre Cativo** saiu em junho de 1989. A revista zine não teve continuidade, embora tenha montado mais dois números que permanecem comigo, inéditos. Releio agora esse material e acho que foi uma pena não ter sido aproveitado.

Entre 1989 e 1990 fiz apenas dois fanzines especiais: um dedicado aos 50 anos de Shimamoto e outro à dupla R. F. Lucchetti e Nico Rosso. O primeiro – **Shima Especial** – foi classificado por Franco de Rosa num artigo no **Jornal da Tarde** como “o melhor fanzine de todos os tempos”. O que impressionou tanto ele foi o modo como a edição foi composta. A partir de dois questionários que elaborei, Shima fez o fanzine inteiro à mão e ilustrou as

páginas com imagens de sua infância, juventude e vida profissional. Isso, em 22 páginas, tamanho ofício. Uma grata satisfação. O outro fanzine chamou-se **Ghost Writer**. Fiz na faculdade, como trabalho de disciplina, em parceria com a colega Ana Rita Freitas. A matéria bruta foi uma série de entrevistas por escrito realizada com Lucchetti sobre sua vida profissional e seus trabalhos em parceria com Nico Rosso.

Ainda na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, sugeri ao professor Rogério Marcelo que criasse, em 1991, o Centro Experimental de Fanzines, uma experiência pioneira no Brasil. A partir do conceito original americano de revista de fã, ele estimulou duplas de alunos a produzirem fanzines, que tiveram tiragens superiores a 50 exemplares. Foram feitas dezenas de publicações durante vários semestres. Além de apurar sobre a vida de artistas, políticos, escritores, etc., os estudantes tinham de diagramar e montar as publicações. Até Irmã Dulce ganhou um fanzine sobre sua vida. Uma ideia a ser copiada por cursos de jornalismo de todo o Brasil, porque permite aos alunos exercitarem todas as etapas de produção de um jornal.

Foi na faculdade que fiz meu último fanzine, **Balloon**, em parceria com três colegas viciados em quadrinhos: João Carlos Sampaio, Alexandre Augusto e Marcos Vinhas. Influenciados pelas disciplinas teóricas de comunicação, fizemos um fanzine “cabeça”, como definiu o jornal **Folha de S. Paulo**. Eram ensaios interpretativos sobre o que se produzia de quadrinhos na época, com ênfase para a explosão das graphic novels e minisséries de luxo. Foram três edições caprichadas, com cuidadoso tratamento gráfico e editorial. Acabou porque os editores se formaram e foram cuidar de suas vidas.

Desde que a internet se tornou um meio revolucionário de comunicação, imaginei o quanto essa ferramenta seria útil para a proposta libertária dos fanzines. Sim, libertária porque até mesmo os zines de fã trazem a marca da comunicação livre e descompromissada. Creio que, com o acesso cada vez mais fácil ao meio, os zines eletrônicos poderiam ser um número bem maior. Há, nesse aspecto, certa dificuldade ainda para se explorar as potencialidades de um jornal eletrônico. Até mesmo os profissionais mais habilitados encontram dificuldades em descobrir um formato ideal de leitura para internet. Não se encontrou ainda um meio-termo visual entre o computador, as revistas, os jornais e a televisão para explorar melhor a rede. Os fanzineiros são, sem dúvida, uma ferramenta importante nesse processo de descobertas. Cabe a eles experimentar, fazer colagens, encontrar novas linguagens, exatamente como sempre fizeram com o papel e a tesoura. Devem também adotar cada vez mais o e-mail como meio de comunicação rápido e barato. A internet pode ser também um mero veículo difusor dos fanzines tradicionais. Com uma impressora em casa, por exemplo, o leitor pode

simplesmente receber o jornal em formato A4, via e-mail, e imprimi-lo para uma leitura mais convencional. Por ser um meio barato, acredito que esse será o melhor caminho para a disseminação dos fanzines. Resistir a essa tecnologia é uma bobagem. Fanzine rima com democracia da informação. Esse é o seu futuro.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Edições produzidas por Gonçalo Júnior:

– **A Folha dos Quadrinhos** (ofício, 4 a 10 pág.): nº 1 (fev/1983) a nº 23 (dez/1984). Impresso em mimeógrafo a álcool. Até o nº 9 o nome era simplesmente **A Folha**.

– **Jornal dos Quadrinhos** (1/2 of., 8 pág.): nº 1 (1984). Impresso em xerox com tiragem de 20 exemplares.

– **Quadrinhos Magazine** (1/2 of., 20 a 24 pág.): nº 1 (jul/1984) a nº 4 (jul/1985). Impresso em xerox.

– **Quadrinhos Magazine** nova fase (ofício, 18 a 50 pág.): nº 1 (mar/abr/1986) a nº 7 (set/1988). Impresso em offset.

– **Baianada** (1/2 of., 28 pág.): nº 1 (ago/1986). HQs de Cedraz e outros autores baianos, tiragem de 500 exemplares.



– **Livre Cativoiro** (1/2 of., 48 pág.): nº 1 (jun/1989).

– **Shima Especial** (ofício, 22 pág.): outubro de 1989. Edição dedicada a Júlio Shimamoto, impressa em xerox.

– **Ghost Writer** (ofício, 18 pág.): outubro de 1990. Edição dedicada a Rubens Francisco Lucchetti, impressa em xerox.

– **Balloon** (ofício, 22 a 28 pág.): nº 1 (mai/1991) a nº 3. Impressão em offset com tiragem de 1000 exemplares.



A partir do começo dos anos 2000, Gonçalo Júnior começou a publicar livros teóricos sobre vários assuntos, com destaque para as Histórias em Quadrinhos. Alguns deles são:

- **País da TV** (Conrad, 2001).
- **O Homem Abril** (Abril, 2003).
- **A Guerra dos Gibis** (Companhia das Letras, 2004).
- **Alceu Penna** (Cluq, 2004).
- **Benício** (Cluq, 2006).
- **Biblioteca dos Quadrinhos** (Opera Graphica, 2006).



Depoimento do Editor

FLÁVIO CALAZANS

Flávio Mário de Alcântara Calazans nasceu em Santos, SP, em 1962. Artista plástico, escritor, autor de HQs, pesquisador universitário e editor de fanzines.

A Cooperativa Barata foi criada no começo de 1979 e publicou o nº 0 da revista **Barata** em outubro de 1979. É considerada pela crítica especializada na Europa com o status de “cult”. Representou o Brasil em exposições de Histórias em Quadrinhos, Fanzines, Arte Xerox e Arte Postal em Portugal, Espanha, Cuba, etc. Foi requisitada para os acervos da Biblioteca do Congresso dos USA, Dieta Japonesa, Bedoteca de Lisboa, Fanzinothèque de Poitiers, Museu de Bande Dessinée de Angouleme e Casa da Juventude de Ourense, além de diversas gibitecas do Brasil, como Gibiteca de Curitiba, Gibiteca Henfil da Paraíba, Gibiteca Henfil de São Paulo e Gibiteca Marcel Rodrigues Paes de Santos.

Esta revista sempre foi vendida em universidades, sendo o contato direto dos produtores com os leitores, em feedback imediato, a causa do rápido amadurecimento e aperfeiçoamento de técnicas e propostas dos autores (como fazem as revistas laboratoriais) em uma contínua investigação de linguagem, de cuja pesquisa experimental resultou um tipo de quadrinho-pôster, desconstrução narrativa, anti-linearidade, parataxe – uma nova poética de imagens na velocidade subliminar de um videoclip, mixando BD europeia com os comix dos USA e o mangá do Japão. Autores de quadrinhos que fizeram sua estreia na **Barata** depois publicaram profissionalmente em grandes editoras como a Abril e revistas como **Heavy Metal**.



A cada lançamento da revista, ocorria a Festa da Barata, um tipo de Bumba-meu-Boi, segundo uma professora de Folclore, uma procissão ou festança, uma folia, um carnaval como brasileiros gostam. Na frente, um porta-

bandeira com um cartaz de madeira anunciando que “A Barata está entre nós” ou “A Barata ataca outra vez”. Este arauto ia gritando pelos corredores e pátios das faculdades avisando do lançamento da revista. Em seguida, o carro alegórico, uma barata pré-histórica em papier machê, com rodas de madeira, uns 50 cm, pintada de látex marrom, pernas de fios pretos de eletricidade com fiapos de lã amarrados, antenas de arame grosso recoberto de borracha negra, asas de cartolina de caixa de supermercado forrada de sacos de lixo preto (feita por Calazans e Bar). Depois dele, dois guarda-costas praticantes de artes marciais impedindo engraçadinhos de pisar na barata que ia sendo puxada por fios de nylon. E então Fernando Feijó vinha com um vidro cheio de baratas vivas enormes, com uma ficha de cassino dentro: a moça que colocasse a mão e tirasse a ficha sem deixar nenhuma barata escapar subindo pelo seu braço ganhava um exemplar da revista (surpreendentemente, sempre havia duas ou três jovens que conseguiam, a maioria enojada fugia do desafio). Por fim, algumas meninas das mais bonitas das classes ajudavam vendendo a revista de mão em mão. Eu fechava o desfile vindo no final da procissão junto a outros autores e curiosos, observando reações e anotando mentalmente os comentários e críticas para debater nas reuniões seguintes do grupo.

Este evento, a Festa da Barata, como ficou conhecido, não era fixo nem datado, podia ocorrer três ou quatro em um ano, uma só vez em todo o ano, era imprevisível e atraía muito os calouros, motivava outros grupos de Teatro e de poetas a realizar eventos semelhantes para divulgar suas obras, era um tipo de performance ou happening que realizávamos com muito prazer.

MOTIVAÇÃO – Na verdade, a inspiração (para a revista **Barata**) veio do **Zap Comix** de Robert Crumb, da possibilidade de auto-edição, e da **Métal Hurlant**, que era feita meio em cooperativa-mutirão por Druillet, Moebius, Caza e outros rejeitados da **Pilote** de Goscinny, ou seja, era o underground USA e a França que nos inspiravam.

Eram os tempos da ditadura militar quando saíamos com mimeógrafo a álcool emprestado, escondidos para rodar as matrizes-estêncil de várias cores misturadas (inovação técnica, mas o verde acabava antes e era preciso retocar diversas vezes), era rodado e intercalado na mesa de jantar da minha casa, era 1979 e trabalhávamos em mutirão, cooperativa, todos juntos...

Em um catálogo da editora Brasileira, vi na seção de cartas o Adrovando Claro de Oliveira falando da revista **Maturi** (Natal, RN). Escrevi a ele, trocamos experiências e contatos e por meio da **Maturi** contatei outros editores alternativos, naqueles tempos ninguém usava este termo genérico “fanzine”, nos víamos como independentes, alternativos, udigrudi!

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Flávio Calazans organizou, em 1985, a Primeira Exposição de Histórias em Quadrinhos de Santos. Em 1986, foi Diretor executivo da AQC prestando consultoria sobre Direito Autoral à Associação por cinco anos. Em 1988, recebeu o Troféu Risco de Melhor Roteirista de Quadrinhos.

Obteve o título de Doutor em Ciências da Comunicação, pela ECA/USP em 1993 e atua como professor e pesquisador pela Unesp desde 1995. Criou, em 1995, e coordenou até 2000, o Grupo de Trabalho Humor e Quadrinhos no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Publicou mais de 200 HQs em centenas de revistas e fanzines do Brasil e de outros países, totalizando mais de mil páginas.

Publicações produzidas por Flávio Calazans:

– **Barata** (ofício e 1/2 of., até 48 pág.): nº 0 (out/1979) a nº 26 (2000). No início, produção cooperativa em tamanho ofício e impressão em mimeógrafo a álcool. A partir do nº 6, passou a 1/2 ofício em xerox ou offset. Até o nº 14, trazia contos, poesia, quadrinhos, mas a partir do nº 15, em 1991, os quadrinhos passaram a predominar com a palavra incorporada ao nome da revista, **Barata Quadrinhos**.

– **Barata Especial** (ofício, 14 pág.): s/nº (abr/1981). Impresso em mimeógrafo a álcool.

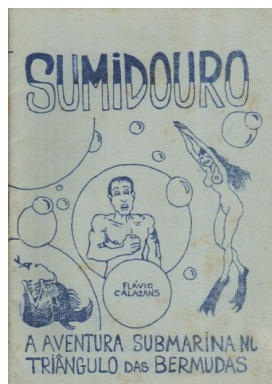
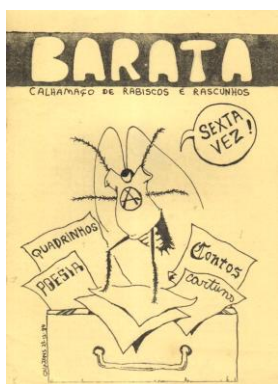
– **Fósseis do Futuro**: 1982.

– **Pazuzu**: 1983.

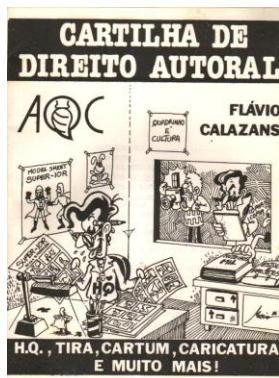
– **Cadernos de Calazans**: 1984.

– **Poesia Barata**: 1984.

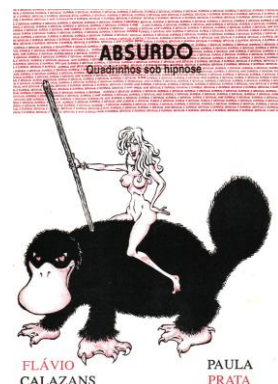
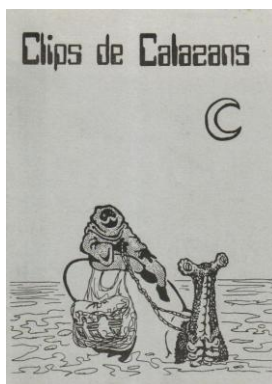
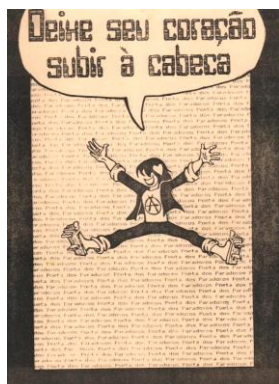
– **Sumidouro** (A6, 32 pág.): 1986.



- **Cartilha de Direito Autoral** (1/2 of., 24 pág.): 1986.
- **Quadrinhos Libertários**: 1987.
- **Guerra das Ideias**. 1ª edição publicada por Worney em 1987; 2ª edição do autor, em 1992; mais 3 edições pela Marca de Fantasia em 1997, 2001 e 2011.
- **Barata Quadrinhos** (1/2 of., 40 pág.): nº 0 (1987). Edição especial de quadrinhos, antes que **Barata** passasse a privilegiar as HQs em 1991.



- **Deixe Seu Coração Subir à Cabeça** (1/2 of., 40 pág.): 1989.
- **Clips de Calazans** (1/2 of., 32 pág.): 1989. Esta edição e a anterior foram impressas em papel de várias cores.
- **Absurdo** (ofício, 44 pág.): 1991. Quadrinhos sob hipnose, co-autoria com Paula Prata.



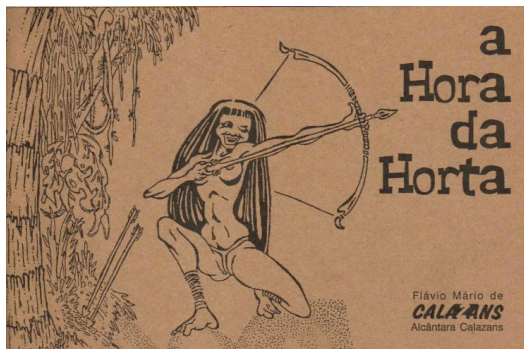
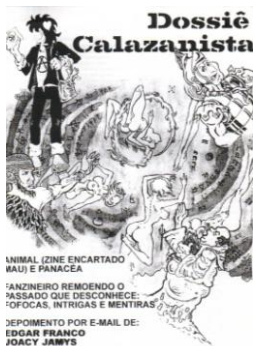
- **Num Güento Mais Dinossauro** (1/2 of., 16 pág.): 1993.
- **Panacea** (ofício, 4 a 6 pág.): nº 1 (mai/1994) a nº 4 (nov/1994).
- **Desfrutar a Dor** (ofício, 34 pág.): nº 1 (jan/1995).



- Calazans (1/2 of., 22 a 32 pág.): nº 1 (mai/1996) a nº 3 (set/1996).
- Diário de um Urubu (1/2 of., 28 pág.): s/nº (jul/1996).
- Humor e Quadrinhos no Intercom 96 (carta, 276 pág.): 1997. Co-edição com Edgard Guimarães.



- Dossiê Calazanista (1/2 of., 12 pág.): 2000.
- A Hora da Horta (215x140mm, 48 pág.): 2000.



Edições feitas por outros editores com trabalhos de Calazans:

- **Legenda** (1/2 of., 28 pág.): nº 25 (out/1992), Especial Calazans.
- **Guerra dos Golfinhos** encadernado (1/2 of., 68 pág.): 1993. Edição de Edgard Guimarães.
- **Tyli Tyli** (170x225mm, 16 pág.): nº 1 (fev/1995) a nº 7. Revista de quadrinhos poético-filosóficos da editora Marca de Fantasia, com o nome em homenagem à personagem de Calazans.



Livros de Flávio Calazans publicados:

- **Propaganda Subliminar Multimídia** (Summus, 1992).
- **Midiologia das Histórias em Quadrinhos** (edição do autor, 1994).
- **As Histórias em Quadrinhos no Brasil** (Intercom, 1997).
- **Ecologia e Biomidiologia** (Plêiade, 2002).
- **História em Quadrinhos na Escola** (Paulus, 2004).



APÊNDICE

Carta-convite enviada, no final de 2001, a 52 editores, pedindo seus depoimentos para comporem parte de um livro dedicado aos fanzines.

Caro Editor,

A Editora Opera Graphica está planejando lançar uma coleção de mais de uma dezena de volumes contando a história das publicações de quadrinhos no Brasil, cuja organização está a cargo de Worney A. Souza. Um dos volumes será dedicado à história das publicações amadora ou fanzines, e foram convidados para escrevê-lo Henrique Magalhães e eu, Edgard Guimarães.

Henrique Magalhães é um dos maiores estudiosos do assunto, tendo feito Mestrado e Doutorado na área, e com o livro **O Que É Fanzine** publicado pela editora Brasiliense. Eu tenho feito um trabalho de divulgação de fanzines nos últimos 9 anos através da publicação **QI – Quadrinhos Independentes** e editei um fanzine especial sobre Fanzines.

O objetivo do livro é traçar um histórico sobre os fanzines no Brasil, desde suas origens, detalhando suas fases, destacando publicações relevantes, etc. Mas gostaríamos também de acrescentar no livro depoimentos de editores cujos trabalhos tiveram importância, na definição de modelos, na valorização dos quadrinhos, na preservação de informações e HQs, no estudo dos quadrinhos, na inspiração a outros editores.

Portanto, gostaríamos de convidá-lo a escrever um depoimento para inclusão no livro. Para facilitar, listamos a seguir alguns tópicos que seria interessante que o depoimento tivesse.

- nomes dos fanzines editados, quantos números saíram, data de início e fim, características dos fanzines, como formato, número de páginas, meio de impressão.

- o que motivou a publicar um fanzine, como ficou sabendo da existência de outros fanzines.

- como fazia a distribuição, como contatava os leitores ou outros editores.

- qual o propósito do fanzine, qual o tipo de conteúdo, quais as dificuldades para fazê-lo, imprimi-lo e distribuí-lo.

- no caso de não publicá-lo mais, quais os motivos de ter parado.
- quais outros fanzines editados na época o influenciaram e cujo intercâmbio tenha enriquecido sua publicação.
- outras informações que julgar importantes, como acontecimentos curiosos ocorridos, repercussões de alguma edição, etc.

Pedimos também para acrescentar seus dados pessoais: nome completo, data de nascimento, nacionalidade, profissão, e uma foto (pode ser da época que fazia o fanzine). Se for possível, envie também cópias das capas dos fanzines, principalmente os primeiros números. E uma autorização (pode ser manuscrita) para que publiquemos seu depoimento.

Esperamos contar com sua ajuda para que o livro sobre Fanzines trace um panorama tão completo quanto possível da História das Publicações Amadoras no Brasil.

Obrigado,

A handwritten signature in black ink that reads "EDGARD GUIMARÃES". The signature is stylized with a large, sweeping flourish that extends from the end of the name and curves back towards the middle of the line.

EDGARD GUIMARÃES
Rua Capitão Gomes, 168
Brasópolis – MG – 37530-000

EDGARD GUIMARÃES



Engenheiro Eletrônico, Professor Universitário, Quadrinhista e Editor independente.

Editou o fanzine **PSIU** (saíram 3 números em 1982, 1985 e 1990), os especiais **PSIU Mudo** (1988), **Deus** (1989), **Eco Lógico** (1991), os livretos **Na Ponta da Língua** (1992) e **O Escroteiro Entrevistado** (1993, em parceria com Laudo), os livros **Rubens Lucchetti & Nico Rosso** (1994), **PSIU 13 Anos** (1995), **Desenquadro** (1996) e **Mundo Feliz** (2004) e os especiais **Fanzine** (2000) e **Pecado** (2005).

Tem colaborado desde 1979 com vários fanzines e edições independentes, com textos sobre quadrinhos, cartuns, ilustrações e HQs. **Historieta, Pica-Pau, 8ª Arte, Jornal da Gibizada, Fanzim, Nhô Quim, Overdose, Opinião, Mutação, PolítiQua, Prismarte, Zona, Múltiplo, Bedelho, Voyeur, Rhino, Top! Top!, Fêmea Feroz** são alguns deles.

Teve publicados, em revistas de banca, HQs em **Mestres do Terror, Circo, Piratas do Tietê e Superalmanaque Astronauta**, e textos em **Horror Show, Show Mix, Top Comics, Bad Girls e Comix Magazine**.

Participou de exposições coletivas em São Paulo, Santo André, São José dos Campos, Piracicaba, Curitiba, Araxá e Havana (Cuba).

Fez palestras e participou de debates sobre fanzines e HQs em eventos em Curitiba, Piracicaba, Araxá, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santos, Recife, Belo Horizonte, Manaus, Jaboticabal, Campo Grande (MS) e Salvador.

Apresentou artigos sobre HQ no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação nos anos 1998 a 2005, e no congresso da Intertech em 2002.

Recebeu o **Troféu Risco** de ‘Melhor Fanzine Especial’ em 1988; o **Prêmio Jayme Cortez**, de incentivo aos quadrinhos, em 1993, 1994, 1995, 1996, 1999, 2000 e 2006; o **Troféu Angelo Agostini** de ‘Melhor Fanzine’ em

1995, 1996, 1997, 1999 a 2005, 2008 e 2009; e a medalha *Angelo Agostini* de ‘Melhor Editor’ em 2002.

Participou das antologias **Sociedade dos Poetas Vivos** volume IX e **Antologia Del’Secchi** volumes IV, VI, VII e IX, com HQs poéticas; dos livros **Humor Brasil 500 Anos, 2001 – Uma Odisséia no Humor**, **Humor Pela Paz**, **Fome de Ver Estrelas** e **Isto é um Absurdo!**, com cartuns; **Tiras de Letra Outra Vez**, **Tiras de Letras Muito Mais** e **Tiras de Letra Até Debaixo d’Água**, com tiras; **20 Anos no HiperEspaço** e **Vinte Voltas ao Redor do Sol**, com contos; e do livro **As Histórias em Quadrinhos no Brasil – Teoria e Prática**, com texto teórico.

Lançou pela editora Marca de Fantasia os livros teóricos **Fanzine**, **Algumas Leituras de Príncipe Valente** e **O Que é História em Quadrinhos Brasileira** (org.); e as edições de quadrinhos **Tira-Teima**, **Calvo** (co-autoria com Luigi Rocco), **Oswaldo** (co-autoria com Antonio Eder) e **Mundo Feliz**.

Em 2010 iniciou uma coleção de livros voltados às Histórias em Quadrinhos. Já foram lançados **Entendendo a Linguagem das HQs** e **Três Centos de Cartuns**.

É membro da Academia Brazopolense de Letras e História.

Edita, desde 1993, inicialmente em conjunto com Worney A. Souza, o fanzine **Quadrinhos Independentes**.

Membria do Fanzine Brasileiro *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro*
Membria do Fanzine Brasileiro *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro*
Membria do Fanzine Brasileiro *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro*
Membria do Fanzine Brasileiro *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro*
Membria do Fanzine Brasileiro *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro*

Coletânea de Depoimentos de 23 Editores de Fanzines

**MÁRCIO COSTA
OSCAR KERN
LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO
ALVIMAR PIRES DOS ANJOS
EMIR LIMA RIBEIRO
DIAMANTINO DA SILVA
JOSÉ MAGNAGO
ROBERTO GUEDES
VALDIR DÂMASO
MARCELO MARAT
PAULO RICARDO
JOACY JAMYS
WALLACE VIANNA
CLÁUDIO S. DILLI
DENILSON ROSA DOS REIS
JOSÉ VALCIR
EDSON RONTANI
AIMAR AGUIAR
CLAUDIO RUBIN
GUTEMBERG CRUZ
HENRIQUE MAGALHÃES
GONÇALO SILVA JÚNIOR
FLÁVIO CALAZANS**

Publicados originalmente nos nºs 80 a 122 do fanzine QI,
entre mai/jun/2006 e jul/ago/2013.

Membria do Fanzine Brasileiro *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro*
Membria do Fanzine Brasileiro *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro*
Membria do Fanzine Brasileiro *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro*
Membria do Fanzine Brasileiro *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro*
Membria do Fanzine Brasileiro *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro* *Membria do Fanzine Brasileiro*